



livro número 1 na série
Memórias de um Vampiro

transformada

morgan rice

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

transformada

(livro número 1 na série Memórias de um Vampiro)

morgan rice

ELOGIOS SELECIONADOS PARA TRANSFORMADA

"TRANSFORMADA é a história ideal para leitores jovens. Morgan Rice fez um belo trabalho criando uma reviravolta interessante para o que poderia ser um conto de vampiros típico. Inovador e único, TRANSFORMADA tem os elementos clássicos encontrados em muitas histórias paranormais para jovens adultos. O primeiro livro da série Memórias de um Vampiro se concentra em uma menina... uma menina extraordinária! TRANSFORMADA é fácil de ler, mas tem um ritmo extremamente acelerado... Recomendado para qualquer pessoa que goste de ler romances paranormais leves. Adequado para maiores de 12 anos."

--The Romance Reviews

"TRANSFORMADA atraiu a minha atenção desde o começo e nunca parou... Esta história é uma aventura incrível com um ritmo acelerado e cheia de ação desde o início. Não há nenhum momento monótono. Morgan Rice fez um ótimo trabalho trazendo o leitor para dentro da história. Ela também tornou fácil torcer por Caitlin e desejar desesperadamente que ela consiga encontrar a sua verdade... Eu estarei esperando ansiosamente pelo segundo livro da série."

--Paranormal Romance Guild

"TRANSFORMADA é uma leitura simpática, fácil e sombria que você pode ler ao mesmo tempo em que lê outros livros, já que é curto... Você com certeza irá se divertir! "

--books-forlife.blogspot.com

"TRANSFORMADA é um livro que pode competir com CREPÚSCULO e DIÁRIOS DO VAMPIRO, e fará com que você queira continuar lendo até a última página! Se você gosta de aventura, amor e vampiros, este é o livro para você!"

--Vampirebooksite.com

"Rice faz um ótimo trabalho de trazer o leitor para dentro da história desde o início, usando uma incrível qualidade descritiva que transcende a mera pintura do cenário... Bem escrito e extremamente rápido de ler, TRANSFORMADA é um bom início para uma nova série de vampiros que certamente será um sucesso com leitores que procurem uma história leve, porém interessante."

--Black Lagoon Reviews

Sobre Morgan Rice

Morgan é a autora da série épica de fantasia best-seller, O ANEL DO FEITICEIRO, atualmente com dez livros. O primeiro livro da série, UMA MISSÃO DE HERÓIS, está disponível como um [download GRATUITO no Amazon!](#)

Morgan Rice é a autora do best-seller MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO, uma série infanto-juvenil com dez livros que foram traduzidos em seis idiomas, e que começa com o livro TRANSFORMADA (Livro 1)!

Morgan também é a autora dos best-sellers ARENA UM e ARENA DOIS, os primeiros dois livros da TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um suspense de ação pós-apocalíptico que se passa no futuro.

Morgan adora ler os seus comentários, por isso sinta-se livre para visitar www.morganricebooks.com e entrar em contato.

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

- UMA MISSÃO DE HERÓIS (Livro 1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro 2)
- UM BANQUETE DE DRAGÕES (Livro 3)
- UM CONFLITO DE HONRA (Livro 4)
- UMA PROMESSA DE GLÓRIA (Livro 5)
- UMA TAREFA DE VALOR (Livro 6)
- UM RITUAL DE ESPADAS (Livro 7)
- UMA DOAÇÃO DE ARMAS (Livro 8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro 9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro 10)

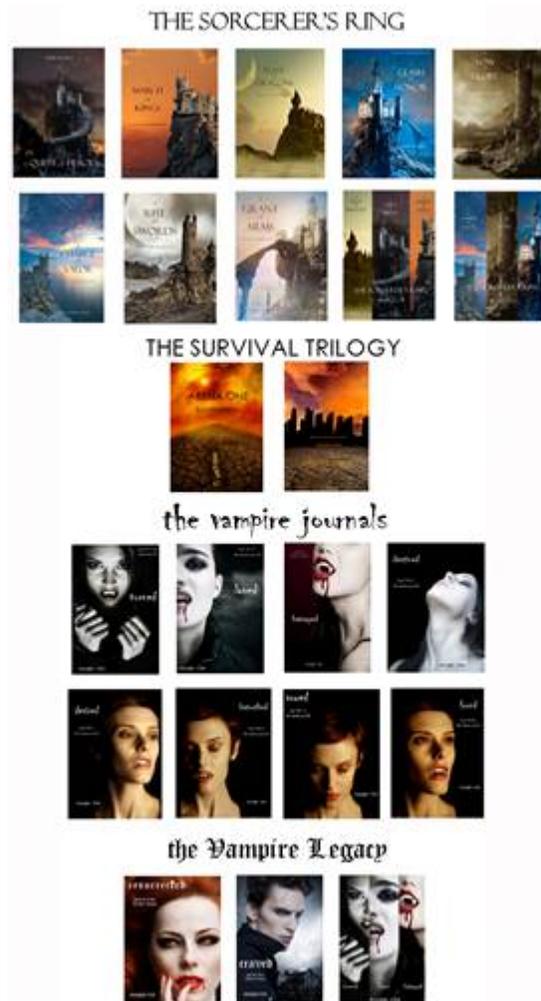
A TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA

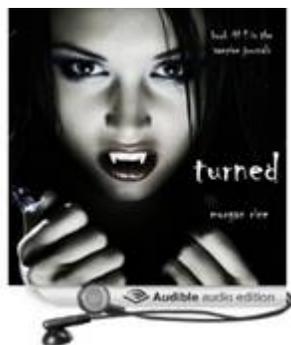
- ARENA UM: COMERCIANTES DE ESCRAVOS (Livro 1)
- ARENA DOIS (Livro 2)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro 1)
- AMADA (Livro 2)
- TRAÍDA (Livro 3)
- DESTINADA (Livro 4)
- DESEJADA (Livro 5)
- PROMETIDA (Livro 6)
- JURADA (Livro 7)
- ENCONTRADA (Livro 8)
- RESSUSCITADA (Livro 9)
- NECESSÁRIA (Livro 10)

[Clique aqui para baixar estes livros de Morgan Rice no Amazon agora!](#)





[Ouça](#) a série MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO em áudio!

Agora disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTunes](#)

Copyright © 2011 de Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido sob a Lei Americana de Direitos Autorais de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida em qualquer forma ou de qualquer maneira, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a permissão prévia da autora.

Este e-book está licenciado apenas para o seu entretenimento pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado para outras pessoas. Se você desejar compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia adicional para cada recipiente. Se você estiver lendo este livro e não o adquiriu, ou se ele não foi adquirido apenas para o seu uso, por favor, devolva-o e adquira a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produtos da imaginação da autora ou são usados ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

"É saudável, então, sair de casa mal vestido e aspirar este humor úmido da manhã? Como! Bruto está doente, e se esgueira do leito agasalhado, para expor-se ao contágio vil da noite?"

--William Shakespeare, *Júlio César*

Índice

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesesseis
Capítulo Dezesete

Capítulo Um

Caitlin Paine sempre temeu seu primeiro dia em uma nova escola. Havia as coisas grandes, como conhecer novos amigos, novos professores, memorizar novos corredores. E havia as coisas pequenas, como ter um armário novo, o cheiro de um lugar novo, os sons que ele fazia. Mais do que qualquer coisa, ela temia os olhares. Ela sentia que todos em um lugar novo sempre a encaravam. Tudo o que ela queria era o anonimato. Mas ele não parecia estar no seu destino.

Caitlin não conseguia entender por que ela era tão notável. Medindo 1,67 m, ela não era especialmente alta, e com seus cabelos e olhos castanhos (e peso normal), ela se sentia comum. Certamente não se sentia bonita, como as outras meninas. Aos 18 anos, ela era um pouco mais velha, mas não o suficiente para fazê-la se destacar.

Existia alguma outra coisa. Ela tinha algo que fazia as pessoas olharem duas vezes. Ela sabia, lá no fundo, que era diferente. Mas não sabia exatamente como.

Se havia algo pior do que um primeiro dia, era começar no meio do ano, depois que todos os outros já haviam tido tempo para se conhecer. Hoje, este primeiro dia, no meio de março, seria um dos piores. Ela conseguia sentir isso.

No entanto, na sua imaginação, ela nunca pensou que seria *tão* ruim assim. Nada do que ela tinha visto—e ela tinha visto muito—a havia preparado para isso.

Caitlin parou na frente da sua nova escola, uma ampla escola pública de Nova York, naquela manhã gelada de março, e se perguntou, *por que eu?*

Ela vestia pouquíssimas roupas, apenas um suéter e leggings, e não estava nem remotamente preparada para o caos barulhento que a saudou. Centenas de jovens estavam lá, chamando, gritando e empurrando uns aos outros. Parecia o pátio de uma prisão.

Era tudo alto demais. Estes jovens riam alto demais, xingavam demais, empurravam uns aos outros com força demais. Ela teria pensado que aquilo era uma grande briga se não conseguisse encontrar alguns sorrisos e risadas de escárnio. Eles apenas tinham energia demais, e ela, exausta, com frio,

sem dormir, não podia entender de onde essa energia vinha. Ela fechou os olhos e desejou que tudo sumisse.

Ela colocou as mãos nos bolsos e sentiu algo: seu ipod. *Sim*. Colocou seus fones de ouvido e ligou o aparelho. Ela precisava abafar tudo aquilo.

Mas nada aconteceu. Ela olhou para baixo e viu que a bateria havia acabado. *Ótimo*.

Ela checou seu telefone, esperando por alguma distração, qualquer coisa. *Nenhuma nova mensagem*.

Ela olhou para cima. Olhando para aquele mar de novos rostos, ela se sentiu sozinha. Não por ser a única garota branca—na verdade, ela preferia isso. Alguns dos seus melhores amigos em outras escolas eram negros, hispânicos, asiáticos, indianos—e alguns dos seus piores inimigos haviam sido brancos. Não, não era isso. Ela se sentia sozinha porque o ambiente era urbano. Ela estava pisando em concreto. Um sino alto soou para permitir a entrada dela nesta “área recreativa,” e ela teve que atravessar grandes portões de metal. Agora, ela estava presa—enjaulada por enormes portões de metal com arame farpado no topo. Ela se sentiu como se tivesse ido para a prisão.

Olhar para a enorme escola, as barras e grades em todas as janelas, não a fez se sentir melhor. Ela sempre havia se adaptado à novas escolas facilmente, grandes ou pequenas—mas todas elas se localizavam nos subúrbios. Aqui, não havia nada além de cidade. Ela sentiu que não conseguia respirar. Aquilo a apavorava.

Outro sino alto soou e ela foi, com centenas de jovens, arrastando os pés na direção da entrada. Ela foi empurrada com força por uma garota grande, e deixou seu diário cair. Ela o juntou (bagunçando seu cabelo), e olhou para cima para ver se a garota iria se desculpar. Mas ela já havia sumido, tendo seguido em frente com a multidão. Ela ouviu risos, mas não pôde dizer se eles estavam direcionados à ela.

Ela segurou seu diário, a única coisa que mantinha seus pés no chão. Ele havia estado com ela em todo o lugar. Ele tinha notas e desenhos de todos os lugares em que ela havia estado. Ele era um mapa da sua infância.

Ela finalmente chegou à entrada e precisou se espremer para passar por ela. Era como entrar em um trem durante a hora do rush. Ela esperava que a temperatura estivesse mais quente quando entrasse, mas as portas abertas atrás dela mantinham uma brisa severa soprando em suas costas, tornando o frio ainda pior.

Dois grandes guardas de segurança estavam parados na entrada, acompanhados de dois policiais da cidade de Nova York, em seus uniformes completos, armas visivelmente ao seu lado.

“CONTINUEM ANDANDO!” comandou um deles.

Ela não conseguia entender por que dois policiais armados precisavam guardar a entrada de uma escola de ensino médio. A sua sensação de pavor cresceu. A sensação ficou muito pior quando ela olhou para cima e viu que teria que passar por um detector de metais com segurança de aeroporto.

Mais quatro policiais armados estavam parados nos dois lados do detector, com mais dois guardas de segurança.

“ESVAZIEM SEUS BOLSOS!” gritou um guarda.

Caitlin notou os outros jovens enchendo pequenos recipientes de plástico com itens de seus bolsos. Ela rapidamente fez o mesmo, adicionando o seu ipod, carteira, chaves.

Ela passou pelo detector, e o alarme chiou.

“VOCÊ!” gritou o guarda. “Para o lado!”

Claro.

Todos os garotos olhavam enquanto ela era obrigada a levantar os braços, e o guarda passava o scanner de mão por todo o seu corpo.

“Você está usando alguma joia?”

Ela passou a mão no pulso, e então no pescoço, e de repente, se lembrou. Sua cruz.

“Tire-a,” gritou o guarda.

Era a gargantilha que a sua avó havia dado a ela antes de morrer, uma pequena cruz de prata, gravada com uma descrição em latim que ela nunca havia traduzido. Sua avó contou a ela que a cruz havia sido passada para ela pela sua avó. Caitlin não era religiosa e não entendia realmente o que aquilo significava, mas ela sabia que a cruz tinha centenas de anos e era, de longe, a coisa mais valiosa que ela tinha.

“Prefiro não tirar,” ela respondeu.

O guarda a encarou, frio como gelo.

De repente, uma confusão começou. Pessoas gritaram quando um policial agarrou um garoto alto e magro e o empurrou contra uma parede, retirando uma faca do seu bolso.

O guarda foi ajudá-lo e Caitlin aproveitou a oportunidade para sumir com a multidão caminhando pelo corredor.

Bem-vinda à escola pública de Nova York, Caitlin pensou. Ótimo.

Ela já estava contando os dias para a formatura.

*

Os corredores eram os mais largos que ela já havia visto. Ela não podia imaginar como eles poderiam ficar cheios, no entanto, eles estavam completamente lotados, com todos os garotos espremidos, ombro contra ombro. Deviam haver milhares de jovens nesses corredores, o mar de rostos se alongando infinitamente. O barulho aqui era ainda pior, batendo nas paredes, condensado. Ela queria cobrir os ouvidos. Mas ela nem sequer tinha espaço suficiente para levantar os braços. Ela se sentiu claustrofóbica.

O sino tocou e a energia aumentou.

Já atrasada.

Ela examinou seu cartão de salas novamente e finalmente encontrou a sala distante. Ela tentou cortar caminho através do mar de corpos, mas não estava chegando a lugar nenhum. Finalmente, depois de várias tentativas, ela percebeu que precisava ficar mais agressiva. Ela também começou a cotovelar e empurrar. Um corpo por vez, ela conseguiu passar por todos os garotos através do corredor largo, e abriu a pesada porta de sua sala de aula.

Ela se preparou para todos os olhares, já que ela, a nova garota na escola, havia chegado atrasada. Ela imaginou o professor a repreendendo por interromper uma sala de aula silenciosa. Mas ela ficou chocada em ver que este não era o caso. Esta sala, construída para 30 alunos, mas abrigando 50, estava lotada. Alguns garotos estavam sentados em suas carteiras, e outros caminhavam entre as fileiras, gritando e berrando uns com os outros. Era o caos.

O sino havia tocado cinco minutos atrás, no entanto, o professor, desgrenhado, usando um terno amassado, não havia sequer começado a aula. Ele sentou com os pés em cima da mesa, lendo o jornal, ignorando a todos.

Caitlin caminhou até ele e colocou seu novo cartão de identificação na mesa. Ela ficou parada lá e esperou que ele olhasse para cima, mas ele nunca o fez.

Ela finalmente limpou a garganta.

“Com licença.”

Ele baixou o jornal relutantemente.

“Meu nome é Caitlin Paine. Eu sou nova. Acho que tenho que lhe dar isso.”

“Eu sou apenas um substituto,” ele respondeu, e levantou o jornal, bloqueando-a.

Ela ficou parada ali, confusa.

“Então,” ela perguntou, “...você não faz a chamada?”

“O seu professor vai voltar na segunda,” ele retrucou. “Ele vai cuidar disso.”

Percebendo que a conversa havia acabado, Caitlin pegou seu cartão de identificação de volta.

Ela se virou e olhou para a sala. O caos ainda não havia acabado. Se houvesse alguma esperança, pelo menos ela não era óbvia. Ninguém ali parecia se importar com ela, ou até mesmo notá-la.

Por outro lado, observar a sala lotada era preocupante: não parecia haver nenhum lugar para sentar.

Ela se preparou e, agarrando seu diário, caminhou hesitante pelas fileiras de carteiras, vacilando algumas vezes enquanto caminhava entre garotos brigões gritando uns com o outros. Quando ela chegou ao fundo, finalmente conseguiu ver a sala inteira.

Nenhuma cadeira vazia.

Ela ficou parada lá, se sentindo como uma idiota, e sentiu que os outros garotos começavam a notá-la. Ela não sabia o que fazer. Com certeza ela não iria ficar ali parada pelo período inteiro, e o professor substituto não parecia se importar com o que acontecesse. Ela se virou e olhou novamente, procurando, indefesa.

Ela ouviu risos vindos de algumas fileiras distantes, e tinha certeza de que eles estavam direcionados a ela. Ela não se vestia como estes jovens, e não se parecia com eles. As suas bochechas coraram e ela começou a se sentir totalmente visível.

Quando ela estava se aprontando para sair da sala de aula, e talvez até desta escola, ela ouviu uma voz.

“Aqui.”

Ela se virou.

Na última fila, ao lado da janela, um garoto alto estava em pé ao lado de sua carteira.

“Sente-se,” ele disse. “Por favor.”

A sala se silenciou um pouco enquanto os outros esperavam para ver como ela iria reagir.

Ela caminhou até ele. Ela tentou não olhar em seus olhos—grandes, verdes e brilhantes—mas não conseguiu evitar.

Ele era lindo. Tinha a pele macia, levemente bronzeada—ela não sabia dizer se ele era negro, hispânico, branco, ou alguma combinação—mas ela nunca havia visto pele tão macia e suave, complementando o maxilar delineado. O cabelo dele era curto e castanho, e ele era magro. Havia algo nele, algo fora do lugar ali. Ele parecia frágil. Um artista, talvez.

Não era comum para ela ficar encantada com um rapaz. Ela havia visto as suas amigas terem suas paixões, mas ela nunca havia realmente entendido aquilo. Até agora.

“Onde *você* vai sentar?” ela perguntou.

Ela tentou controlar a voz, mas não soou muito convincente. Ela esperou que ele não ouvisse o quão nervosa ela estava.

Ele deu um sorriso largo, revelando dentes perfeitos.

“Aqui mesmo,” ele disse, e foi em direção do grande peitoril da janela, a apenas alguns centímetros de distância.

Ela olhou para ele, e ele retornou o seu olhar, seus olhos se encontrando totalmente. Ela disse a si mesma para deixar de olhar, mas não conseguiu.

“Obrigado,” ela disse, e ficou instantaneamente furiosa consigo mesma. *Obrigado? É só isso que você conseguiu dizer? Obrigado!?*

“É isso aí, Barack!” uma voz berrou. “Dê a sua cadeira para a boa moça branca!”

Os risos seguiram, e o barulho na sala de repente começou de novo, enquanto todos os ignoravam novamente.

Caitlin o viu baixar a cabeça, constrangido.

“Barack?” ela perguntou. “Esse é mesmo o seu nome?”

“Não,” ele respondeu, ficando vermelho. “É apenas do que eles me chamam. Como Obama. Eles acham que eu pareço com ele.”

Ela olhou atentamente e percebeu que ele *realmente* se parecia com Obama.

“É porque eu tenho descendência negra, branca e porto-riquenha.”

“Bem, eu acho que isso é um elogio,” ela disse.

“Não do jeito que *eles* dizem,” ele respondeu.

Ela o observou enquanto ele se sentava no peitoril da janela, sua confiança diminuída, e ela pôde perceber que ele era sensível. Vulnerável, até. Ele não pertencia à este grupo de garotos. Era estranho, mas ela quase sentiu como se precisasse protegê-lo.

“Eu sou Caitlin,” ela disse, esticando a mão e olhando nos olhos dele. Ele olhou para cima, surpreso, e seu sorriso voltou.

“Jonah,” ele respondeu.

Ele apertou a mão dela firmemente. Uma sensação de dormência subiu pelo seu braço quando ela sentiu a pele macia dele envolver a sua mão. Ela sentiu como se os dois se fundissem. Ela continuou segurando a mão dele um segundo a mais, e não conseguiu deixar de sorrir de volta.

*

O restante da manhã foi confuso, e Caitlin estava com fome quando chegou até a cantina. Ela abriu as portas duplas e ficou impressionada com o enorme salão, o incrível barulho que parecia vir de mil garotos, todos gritando. Era como entrar em um ginásio. Com exceção de que, a cada sete metros, outro guarda de segurança estava parado, nos corredores, vigiando cuidadosamente.

Como já era de se esperar, ela não tinha ideia de onde ir. Ela examinou o enorme salão e finalmente encontrou uma pilha de bandejas. Ela pegou uma e entrou no que ela pensou ser a fila para a comida.

“Não entra na minha frente, vadia!”

Caitlin se virou e viu uma garota grande e acima do peso, quinze centímetros mais alta do que ela, olhando para baixo com um olhar ameaçador.

“Desculpe, eu não sabia—”

“A fila é lá atrás!” outra garota retrucou, apontando com o dedo.

Caitlin olhou e viu que pelo menos cem garotos estavam na fila. Parecia uma espera de vinte minutos.

Quando ela começou a ir na direção do fim da fila, um garoto na fila empurrou outro, e ele voou na frente dela, caindo duramente no chão.

O primeiro garoto pulou em cima do outro e começou a socá-lo no rosto.

A cantina explodiu em um rugido de excitação, enquanto dúzias de garotos se reuniam em torno deles.

“BRIGA! BRIGA!”

Caitlin deu vários passos para trás, assistindo horrorizada à cena de violência à seus pés.

Quatro guardas finalmente chegaram e pararam a briga, separando os dois garotos ensanguentados, carregando-os para longe. Eles não pareciam estar com nenhuma pressa.

Depois que Caitlin finalmente pegou sua comida, ela examinou a sala, esperando por um sinal de Jonah. Mas ele não estava em lugar nenhum.

Ela caminhou pelas fileiras, passando mesa após mesa, todas cheias de garotos. Havia poucos lugares vazios, e os que estavam vazios não pareciam muito convidativos, ao lado de grandes grupos de amigos.

Finalmente, ela escolheu um lugar em uma mesa vazia perto do fundo. Havia apenas um garoto na ponta da mesa, um garoto chinês baixinho e frágil com aparelho nos dentes, mal vestido, que mantinha sua cabeça abaixada e se concentrava em sua comida.

Ela se sentiu só. Ela olhou para baixo e checkou seu telefone. Havia algumas mensagens no Facebook dos seus amigos da última cidade. Eles queriam saber o que ela estava achando da nova casa. Por alguma razão, ela não estava a fim de responder. Eles pareciam estar tão longe.

Caitlin comeu pouquíssimo, uma sensação vaga de náusea do primeiro dia ainda com ela. Ela tentou pensar em outra coisa. Ela fechou os olhos. Ela pensou em seu novo apartamento, no quinto andar de um prédio imundo sem elevador na rua 132. A sua náusea piorou. Ela respirou fundo, se esforçando para focar em algo, qualquer coisa boa em sua vida.

Seu irmão mais novo. Sam. 14 anos, parecendo ter 20. Sam nunca lembrava que era o mais novo: ele sempre agia como o seu irmão mais velho. Ele havia se tornado forte e duro com todas as mudanças de cidade, com a partida de seu pai, com a forma como a mãe tratava a ambos. Ela pôde perceber que tudo aquilo estava afetando-o e que ele estava começando a se fechar. As brigas frequentes dele na escola não a surpreendiam. Ela temia que aquilo apenas ficasse pior.

Mas quando se tratava de Caitlin, Sam a amava absolutamente. E ela a ele. Ele era a única coisa constante na sua vida, o único com quem ela podia contar. Ele parecia manter o seu último ponto fraco no mundo para ela. Ela estava determinada a fazer o possível para protegê-lo.

“Caitlin?”

Ela pulou.

Parado ao lado dela, bandeja em uma mão e estojo de violino na outra, estava Jonah.

“Se importa se eu me juntar a você?”

“Sim—quer dizer, não,” ela disse, nervosa.

Idiota, ela pensou. Pare de ficar tão nervosa.

Jonah deu aquele sorriso e sentou na frente dela. Ele sentou ereto, com postura perfeita, e colocou o seu estojo de violino cuidadosamente ao seu lado. Ele colocou sua comida gentilmente na mesa. Havia algo nele, alguma coisa que ela não conseguia identificar. Ele era diferente de todas as pessoas que ela havia conhecido. Era como se ele pertencesse a uma outra era. Ele realmente não pertencia a este lugar.

“Como foi o seu primeiro dia?” ele perguntou.

“Não foi o que eu esperava.”

“Eu sei como é,” ele disse.

“Isso é um violino?”

Ela apontou com a cabeça para o instrumento dele. Ele o mantinha próximo, e mantinha uma mão sobre ele, como se tivesse medo que alguém o roubasse.

“É uma viola, na verdade. É só um pouco maior, mas o som é muito diferente. Mais suave.”

Ela nunca havia visto uma viola, e esperava que ele a colocasse na mesa e a mostrasse para ela. Mas ele não fez nenhuma menção de fazê-lo e ela não queria se intrometer. Ele ainda estava com a mão sobre o instrumento, e parecia querer protegê-lo, como algo pessoal e privado.

“Você pratica bastante?”

Jonah encolheu os ombros. “Algumas horas por dia,” ele disse casualmente.

“Algumas *horas*!? Você deve ser ótimo!”

Ele encolheu os ombros novamente. “Eu sou bom, eu acho. Existem muitos outros músicos melhores do que eu. Mas eu espero que esta seja a minha passagem para fora deste lugar.”

“Eu sempre quis tocar piano,” Caitlin disse.

“Por que não toca?”

Ela ia dizer, *eu nunca tive um*, mas não o fez. Ao invés disso, ela deu de ombros e voltou a olhar para a comida.

“Você não precisa ter um piano,” Jonah disse.

Ela olhou para cima, surpresa ao perceber que ele havia lido a sua mente.

“Existe uma sala de ensaio nessa escola. Com tudo de ruim aqui, pelo menos há alguma coisa boa. Eles dão aulas gratuitas. Tudo o que você precisa fazer é se inscrever.”

Os olhos de Caitlin se abriram.

“Mesmo?”

“Tem uma folha de inscrição do lado de fora da sala de música. Peça pela Sra. Lennox. Diga a ela que você é minha amiga.”

Amiga. Caitlin gostou do som daquela palavra. Lentamente, ela sentiu uma felicidade crescendo dentro dela.

Ela deu um sorriso largo. Os olhos dos dois se encontraram por um momento.

Olhando para aqueles olhos verdes e brilhantes, ela desejou profundamente lhe fazer um milhão de perguntas: *Você tem namorada? Por que está sendo tão legal? Você gosta mesmo de mim?*

Mas, ao invés disso, ela mordeu a língua e não disse nada.

Temendo que o tempo deles juntos fosse acabar em breve, ela procurou por algo para perguntar que prolongasse a sua conversa. Ela tentou pensar em algo que garantisse que ela o veria novamente. Mas ela ficou nervosa e imóvel.

Ela finalmente abriu a boca, e no momento em que o fez, o sino tocou.

O local explodiu em barulho e movimento, e Jonah levantou, segurando a sua viola.

“Estou atrasado,” ele disse, pegando sua bandeja.

Ele olhou para a bandeja dela. “Posso levar a sua?”

Ela olhou para baixo, percebendo que havia esquecido dela, e sacudiu a cabeça.

“OK,” ele disse.

Ele ficou parado ali, tímido de repente, sem saber o que dizer.

“Bem...até mais.”

“Até mais,” ela respondeu desajeitadamente, sua voz apenas um sussurro.

*

Com o fim do seu primeiro dia de aula, Caitlin saiu do prédio e encontrou uma tarde ensolarada de março. Apesar de uma brisa forte estar soprando, ela não sentia mais frio. Apesar de todos os garotos em torno dela estarem gritando enquanto saíam, ela não estava mais incomodada com o barulho. Ela se sentiu viva, e livre. O resto do dia havia passado como uma névoa; ela não conseguia se lembrar do nome de um único professor.

Ela não conseguia parar de pensar em Jonah.

Ela se perguntou se havia agido como uma idiota na cantina. Ela tinha atropelado as palavras, quase não tinha feito nenhuma pergunta a ele. Tudo o que ela conseguiu perguntar foi sobre aquela viola estúpida. Ela devia ter

perguntado onde ele morava, de onde ele era, para qual faculdade ele queria ir.

Mas principalmente, se ele tinha uma namorada. Alguém como ele tinha que estar namorando alguém.

Naquele exato momento, uma garota bonita e hispânica passou por Caitlin. Caitlin a olhou da cabeça aos pés quando ela passou, e se perguntou por um segundo se era ela.

Caitlin virou na rua 134, e por um segundo, esqueceu para onde estava indo. Ela nunca havia ido à pé da escola para casa e, por um momento, ela não conseguia lembrar de onde ficava o seu novo apartamento. Ela ficou parada lá, na esquina, desorientada. Uma nuvem cobriu o sol e um vento forte soprou, e de repente, ela sentiu frio novamente.

“Ei, *amiga!*”

Caitlin virou-se e percebeu que estava na frente de um bar imundo de esquina. Quatro homens estranhos estavam sentados em cadeiras de plástico na frente do bar, parecendo não sentir o frio, sorrindo para ela como se ela fosse a sua próxima refeição.

“Venha aqui, amor!” gritou outro.

Ela se lembrou.

Rua 132. É isso.

Ela se virou rapidamente e caminhou em um passo acelerado por outra rua lateral. Ela olhou por cima do ombro algumas vezes para ver se aqueles homens a estavam seguindo. Felizmente, eles não estavam.

O vento frio queimava o seu rosto e a acordou, enquanto ela começava a entender a dura realidade da sua nova vizinhança. Ela olhou para os carros abandonados, as paredes pichadas, o arame farpado, as barras em todas as janelas, e de repente, se sentiu muito sozinha. E com medo.

Faltavam apenas 3 quadras para chegar ao seu apartamento, mas ela sentiu como se fosse uma eternidade. Ela desejou ter um amigo ao seu lado—até melhor, Jonah—e perguntou a si mesma se ela conseguiria fazer esta caminhada sozinha todos os dias. Mais uma vez, ela sentiu raiva da mãe. Como ela podia continuar fazendo-a se mudar, colocando-a em novos lugares que ela odiava? Quando aquilo acabaria?

Vidro quebrado.

O coração de Caitlin bateu mais rápido quando ela percebeu uma certa atividade na esquerda, do outro lado da rua. Ela caminhou rápido e tentou

manter a cabeça baixa, mas quando chegou mais perto, ela ouviu gritos e risadas grotescas, e não pôde deixar de notar o que estava acontecendo.

Quatro garotos enormes— de 18 ou 19 anos, talvez—estavam em pé, na frente de outro garoto. Dois deles seguravam os seus braços, enquanto um terceiro avançava e o socava no estômago, e um quarto socava o seu rosto. O garoto, talvez 17 anos, alto, magro e indefeso, caiu no chão. Dois dos garotos avançaram e o chutaram no rosto.

Contra a sua própria vontade, Caitlin parou e observou. Ela estava horrorizada. Ela nunca havia visto nada como aquilo.

Os outros dois garotos deram alguns passos em torno da sua vítima, então levantaram suas botas bem alto e as abaixaram.

Caitlin estava com medo de que eles fossem pisotear o menino até a morte.

“NÃO!” ela gritou.

Houve um som terrível de quebra quando eles abaixaram os pés.

Mas não era o som de ossos quebrados—em vez disso, era o som de madeira. Madeira sendo quebrada. Caitlin viu que eles estavam pisoteando um pequeno instrumento musical. Ela olhou mais atentamente, e viu pequenos pedaços de uma viola por toda a calçada.

Ela levou a mão até a boca, horrorizada.

“Jonah!?”

Sem pensar, Caitlin atravessou a rua até o grupo de garotos, que agora já haviam notado a sua presença. Eles olharam para ela e seus sorrisos malignos se alargaram enquanto eles cutucavam uns aos outros.

Ela caminhou diretamente até a vítima e viu que realmente era Jonah. O seu rosto estava sangrando e machucado, e ele estava inconsciente.

Ela olhou para o grupo de garotos, sua raiva superando o seu medo, e ficou entre Jonah e eles.

“Deixem ele em paz!” ela gritou para o grupo.

O garoto no meio, com pelo menos 1,95 m de altura e musculoso, riu.

“Ou o quê?” ele perguntou com uma voz muito grossa.

Caitlin sentiu o mundo passar por ela, e percebeu que acabara de ser empurrada pelas costas. Ela levantou os cotovelos enquanto caía no concreto, mas isso mal amorteceu a sua queda. Pelo canto do seu olho, ela pôde ver seu diário voar, os papéis soltos se espalhando por todo o lugar.

Ela ouviu risos. E então, pegadas vindo na direção dela.

Com o coração batendo forte no peito, a adrenalina dela entrou em ação. Ela conseguiu rolar e se levantar desajeitadamente antes que eles a alcançassem. Ela fugiu por um beco próximo, correndo à toda velocidade.

Eles a seguiam de perto.

Em uma de suas muitas escolas, quando Caitlin acreditava que teria um longo futuro em algum lugar, ela teve aulas de atletismo e corrida, e percebeu que era boa nisso. A melhor do time, na verdade. Não em longas distâncias, mas em corridas de 100 metros. Ela conseguia vencer até mesmo a maioria dos rapazes. E agora, tudo aquilo havia voltado para ela.

Ela correu o mais rápido que pôde, e os garotos não conseguiram alcançá-la.

Caitlin olhou para trás e viu que eles estavam se afastando, e se sentiu otimista sobre conseguir fugir de todos. Ela apenas precisava fazer as curvas certas.

O beco terminava em um T, e ela podia virar para a esquerda ou para a direita. Ela não teria tempo de mudar de ideia se quisesse manter a sua vantagem, e teria que decidir rápido. No entanto, ela não conseguia ver o que a esperava depois da curva. Cegamente, ela virou para a esquerda.

Ela rezou para que fosse a escolha certa. *Vamos lá. Por favor!*

Seu coração parou quando ela fez a curva acentuada para a esquerda e viu a rua sem saída em sua frente.

Escolha errada.

Uma rua sem saída. Ela correu para o muro, procurando por uma saída, qualquer saída. Percebendo que não havia nenhuma, ela se virou para confrontar seus agressores, que se aproximavam.

Sem fôlego, ela os viu fazer a curva e se aproximar. Ela podia ver por cima de seus ombros que, se ela tivesse virado para a direita, estaria livre. Claro. Já era de se esperar.

“OK, vadia,” um deles disse, “agora, você vai sofrer.”

Percebendo que ela não tinha como fugir, eles caminharam na direção dela, ofegantes, sorridentes e saboreando a violência que estava por vir.

Caitlin fechou os olhos e respirou fundo. Ela tentou desejar que Jonah se acordasse, aparecesse na esquina, acordado e poderoso, pronto para salvá-la. Mas abriu os olhos e ele não estava lá. Apenas os seus agressores. Chegando mais perto.

Ela pensou em sua mãe, no quanto a odiava, em todos os lugares nos quais ela foi forçada a morar. Ela pensou no seu irmão Sam. Ela pensou em

como a sua vida seria depois daquele dia.

Ela pensou em toda a sua vida, em como ela sempre tinha sido tratada, em como ninguém a entendia, em como nada dava certo para ela. E algo aconteceu. De alguma forma, ela havia alcançado o seu limite.

Eu não mereço isso. EU NÃO mereço isso!

E então, repentinamente, ela sentiu.

Era uma onda, algo diferente de tudo o que ela havia experimentado. Era uma onda de raiva, inundando-a, limpando o seu sangue. Ela estava centralizada em seu estômago, e se espalhou dali. Ela conseguia sentir seus pés enraizados no chão, como se ela e o concreto fossem um só, e então pôde sentir uma força primitiva se apoderar dela, fluindo pelos seus pulsos, pelos seus braços, chegando até os seus ombros.

Caitlin deixou escapar um rugido primitivo que surpreendeu e assustou até a ela mesma. Quando o primeiro garoto se aproximou dela e colocou sua mão grande no pulso dela, ela observou quando a sua mão reagiu sozinha, agarrando o pulso do agressor e torcendo-o para trás em um ângulo reto. O rosto do garoto se contorceu em choque enquanto o seu pulso, e depois o seu braço, era quebrado em dois.

Ele caiu de joelhos, gritando.

Os outros três garotos arregalaram os olhos, surpresos.

O maior dos três avançou contra ela.

“Sua filha da—”

Antes que ele pudesse terminar, ela havia pulado e plantado seus dois pés no meio do seu peito, fazendo-o voar por cerca de três metros e cair em uma pilha de latas de lixo.

Ele ficou lá, sem se mexer.

Os outros dois garotos olharam um para o outro, em choque. E verdadeiramente assustados.

Caitlin avançou e, sentindo uma força desumana fluir dentro dela, ouviu a si mesma rosnar quando pegou os dois garotos (cada um com o dobro do tamanho dela), e os levantou do chão com uma única mão.

Com ambos pendurados no ar, ela os balançou para trás, depois bateu um contra o outro com uma força incrível. Os dois caíram no chão.

Caitlin ficou ali, respirando, espumando de raiva.

Todos os quatro garotos não se moviam.

Ela não sentiu alívio. Pelo contrário, ela queria mais. Mais garotos com quem brigar. Mais corpos para jogar.

E ela queria algo mais.

De repente, ela tinha a visão perfeita, e era capaz de focar em seus pescoços expostos. Ela conseguia enxergar coisas minúsculas, e podia ver, de onde estava, as veias pulsando em cada um. Ela queria morder. Se alimentar.

Sem entender o que estava acontecendo com ela, ela virou a cabeça para trás e soltou um grito sobrenatural, ecoando nos prédios e por toda a quadra. Era um grito primitivo de vitória, e cheio de raiva não satisfeita.

Era o grito de um animal que queria mais.

Capítulo Dois

Caitlin ficou parada na frente da porta de seu novo apartamento, e de repente, percebeu onde estava. Ela não tinha ideia de como havia chegado ali. A última coisa de que se lembrava era de ter estado no beco. De alguma forma, ela havia chegado em casa.

No entanto, ela lembrava de cada segundo do que aconteceu naquele beco. Ela tentou apagar aquilo da mente, mas não conseguiu. Ela olhou para seus braços e mãos, esperando que eles estivessem diferentes—mas eles estavam normais. Exatamente como sempre foram. A raiva que havia tomado conta dela, que a transformou, havia sumido tão rápido quanto chegou.

Mas os efeitos dela permaneciam: um deles era um sentimento de estar oca. Dormente. E ela sentiu algo mais. Ela não conseguia entender o que era. Imagens continuavam surgindo em sua mente, imagens dos pescoços expostos daqueles garotos. Do coração deles pulsando. E ela sentiu uma fome. Um desejo.

Caitlin realmente não queria voltar para casa. Ela não queria ter que lidar com a mãe, especialmente hoje, não queria ter que lidar com uma casa nova, desempacotar suas coisas. Se não fosse pelo fato de Sam estar lá, ela poderia simplesmente dar meia volta e ir embora. Para onde iria, ela não tinha a mínima ideia—mas, pelo menos, ela estaria caminhando.

Ela respirou fundo e colocou a mão na maçaneta. Ou a maçaneta estava quente, ou a mão dela estava fria como gelo.

Caitlin entrou no apartamento muito iluminado. Ela conseguiu sentir o cheiro de comida no fogão—ou provavelmente, no micro-ondas. Sam. Ele sempre chegava em casa cedo e fazia seu próprio jantar. Sua mãe não chegaria até mais tarde.

“Parece que não foi um bom primeiro dia.”

Caitlin se virou, chocada ao ouvir o som da voz de sua mãe. Ela estava sentada lá, no sofá, fumando um cigarro, olhando para Caitlin com desprezo.

“O que você fez, já estragou esse suéter?”

Caitlin olhou para baixo e percebeu pela primeira vez as manchas de sujeira; provavelmente por cair no cimento.

“Por que você está em casa tão cedo?” Caitlin perguntou.

“Primeiro dia para mim também, não é?” ela retrucou. “Você não é a única. O chefe me mandou para casa mais cedo.”

Caitlin não podia aguentar o tom desagradável de sua mãe. Ela sempre agia de maneira arrogante com ela, e hoje, Caitlin já estava cansada daquilo. Ela decidiu dar à mãe um pouco do seu próprio veneno.

“Ótimo,” Caitlin respondeu rispidamente. “Isso quer dizer que nós vamos nos mudar de novo?”

Sua mãe se levantou de repente. “Veja lá como fala!” ela gritou.

Caitlin sabia que a mãe estava apenas esperando por uma desculpa para gritar com ela. Ela decidiu que era melhor jogar a isca e acabar logo com aquilo.

“Você não devia fumar perto do Sam,” Caitlin respondeu friamente, depois entrou em seu quarto minúsculo e bateu a porta, trancando-a.

Imediatamente, sua mãe bateu na porta.

“Saia daí, sua pirralha! Isso é jeito de falar com a sua mãe!?! Sou eu quem coloca comida na sua mesa...”

Naquela noite, Caitlin, distraída, conseguiu abafar a voz da mãe. Em vez disso, ela ficou relembrando os eventos do dia. O som da risada daqueles garotos. O som do seu próprio coração batendo em seus ouvidos. O som do seu próprio rugido.

O que, exatamente, havia acontecido? Como ela havia conseguido tanta força? Foi apenas uma descarga de adrenalina? Uma parte dela desejou que fosse. Mas outra parte dela sabia que não era. O que era ela?

As batidas em sua porta continuaram, mas Caitlin mal as ouvia. Seu telefone celular estava em sua mesa, vibrando como louco, acendendo com mensagens instantâneas, SMS, e-mails, conversas do Facebook—mas ela mal ouvia aquilo também.

Ela foi até a sua pequena janela e olhou para baixo, para a esquina da avenida Amsterdam, e um novo som chegou até a sua mente. Era o som da voz de Jonah. A imagem do seu sorriso. Uma voz baixa, forte, suave. Ela se lembrou de quão delicado ele era, quão frágil ele parecia. Então, ela o viu caído no chão, ensanguentado, seu precioso instrumento em pedaços. Uma nova onda de raiva cresceu.

A sua raiva se transformou em preocupação—preocupação em saber se ele estava bem, se ele conseguiu caminhar, se chegou em casa. Ela o imaginou chamando por ela. Caitlin. *Caitlin*.

“Caitlin?”

Uma nova voz estava do outro lado da porta. Uma voz de menino. Confusa, ela voltou à realidade.

“É Sam. Me deixe entrar.”

Ela foi até a porta e inclinou a cabeça contra ela.

“Mamãe saiu,” disse a voz do outro lado. “Ela foi comprar cigarros. Vamos, me deixe entrar.”

Ela abriu a porta.

Sam ficou parado ali, olhando para ela, com preocupação no rosto. Aos 15 anos, ele parecia mais velho. Ele havia crescido rápido, e media quase um 1,80 m, mas ainda não havia se desenvolvido, e era desajeitado e desengonçado. Com cabelos pretos e olhos castanhos, a coloração dele era parecida com a dela. Eles definitivamente pareciam ser parentes. Ela podia ver a preocupação no rosto dele. Ele a amava mais do que qualquer coisa.

Ela o deixou entrar, fechando a porta rapidamente.

“Desculpe,” ela disse. “Eu só não consigo lidar com ela hoje.”

“O que aconteceu entre vocês duas?”

“O mesmo de sempre. Ela estava no meu pé desde o momento em que entrei em casa.”

“Eu acho que ela teve um dia difícil,” Sam disse, tentando apaziguar as coisas entre elas, como sempre. “Eu espero que eles não a despeçam novamente.”

“Quem se importa? Nova York, Arizona, Texas... Quem se importa com o que virá? As nossas mudanças nunca vão acabar.”

Sam franziu a testa quando sentou na cadeira da sua mesa, e ela se sentiu mal imediatamente. Às vezes, ela era áspera com as palavras, falava sem pensar, e desejou que pudesse retirar o que havia dito.

“Como foi o seu primeiro dia?” ela perguntou, tentando mudar de assunto.

Ele encolheu os ombros. “Foi bom, eu acho.” Ele tocou a cadeira com o pé.

Ele olhou para ela. “E o seu?”

Ela encolheu os ombros. Devia haver algo na expressão dela, já que ele continuou com o olhar fixado nela.

“O que aconteceu?”

“Nada,” ela disse, defensiva. Ela se virou e caminhou na direção da janela.

Ela podia senti-lo olhando para ela.

“Você parece...diferente.”

Ela parou, se perguntando se ele sabia, se a sua aparência exterior mostrava qualquer mudança. Ela engoliu em seco.

“Como?”

Silêncio.

“Eu não sei,” ele respondeu finalmente.

Ela olhou para fora da janela, assistindo sem reação à um homem no bar da esquina passando um saquinho de maconha a um comprador.

“Eu odeio esse lugar novo,” ele disse.

Ela se virou e olhou para ele.

“Eu também.”

“Eu até estava pensando em...” ele abaixou a cabeça, “...ir embora.”

“O que você quer dizer?”

Ele encolheu os ombros.

Ela olhou para ele. Ele parecia realmente deprimido.

“Para onde?” ela perguntou.

“Talvez...encontrar o papai.”

“Como? Nós não temos nenhuma ideia de onde ele está.”

“Eu poderia tentar. Eu poderia encontrá-lo.”

“Como?”

“Eu não sei.... Mas eu poderia tentar.”

“Sam. Ele pode até estar morto a essa altura.”

“Não diga isso!” ele gritou, e seu rosto ficou vermelho.

“Desculpe,” ela disse.

Ele se acalmou.

“Mas você já pensou que, mesmo se nós o encontrarmos, ele pode não querer nos ver? Afinal, ele foi embora. E ele nunca tentou manter contato.”

“Talvez por que a mamãe não deixe.”

“Ou talvez por que ele simplesmente não gosta de nós.”

As rugas na testa de Sam ficaram mais profundas ao se levantar novamente. “Eu procurei por ele no Facebook.”

Os olhos de Caitlin se arregalaram, surpresos.

“Você o *achou*?”

“Eu não tenho certeza. Havia quatro pessoas com o mesmo nome dele. Dois deles tinham perfis privados e nenhuma foto. Eu mandei uma mensagem para os dois.”

“E?”

Sam balançou a cabeça.

“Ainda não tive resposta.”

“O papai não estaria no Facebook.”

“Você não sabe disso,” ele respondeu, mais uma vez na defensiva.

Caitlin suspirou, caminhou até a sua cama e se deitou. Ela olhou para o teto amarelo, com a tinta descascando, e se perguntou como todos eles haviam chegado àquele ponto. Havia cidades onde eles tinham sido felizes, até momentos em que a mãe deles parecia quase feliz. Como quando ela estava namorando aquele cara. Feliz o suficiente, pelo menos, para deixar Caitlin em paz.

Havia cidades, como a última, onde ela e Sam tinham feito alguns bons amigos, nas quais eles realmente pareciam poder ficar—pelo menos por tempo suficiente para se formar. E então, tudo pareceu mudar tão rápido. Mais uma mudança. Dizer adeus a todos. Era pedir demais ter uma infância normal?

“Eu poderia voltar para Oakville,” Sam disse de repente, interrompendo seus pensamentos. Sua última cidade. Era incrível como ele sempre sabia exatamente o que ela estava pensando. “Eu poderia ficar com amigos.”

O dia estava a afetando. Era simplesmente demais para ela. Ela não estava pensando claramente e, em sua frustração, o que ela estava ouvindo era que Sam estava se preparando para abandoná-la também, que ele não se importava mais com ela.

“Então vá!” ela explodiu de repente, sem querer. Era como se outra pessoa tivesse dito aquilo. Ela ouviu a dureza em sua própria voz, e se arrependeu imediatamente.

Por que ela tinha que dizer coisas como aquela? Por que ela não conseguia se controlar?

Se ela estivesse com um humor melhor, se ela estivesse mais calma e não tivesse que lidar com tanta coisa de uma só vez, ela não teria dito aquilo. Ou ela teria sido mais gentil. Ela teria dito algo do tipo, *eu sei que o que você está tentando dizer é que nunca iria embora daqui, não importa o quanto as coisas ficassem ruins, porque você não iria me deixar sozinha para lidar com tudo isso. E eu amo você por isso. E eu também nunca abandonaria você. Nesta nossa infância problemática, pelo menos nós temos um ao outro.* Em vez disso, o seu humor havia falado mais alto. Em vez disso, ela tinha sido egoísta, e explodido.

Ela sentou na cama e pôde ver a mágoa no rosto dele. Ela queria retirar o que disse, dizer que sentia muito, mas estava sobrecarregada demais. Por alguma razão, ela não conseguia abrir a boca.

No silêncio, Sam levantou lentamente da cadeira dela e saiu do quarto, fechando gentilmente a porta.

Idiota, ela pensou. Você é tão idiota. Por que você tem que tratá-lo do mesmo jeito que a mamãe trata você?

Ela deitou novamente, olhando para o teto. Ela entendeu que havia outra razão pela qual ela havia explodido. Ele havia interrompido os pensamentos dela, e ele o havia feito justamente quando eles estavam ficando piores. Um pensamento ruim havia cruzado pela sua mente, e ele a havia interrompido antes que ela tivesse uma chance de resolvê-lo.

O ex-namorado da sua mãe. Três meses atrás. Tinha sido a única vez que a mãe dela realmente parecia feliz. Frank, 50 anos. Baixinho, musculoso, perdendo cabelo. Robusto como um touro. Com cheiro de colônia barata. Ela tinha 16 anos.

Ela estava de pé na pequena lavanderia, dobrando suas roupas, quando Frank apareceu na porta. Ele era nojentão, estava sempre olhando para ela. Ele se abaixou e pegou uma das calcinhas dela, e ela podia sentir suas bochechas corarem por vergonha e raiva. Ele a levantou e riu.

“Você deixou cair,” ele disse, rindo. Ela a puxou das mãos dele.

“O que você quer?” ela respondeu, irritada.

“Isso é jeito de falar com o seu novo padrasto?”

Ele avançou meio passo.

“Você não é meu padrasto.”

“Mas eu vou ser—em breve.”

Ela tentou voltar a dobrar suas roupas, mas ele avançou mais um passo. Perto demais. O coração dela pulava em seu peito.

“Eu acho que está na hora de nos conhecermos um pouco melhor,” ele havia dito, tirando o cinto da cintura. “Você não acha?”

Apavorada, ela tentou passar por ele e sair do pequeno cômodo, mas quando tentou, ele bloqueou sua passagem, a segurou com força e a jogou contra a parede.

Foi então que aquilo aconteceu.

Uma fúria a inundou. Uma fúria diferente de tudo o que ela havia experimentado. Ela sentiu seu corpo se aquecer, pegar fogo, dos dedos dos

pés até o couro cabeludo. Quando ele se aproximou dela, ela pulou e o chutou, plantando os dois pés no meio do seu peito.

Apesar de ter um terço do tamanho dele, ele voou pela porta, quebrando a madeira das juntas, e continuou voando, 3 metros até o outro cômodo. Era como se uma bola de canhão o tivesse jogado pela casa.

Caitlin havia ficado parada lá, tremendo. Ela nunca tinha sido uma pessoa violenta, nunca tinha sequer dado um soco em alguém. Além disso, ela não era muito grande ou forte. Como ela tinha conseguido chutá-lo daquele jeito? Como ela tinha a força para fazer aquilo? Ela nunca tinha visto ninguém—muito menos um homem adulto—voar pelo ar, ou quebrar uma porta. De onde a força dela tinha vindo?

Ela caminhou até ele e parou ali.

Ele estava totalmente inconsciente, caído de costas. Ela se perguntou se havia o matado. Mas, naquele momento, com a raiva ainda dentro dela, ela não se importava. Ela estava mais preocupada consigo mesma, com quem—ou o quê—ela realmente era.

Ela nunca viu Frank novamente. Ele terminou o namoro com a mãe dela no dia seguinte, e nunca mais voltou. Sua mãe havia suspeitado que algo tivesse acontecido entre os dois, mas nunca disse nada. No entanto, ela culpou Caitlin pelo fim do namoro, por estragar o único momento de felicidade em sua vida. E ela não havia deixado de culpá-la desde então.

Caitlin voltou a olhar para o seu teto descascado, o coração batendo forte novamente. Ela pensou na raiva de hoje, e se perguntou se os dois episódios estavam ligados. Ela sempre havia acreditado que Frank tinha sido apenas um incidente estranho e isolado, alguma explosão estranha de força. Mas agora, ela se perguntava se aquilo era algo mais. Existia algum tipo de poder dentro dela? Ela era algum tipo de aberração?

Quem era ela?

Capítulo Três

Caitlin correu. Seus agressores estavam de volta, e a perseguiam pelo beco. Uma rua sem saída estava em sua frente, um enorme muro, mas ela correu de qualquer jeito, direto naquela direção. Conforme corria, ela ganhou velocidade, uma velocidade impossível, e os prédios passaram por ela como um borrão. Ela conseguia sentir o vento em seu cabelo.

Quando chegou mais perto, ela pulou e, em um único salto, estava no topo do muro, a nove metros de altura. Mais um salto, e ela voou pelo ar novamente, nove metros, seis metros, caindo no concreto sem perder o ritmo, ainda correndo, correndo. Ela se sentiu poderosa, invencível. Sua velocidade aumentava mais e mais, e ela sentiu que podia voar.

Ela olhou para baixo e, diante dos seus olhos, o concreto virou grama—grama alta, verde e balançando. Ela correu por uma campina, o sol brilhando, e reconheceu o lugar como a casa de sua primeira infância.

Na distância, ela podia sentir que seu pai estava lá, de pé, no horizonte. Enquanto corria, ela sentia que estava chegando mais perto dele. A imagem dele começou a ficar mais clara. Ele estava lá, com um sorriso largo e os braços abertos.

Ela ansiava por vê-lo novamente. Ela correu o máximo que pode. Mas sempre que chegava mais perto, ele se distanciava.

De repente, ela estava caindo.

Uma grande porta medieval se abriu, e ela entrou em uma igreja. Ela caminhou pelo corredor pouco iluminado, tochas queimando em ambos os lados. Na frente de um altar, estava um homem de costas para ela, ajoelhado. Quando ela chegou mais perto, ele se levantou e se virou.

Era um padre. Ele olhou para ela, e seu rosto se encheu de medo. Ela sentiu seu sangue correndo em suas veias, e viu a si mesma se aproximar dele, sem poder parar. Ele levantou uma cruz, com medo.

Ela se lançou sobre ele. Ela sentiu seus dentes ficarem longos, longos demais, e assistiu enquanto eles perfuravam o pescoço do padre.

Ele gritou, mas ela não se importou. Ela sentiu o sangue dele correr pelos seus dentes e para dentro de suas veias, e aquela foi a sensação mais incrível da sua vida.

Caitlin se sentou na cama, ofegante. Ela olhou ao seu redor, desorientada. A forte luz do sol entrava.

Finalmente, ela percebeu que estava sonhando. Ela secou o suor frio da testa e sentou na beira na cama.

Silêncio. Julgando pela luz, Sam e a mãe dela já deviam ter saído. Ela olhou para o relógio e viu que realmente era tarde: 8h15. Ela iria se atrasar para o seu segundo dia de aula.

Perfeito.

Ela estava surpresa por Sam não tê-la acordado. Todos aqueles anos, ele nunca a havia deixado dormir demais—ele sempre a acordava se estivesse saindo antes.

Ele ainda deve estar bravo com o que aconteceu ontem à noite.

Ela olhou para o seu telefone: sem bateria. Ela havia esquecido de carregá-lo. Não havia problema. Ela não estava a fim de conversar com ninguém.

Ela vestiu algumas roupas do chão e passou a mão no cabelo. Normalmente, ela saía sem comer nada, mas nessa manhã, ela sentiu sede. Ela foi até o refrigerador e pegou uma garrafa de 2 litros de suco de *grapefruit*. Em um frenesi repentino, ela arrancou a tampa e bebeu o suco direto da garrafa. Ela não parou de beber até que tivesse tomado os 2 litros inteiros.

Ela olhou para a garrafa vazia. Ela realmente tinha acabado de beber tudo aquilo? Em toda a sua vida, ela nunca havia bebido mais do que meio copo. Ela viu a si mesma pegar e amassar a garrafa com uma única mão, até formar uma pequena bola. Ela não conseguia entender o que era aquela nova força que corria em suas veias. Era excitante. E apavorante.

Ela ainda estava com sede. E com fome. Mas não de comida. Suas veias pediam algo mais, mas ela não conseguia entender o quê.

*

Era estranho ver os corredores da sua escola tão vazios, o completo oposto do dia anterior. Com as aulas em andamento, não havia ninguém por perto. Ela olhou para o relógio: 8h40. Faltavam 15 minutos para a sua terceira aula do dia. Ela se perguntou se valia à pena ir à aula, mas afinal, ela não conhecia nenhum outro lugar para ir. Então, ela seguiu os números dos corredores até a sua sala.

Ela parou do lado de fora da sala de aula, e podia ouvir a voz da professora. Ela hesitou. Ela odiava interromper, ficar tão visível. Mas ela

não via nenhuma outra opção.

Ela respirou fundo e girou a maçaneta de metal.

Ela entrou, e a turma inteira parou e olhou para ela. Inclusive a professora.

Silêncio.

“Srta. ...” A professora, esquecendo o nome dela, foi até a sua mesa e pegou um pedaço de papel, examinando-o, “...Paine. A nova aluna. Você está 25 minutos atrasada.”

Uma austera mulher mais velha, a professora olhou para Caitlin.

“O que você tem a dizer sobre isso?”

Caitlin hesitou.

“Desculpe?”

“Isso não é o suficiente. Chegar atrasada na aula pode ser algo aceitável de onde *você* vem, mas certamente não é aceitável aqui.”

“Inaceitável,” Caitlin disse, e imediatamente se arrependeu.

Um silêncio desconfortável cobriu a sala.

“*Como é?*” a professora perguntou, lentamente.

“Você disse ‘não é aceitável.’ Você quis dizer ‘inaceitável.’”

“OH—MERDA!” exclamou um garoto barulhento do fundo da sala, e a turma inteira explodiu em risos.

O rosto da professora ficou um vermelho vivo.

“Sua fedelha. Vá para a sala do diretor agora mesmo!”

A professora foi até a porta e a abriu para Caitlin. Ela ficou à alguns centímetros de distância, perto o suficiente para que Caitlin conseguisse sentir o cheiro do seu perfume barato. “Fora da minha sala!”

Normalmente, Caitlin teria saído silenciosamente da sala, cabisbaixa—na verdade, ela nunca teria corrigido um professor. Mas algo havia mudado dentro dela, algo que ela não entendia muito bem, e ela sentiu uma rebeldia crescendo. Ela não sentia que precisava mostrar respeito por ninguém. E ela não sentia mais medo.

Em vez disso, Caitlin ficou onde estava, ignorando a professora, e examinou a sala lentamente, procurando por Jonah. A sala estava cheia, e ela havia procurado em todas as fileiras. Nenhum sinal dele.

“Srta. Paine! Você não ouviu o que eu disse!?”

Caitlin olhou para ela com um ar desafiador. Então ela se virou e saiu da sala lentamente.

Ela pôde sentir a porta bater atrás dela, e depois ouviu o falatório abafado na sala, seguido por, “Fiquem quietos, todos!”

Caitlin continuou a caminhar pelo corredor vazio, vagando, sem saber com certeza para onde estava indo.

Ela ouviu passos. À distância, um guarda de segurança apareceu. Ele caminhou na direção dela.

“Passe!” ele gritou para ela, ainda a uns 6 metros de distância.

“O quê?” ela respondeu.

Ele se aproximou.

“Onde está o seu passe de corredor? Você deve carregá-lo em um lugar visível o tempo todo.”

“Que passe?”

Ele parou e a examinou. Ele era um homem feio, com cara de mau e uma enorme pinta da testa.

“Você não pode caminhar pelos corredores sem um passe assinado. Você sabe disso. Onde ele está?”

“Eu não sabia—”

Ele pegou seu walkie-talkie e disse, “Violação de passe de corredor na ala 14. Eu vou levá-la para a detenção agora.”

“Detenção?” Caitlin perguntou, confusa. “Do que você está—”

Ele agarrou o seu braço com força e a arrastou pelo corredor.

“Nem mais uma palavra!” ele retrucou.

Caitlin não gostava de sentir os dedos dele apertando seu braço, arrastando-a como se ela fosse uma criança. Ela podia sentir o calor crescendo em seu corpo. Ela sentiu a Raiva chegando. Ela não sabia bem como, ou por que, mas ela sabia. E ela sabia que, em alguns momentos, ela não seria capaz de controlar sua raiva—ou o seu uso de força.

Ela tinha que parar aquilo antes que fosse tarde demais. Ela usou toda a força de vontade que tinha para fazer aquilo parar. Mas, enquanto os dedos dele estivessem nela, a raiva não iria embora.

Ela puxou o braço rapidamente, antes que a força total tomasse conta dela, e viu quando a mão dele voou para longe dela, e ele caiu para trás.

Ele olhou para ela, chocado em ver que uma garota do tamanho dela havia conseguido jogá-lo tão longe com apenas uma puxada de seu braço. Ele vacilou entre a indignação e o medo. Ela podia vê-lo perguntando a si mesmo se devia atacá-la ou recuar. Ele abaixou sua mão até o cinto, onde um grande frasco de spray de pimenta estava pendurado.

“Coloque as suas mãos em mim de novo, juvenzinha,” ele disse com uma raiva fria, “e eu vou usar o spray em você.”

“Então não coloque as suas mãos em mim,” ela respondeu, desafiadora. Ela estava chocada com o som da sua própria voz. Ela havia mudado.

Estava mais grave, mais primitiva.

Ele tirou lentamente a mão do spray. Ele cedeu.

“Caminhe na minha frente,” ele disse. “Até o fim do corredor e subindo as escadas.”

*

O guarda a deixou na entrada lotada da sala do diretor, e quando ele o fez, seu rádio o chamou e ele correu para outro lugar. Antes de ir, ele se virou para ela.

“Não quero ver você nesses corredores novamente,” ele disse, zangado.

Caitlin se virou e viu 15 garotos, de todas as idades, sentados, em pé, todos aparentemente esperando para ver o diretor. Todos eles pareciam desajustados. Eles estavam sendo processados, um aluno por vez. Um guarda estava presente, mas apático, cochilando em pé.

Caitlin não estava disposta a esperar o dia inteiro, e ela certamente não queria conhecer o diretor. Ela não deveria ter chegado atrasada para a escola, é verdade, mas não merecia isso. Aquilo já era o suficiente.

A porta do corredor abriu e um guarda trouxe mais três garotos, brigando e empurrando. Uma confusão começou na pequena área de espera, que estava completamente lotada. O sino tocou e, além das portas de vidro, ela podia ver o corredor se enchendo. Agora, havia confusão dentro e fora da sala.

Caitlin viu a sua chance. Quando a porta se abriu novamente, ela se escondeu atrás de outro garoto e saiu para o corredor.

Ela olhou rapidamente para trás, mas não viu ninguém. Ela passou rapidamente pela multidão de garotos, chegando ao outro lado e fazendo a curva. Ela olhou novamente: ainda não havia ninguém vindo.

Ela estava segura. Mesmo que os guardas percebessem sua ausência—o que ela duvidava, já que não chegou a ser processada—ela já estaria longe demais para alcançar. Ela caminhou ainda mais rápido pelo corredor, aumentando a distância entre eles, e foi em direção à cantina. Ela precisava encontrar Jonah. Ela tinha que saber se ele estava bem.

A cantina estava lotada, e ela caminhou rapidamente entre as fileiras, procurando por ele. Nada. Ela caminhou uma segunda vez, examinando

cada mesa lentamente, e mesmo assim não conseguiu encontrá-lo.

Ela se arrependeu por não ter voltado para vê-lo, não ter verificado os ferimentos dele, não ter chamado uma ambulância. Ela se perguntou se ele estaria realmente machucado. Talvez estivesse no hospital. Talvez ele nem sequer voltasse para a escola.

Deprimida, ela pegou uma bandeja de comida e encontrou uma mesa com uma visão clara da porta. Ela sentou ali, mal comendo, e observou cada garoto que entrava, esperando por um sinal dele cada vez que a porta abria.

Mas ele nunca veio.

O sino tocou e a cantina se esvaziou. Mesmo assim, ela continuou sentada lá, esperando.

Nada.

*

O último sino do dia tocou e Caitlin parou em frente ao seu armário. Ela olhou para a combinação impressa em um pequeno pedaço de papel em sua mão, girou o botão e puxou. Não funcionou. Ela tentou a combinação novamente. Desta vez, ele abriu.

Ela olhou para o armário vazio de metal. A parte interna da porta estava coberta com pichações. Fora isso, não havia mais nada. Deprimente. Ela pensou em todas as suas outras escolas, em como ela corria para encontrar o seu armário, abri-lo, memorizar a combinação e cobrir a porta com fotos de garotos das revistas. Era a maneira dela ganhar um pouco de controle, de sentir-se em casa, de encontrar seu único cantinho na escola, de tornar algo familiar.

Mas em algum momento, a algumas escolas atrás, ela ficou menos entusiasmada. Ela começou a se perguntar para que fazer o esforço, já que era só uma questão de tempo até que ela tivesse que se mudar novamente. Ela começou a ficar cada vez mais lenta para decorar o seu armário.

Desta vez, ela não iria nem sequer começar. Ela fechou a porta com força.

“Caitlin?”

Ela pulou.

Parado ali, à 30 centímetros de distância, estava Jonah.

Ele usava grandes óculos de sol. Ela podia ver que a pele embaixo deles estava inchada.

Ela estava chocada em vê-lo ali. E feliz. Na verdade, ela estava surpresa com o quão feliz ela estava. Uma sensação quente e nervosa estava centrada em seu estômago. Ela sentiu sua garganta secar.

Haviam tantas coisas que ela queria perguntar a ele: se ele havia chegado bem em casa, se ele havia visto os agressores novamente, se ele a viu lá... Mas, por alguma razão, as palavras não conseguiam ir do seu cérebro para a sua boca.

“Oi,” foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Ele ficou parado ali, olhando. Ele parecia não saber como começar.

“Senti sua falta na aula hoje,” ela disse, e imediatamente se arrependeu da sua escolha de palavras.

Burra. Você devia ter dito, “Eu não vi você na aula.” “Senti falta” soa como desespero.

“Eu cheguei atrasado,” ele disse.

“Eu também,” ela disse.

Ele se mexeu, parecendo desconfortável. Ela percebeu que a viola dele não estava ao seu lado. Então aquilo foi real. Não tinha sido apenas um pesadelo.

“Você está bem?” ela perguntou.

Ela apontou para os óculos dele.

Ele levantou a mão e os retirou lentamente.

Seu rosto estava roxo e inchado. Haviam cortes e curativos em sua testa e ao lado do seu olho.

“Eu já estive melhor,” ele disse. Ele parecia constrangido.

“Meu Deus,” ela disse, sentindo-se péssima com aquela visão. Ela sabia que deveria pelo menos se sentir feliz por tê-lo ajudado, por poupá-lo de mais danos. Mas, em vez disso, ela se sentiu mal por não ter chegado lá antes, por não ter voltado para ajudá-lo. Mas depois que... *aquilo* havia acontecido, tudo havia ficado embaçado. Ela não conseguia nem mesmo lembrar como havia chegado em casa. “Eu sinto muito.”

“Você soube como aconteceu?” ele perguntou.

Ele a observou atentamente, com seus olhos verdes brilhantes, e ela sentiu que ele a estava testando. Como se ele estivesse tentando fazê-la admitir que estava lá.

Ele a tinha visto lá? Não poderia. Ele estava inconsciente. Ou não estava? Será que ele teria visto o que aconteceu depois? Ela deveria admitir que havia estado lá?

Por um lado, ela estava louca para contar para ele como o havia ajudado, ganhar a sua aprovação e sua gratidão. Por outro, não havia como explicar o que ela havia feito sem parecer uma mentirosa ou algum tipo de aberração.

Não, ela concluiu internamente. *Você não pode contar para ele. Não pode.*

“Não” ela mentiu. “Eu não conheço ninguém aqui, lembra?”

Ele pausou.

“Eu fui atacado,” ele disse. “Indo para casa depois da escola.”

“Eu sinto muito,” ela disse novamente. Ela parecia uma idiota, repetindo a mesma frase estúpida, mas ela não queria dizer nada que a compromettesse.

“É, meu pai está furioso,” ele continuou. “Eles pegaram a minha viola.”

“Isso é péssimo,” ela disse. “Você vai comprar uma nova?”

Jonah balançou a cabeça lentamente. “Ele disse não. Ele não tem como pagar. E disse que eu deveria ter tido mais cuidado com ela.”

Preocupação cruzou o rosto de Caitlin. “Mas eu pensei que ela era a sua passagem para sair daqui?”

Ele encolheu os ombros.

“O que você vai fazer?” ela perguntou.

“Eu não sei.”

“Talvez a polícia a encontre,” ela disse. Ela se lembrava, claro, que a viola havia sido quebrada, mas ela pensou que, dizendo isso, ajudaria a provar para ele que ela não sabia.

Ele a observou cuidadosamente, como se tentasse decidir se ela estava mentindo.

Finalmente, ele disse, “Eles a quebraram.” Ele pausou. “Algumas pessoas simplesmente sentem a necessidade de destruir as coisas dos outros, eu acho.”

“Meu Deus,” ela disse, tentando ao máximo não revelar nada, “isso é terrível.”

“Meu pai está furioso comigo por não ter lutado... mas eu não sou assim.”

“Que idiotas. Talvez os tire os encontrem,” ela disse.

Um leve sorriso passou pelo rosto de Jonah. “Isto que é estranho. Eles já levaram o troco.”

“O que você quer dizer?” ela perguntou, tentando parecer convincente.

“Eu encontrei aqueles caras no beco, logo depois. Eles apanharam mais do que eu. Não estavam nem se movendo.” Seu sorriso aumentou. “Alguém os pegou. Eu acho que Deus existe.”

“Que coisa estranha,” ela disse.

“Talvez eu tenha um anjo da guarda,” ele disse, olhando para ela atentamente.

“Talvez,” ela respondeu.

Ele a encarou por um longo tempo, como se esperasse que ela contribuísse com algo, que insinuasse algo. Mas ela não o fez.

“E aconteceu uma coisa ainda mais estranha do que tudo isso,” ele disse, finalmente.

Ele retirou algo de dentro de sua mochila, e o segurou.

“Eu encontrei isso.”

Ela olhou para baixo, chocada. Era o seu diário.

Ela sentiu suas bochechas corarem quando o pegou, feliz por tê-lo de volta e horrorizada por saber que ele tinha uma prova de que ela havia estado lá. Agora, ele devia ter certeza de que ela estava mentindo.

“O seu nome está aí. Ele é *seu*, não é?”

Ela assentiu com a cabeça, examinando-o. Estava tudo lá. Ela havia esquecido dele.

“Haviam algumas páginas soltas. Eu juntei todas e as coloquei de volta. Espero ter pego todas,” ele disse.

“Você pegou,” ela disse suavemente, emocionada, constrangida.

“Eu segui a trilha de páginas e o engraçado é que... elas me levaram até o beco.”

Ela continuou a olhar para o diário, se recusando a fazer contato visual.

“Como você acha que o seu diário foi parar lá?” ele perguntou.

Ela olhou nos olhos dele, fazendo o possível para manter uma expressão séria.

“Eu estava indo para casa ontem à noite, e o perdi em algum lugar. Talvez eles o tenham encontrado.”

Ele a estudou.

Finalmente, ele disse, “Talvez.”

Os dois ficaram parados ali, em silêncio.

“A coisa mais estranha de todas,” ele continuou, “é que, antes que eu ficasse totalmente inconsciente, eu poderia jurar que vi você lá, em pé na

minha frente, gritando com aqueles caras para me deixarem em paz... Não é estranho?”

Ele a olhou, e ela retornou o olhar dele, diretamente nos olhos.

“Eu teria que ser bem maluca para fazer uma coisa dessas,” ela disse. Contra sua própria vontade, um pequeno sorriso surgiu no canto de sua boca.

Ele pausou, depois deu um sorriso largo.

“Sim,” ele respondeu, “você teria.”

Capítulo Quatro

Caitlin estava nas nuvens enquanto caminhava para casa da escola, segurando seu diário. Ela não tinha sido tão feliz em muito tempo. As palavras de Jonah se repetiam em sua mente.

“Vai ter um concerto hoje à noite. No Carnegie Hall. Eu ganhei dois ingressos. São os piores assentos do local, mas dizem que o vocalista é incrível.”

“Você está me convidando para sair?” ela havia dito, sorrindo.

Ele sorriu de volta.

“Se você não se importar de sair com alguém cheio de hematomas,” ele havia dito, sorrindo de volta. “Afim, hoje é sexta-feira.”

Ela havia praticamente ido pulando para casa, sem conseguir conter o seu entusiasmo. Ela não sabia nada sobre música clássica—ela nunca havia ouvido esse tipo de música antes—mas não se importava. Ela iria para qualquer lugar com ele.

Carnegie Hall. Ele disse que o traje era de gala. O que ela deveria vestir? Ela olhou para o relógio. Ela não tinha muito tempo para se arrumar se fosse encontrá-lo naquele café antes do concerto. Ela acelerou o ritmo.

Antes de perceber, ela estava em casa e nem a melancolia do seu prédio a deixou triste. Ela correu pelos cinco lances de escada e quase não sentiu quando entrou em seu novo apartamento.

O grito de sua mãe veio imediatamente: “Sua vadia desgraçada!”

Caitlin se abaixou na hora exata, quando sua mãe havia jogado um livro na direção do rosto dela. Ele passou voando, e bateu na parede.

Antes que Caitlin pudesse falar, sua mãe atacou—unhas de fora, apontadas para o rosto dela.

Caitlin levantou as mãos e segurou os pulsos dela na hora exata. As duas se empurraram, indo para frente e para trás.

Caitlin podia sentir seu novo poder surgindo em suas veias, e sentiu que podia jogar a sua mãe para o outro lado da sala sem sequer tentar. Mas ela forçou a si mesma a controlá-lo, e a empurrou para longe, mas apenas o suficiente para jogá-la no sofá.

Sua mãe, no sofá, começou a chorar. Ela ficou sentada lá, soluçando.

“A culpa é *sua!*” ela gritou entre os soluços.

“Qual é o seu *problema?*” Caitlin gritou, completamente desprevenida, sem ter a menor ideia do que estava acontecendo. Até para a mãe dela, aquilo era loucura.

“*Sam.*”

Sua mãe segurava um pedaço de folha de caderno.

O coração de Caitlin batia rápido ao pegá-lo, um sentimento de terror crescendo dentro dela. Fosse o que fosse, ela sabia que não podia ser bom.

“Ele foi embora!”

Caitlin examinou o bilhete escrito à mão. Ela não conseguia se concentrar enquanto lia, entendendo apenas fragmentos—*fugir... não quero ficar aqui... com os meus amigos... não tente me encontrar.*

Suas mãos estavam tremendo. Sam havia ido. Ele realmente havia ido embora. Ele nem sequer esperou por ela. Nem esperou para dizer adeus.

“É por *sua* causa!” sua mãe gritou.

Uma parte de Caitlin não conseguia acreditar. Ela correu pelo apartamento, abriu o quarto de Sam, quase esperando encontrá-lo lá.

Mas o quarto estava vazio. Imaculado. Nenhuma única coisa deixada para trás. Sam nunca havia deixado seu quarto tão limpo. Era verdade. Ele realmente tinha ido embora.

Caitlin sentiu a bÍlis subir até sua garganta. Ela não podia deixar de sentir que, desta vez, a sua mãe estava certa, a culpa *era* dela. Sam havia perguntado a ela. E ela havia dito, “Então vá.”

Então vá. Por que ela tinha que ter dito aquilo? Ela planejava se desculpar, retirar o que havia dito na manhã seguinte, mas ele já havia saído quando ela acordou. Ela iria conversar com ele quando chegasse em casa hoje. Mas agora, era tarde demais.

Ela sabia para onde ele devia ter ido. Existia apenas um lugar para onde ele iria: a última cidade. Ele estaria bem. Melhor, provavelmente, do que estava aqui. Ele tinha amigos lá. Quanto mais ela absorvia a notícia, menos ela se preocupava. Na verdade, ela estava feliz por ele. Ele havia conseguido sair finalmente. E ela sabia como encontrá-lo.

Mas ela teria que lidar com isso mais tarde. Ela olhou para o relógio e percebeu que estava atrasada. Ela correu para o seu quarto, agarrou rapidamente suas melhores roupas e sapatos, e os colocou em uma bolsa de academia. Ela teria que sair sem maquiagem. Não havia tempo.

“Por que você tem que destruir tudo o que toca!?” sua mãe gritou, bem atrás dela. “Eu nunca deveria ter acolhido você!”

Caitlin olhou para ela, em choque.

“Do que você está falando!?”

“É isso mesmo,” sua mãe continuou. “Eu acolhi você. Você não é minha. Nunca foi. Você era *dele*. Você não é minha filha de verdade. Você me ouviu!? Eu teria vergonha de ter você como filha!”

Caitlin podia ver o veneno em seus olhos negros. Ela nunca havia visto sua mãe com tanta raiva. Os olhos dela tinham morte dentro deles.

“Por que você tinha que afastar a única coisa que era boa na minha vida!?” sua mãe gritou.

Desta vez, sua mãe a atacou com as duas mãos e foi direto para a sua garganta. Antes que Caitlin pudesse reagir, ela estava sendo estrangulada. Com força.

Caitlin lutou para respirar. Mas a mão de sua mãe parecia ferro. Sua intenção era matar.

A raiva invadiu Caitlin, e dessa vez, ela não pôde pará-la. Ela conseguia sentir o calor familiar e picicante subindo pelos dedos dos seus pés, e chegando até os seus braços e ombros. Ela sentiu o calor a envolver. Enquanto ele surgia, os músculos em seu pescoço incharam. Sem fazer qualquer coisa, sua mãe começou a soltar seu pescoço.

Sua mãe deve ter visto a transformação começar, por que parecia estar com medo, de repente. Caitlin jogou a cabeça para trás e rugiu. Ela havia se transformado em algo pavoroso.

Sua mãe soltou o seu pescoço, deu um passo para trás e olhou, com a boca aberta.

Caitlin esticou uma mão e a empurrou, fazendo-a voar para trás com tanta força que ela atravessou a parede, quebrando-a com um estrondo, alcançando a outra sala. Ela continuou, batendo em outra parede e caindo, inconsciente.

Caitlin respirava fundo, tentando se concentrar. Ela examinou o apartamento, se perguntando se havia alguma coisa que ela queria levar com ela. Ela sabia que havia, mas não conseguia pensar direito. Ela agarrou a bolsa de academia com roupas e saiu da sala, através dos destroços, passando pela mãe.

Sua mãe estava deitada lá, gemendo, começando a se sentar.

Caitlin continuou caminhando para fora do apartamento.

Aquela era a última vez, ela jurou, que veria aquele lugar novamente.

Capítulo Cinco

Caitlin caminhou rápido pela noite fria de março, descendo a rua lateral com o coração ainda batendo forte após o acontecido com sua mãe. O ar frio queimava seu rosto, e a fazia se sentir bem. Calma. Ela respirou fundo, e se sentiu livre. Ela nunca teria que voltar para aquele apartamento, nunca teria que subir aqueles degraus sujos. Nunca teria que ver esta vizinhança. E nunca teria que voltar para aquela escola. Ela não tinha ideia de onde iria, mas pelo menos estaria longe dali.

Caitlin chegou até a avenida e observou, procurando por um táxi livre. Depois de pouco mais de um minuto de espera, ela percebeu que não iria conseguir encontrar um. O metrô era a sua única opção.

Caitlin caminhou na direção da estação da rua 135. Ela nunca havia entrado no metrô de Nova York. Ela não tinha certeza de qual linha pegar, ou onde descer, e essa era a pior hora para fazer experiências. Ela temia o que poderia encontrar na estação em uma noite fria de março—especialmente nesta vizinhança.

Ela desceu pelos degraus cobertos de pichações e se aproximou da bilheteria. Por sorte, havia alguém lá.

“Eu preciso ir para Columbus Circle,” Caitlin disse.

A atendente gorda atrás da janela de acrílico a ignorou.

“Com licença,” Caitlin disse, “mas eu preciso —”

“Eu disse para descer para a plataforma!” retrucou a mulher.

“Não, você não disse,” Caitlin respondeu. “Você não disse nada!”

A atendente a ignorou novamente.

“Quanto é a passagem?”

“Dois e cinquenta,” disse a atendente, irritada.

Caitlin colocou a mão no bolso e retirou três notas amassadas de um dólar. Ela as passou por baixo do acrílico.

A atendente, ainda a ignorando, passou um cartão Metrocard para Caitlin.

Caitlin puxou o cartão e entrou no sistema.

A plataforma estava mal iluminada e quase deserta. Dois sem-teto ocupavam o banco, coberto com cobertores. Um dormia, mas o outro ficou

a observando quando ela passou. Ele começou a balbuciar. Caitlin caminhou mais rápido.

Ela foi até a beira da plataforma e se inclinou para frente, procurando por um trem. Nada.

Vamos lá. Vamos lá.

Ela olhou para o seu relógio mais uma vez. Já estava cinco minutos atrasada. Ela se perguntou quanto tempo mais levaria. Ela se perguntou se Jonah iria embora. Ela não podia culpá-lo.

Ela notou algo se movendo rapidamente pelo canto do olho. Ela se virou. Nada.

Quando ela olhou mais atentamente, pensou que tinha visto uma sombra se arrastar pelo chão de linóleo branco, depois se esquivar para os trilhos do trem. Ela sentiu como se estivesse sendo vigiada.

Mas ela olhou novamente e não viu nada.

Eu devo estar vendo coisas.

Caitlin caminhou até o grande mapa do metrô. Ele estava arranhado, rasgado e coberto com pichações, mas ela ainda podia enxergar a linha do metrô. Pelo menos ela estava no lugar certo. Esta linha deveria levá-la diretamente para Columbus Circle. Ela começou a se sentir melhor.

“Você está perdida, querida?”

Caitlin se virou e viu um homem negro e grande parado atrás dela. Ele tinha barba e, quando sorriu, ela pôde perceber que ele não tinha alguns dentes. Ele ficou muito próximo dela, e ela pôde sentir o cheiro do seu hálito horrível. Bêbado.

Ela se esquivou dele e caminhou para longe.

“Ei, vadia, estou falando com você!”

Caitlin continuou a caminhar.

O homem parecia estar drogado, e cambaleava lentamente enquanto a seguia. Mas Caitlin caminhava muito mais rápido e a plataforma era comprida, por isso, ainda havia espaço entre eles. Ela realmente queria evitar outro confronto. *Não aqui. Não agora.*

Ele se aproximou. Ela se perguntou quanto tempo levaria para que ela não tivesse mais escolha, a não ser confrontá-lo. *Por favor, Deus, me tire daqui.*

Naquele momento, um barulho ensurdecido encheu a estação, e o trem chegou de repente. *Graças a Deus.*

Ela embarcou, e assistiu com satisfação enquanto as portas se fecharam para o homem. Bêbado, ele xingou e bateu na estrutura metálica.

O trem seguiu e, em poucos momentos, o homem não era mais nada além de um borrão. Ela estava de saída dessa vizinhança. A caminho de uma nova vida.

*

Caitlin desceu em Columbus Circle e caminhou com um passo acelerado. Ela checkou o relógio novamente. Estava 20 minutos atrasada. Ela engoliu em seco.

Por favor, esteja lá. Por favor, não vá embora. Por favor.

Enquanto ela andava, a apenas alguns blocos de distância, ela sentiu uma pontada no estômago. Ela parou, tomada pela dor intensa.

Ela se curvou, com as mãos no estômago, sem poder se mover. Ela se perguntou se as pessoas estavam olhando para ela, mas estava com dor demais para se importar. Ela nunca havia sentido nada como aquilo antes. Ela lutava para respirar.

As pessoas passavam rapidamente por ambos os lados, mas ninguém parou para ver se ela estava bem.

Depois de cerca de um minuto, ela finalmente se levantou lentamente. A dor começou a aliviar.

Ela respirou fundo, imaginando o que poderia ter acontecido.

Ela começou a caminhar novamente, na direção do café. Mas agora ela se sentia totalmente desorientada. E sentia algo mais... fome. Não era uma fome normal, mas uma sede profunda e insaciável. Quando uma mulher passou por ela, levando seu cachorro para passear, Caitlin percebeu que se virou e observou o animal. Ela se viu esticando o pescoço e observando o animal enquanto passava, e fixando o olhar em seu pescoço.

Para sua surpresa, ela podia ver os detalhes das veias na pele do cachorro, o sangue correndo por elas. Ela viu a pulsação de seu sangue e sentiu uma sensação de insensibilidade e dormência em seus próprios dentes. Ela queria o sangue daquele cachorro.

Como se sentisse que alguém o observava, o cachorro se virou enquanto caminhava e olhou para Caitlin, sem entender.

Caitlin continuou a caminhar. Ela não conseguia entender o que estava acontecendo com ela. Ela adorava cachorros. Ela nunca havia desejado machucar uma mosca, muito menos um cachorro. O que estava acontecendo com ela?

As dores de fome desapareceram tão rápido quanto apareceram, e Caitlin sentiu que estava voltando ao normal. Quando ela chegou à esquina, o café já podia ser visto. Ela acelerou o passo, respirou fundo e quase se sentiu como ela mesma novamente. Ela olhou para o relógio. Trinta minutos de atraso. Ela rezou para que ele estivesse lá.

Ela abriu as portas. Seu coração estava batendo forte, dessa vez não de dor, mas de medo que Jonah tivesse ido embora.

Caitlin rapidamente examinou o lugar. Ela entrou rápido, quase sem fôlego e já se sentia exposta. Ela podia sentir todos os olhares nela, e examinou a fileira de clientes à sua esquerda e à sua direita. Mas não havia sinal de Jonah. O coração dela afundou em seu peito. Ele já deve ter ido embora.

“Caitlin?”

Caitlin se virou rapidamente. Lá, sorrindo, estava Jonah. Ela sentiu seu coração se encher de alegria.

“Eu sinto muito,” ela disse rapidamente. “Eu nunca me atraso normalmente. É que eu – é que –”

“Tudo bem,” ele disse, pousando gentilmente a mão em seu ombro. “Não se preocupe com isso. Eu só estou feliz por você estar bem,” ele adicionou.

Ela olhou dentro dos seus olhos verdes, sorridentes, emoldurados por um rosto ainda machucado e inchado, e pela primeira vez naquele dia, ela sentiu paz. Ela sentiu que tudo daria certo, afinal.

“O único problema é que nós não temos muito tempo para chegar ao concerto,” ele disse. “Só temos cerca de cinco minutos. Por isso, acho que teremos que deixar aquela xícara de café para a próxima vez.”

“Está bem,” ela disse. “Eu estou tão feliz por não termos perdido o concerto. Me sinto como uma grande—”

De repente, Caitlin olhou para si mesma e ficou horrorizada ao perceber que ainda estava vestida com suas roupas casuais. Ela ainda estava segurando sua bolsa de academia, onde estavam suas melhores roupas e sapatos. Ela pretendia chegar ao café cedo, entrar no banheiro, colocar suas roupas bonitas e ficar pronta para encontrar Jonah. Agora, ela estava parada ali, olhando para ele, vestida como uma boba, e segurando uma bolsa de academia. As suas bochechas coraram. Ela não sabia o que dizer.

“Jonah, sinto muito por estar vestida assim,” ela disse. “Eu pretendia me trocar antes de vir, mas... Você disse que nós temos cinco minutos?”

Ele olhou para o seu relógio, um traço de preocupação cruzando seu rosto.

“Sim, mas—”

“Eu já volto,” ela disse, e antes que ele pudesse responder, ela correu pelo restaurante, em direção ao banheiro.

Caitlin entrou correndo no banheiro e trancou a porta. Ela rasgou a bolsa e puxou todas as suas melhores roupas, agora amassadas, de dentro dela. Ela tirou as roupas e tênis que vestia, e rapidamente colocou sua saia de veludo preto e uma blusa de seda branca. Ela também pegou seus brincos de diamantes falsos e os colocou. Eles eram baratos, mas funcionavam. Ela completou o visual com sapatos de salto pretos.

Ela se olhou no espelho. Estava um pouco amassada, mas não tanto quanto tinha imaginado. Sua blusa levemente aberta exibia a pequena cruz de prata que ela ainda usava no pescoço. Ela não tinha tempo para maquiagem, mas ao menos estava vestida. Ela passou rapidamente as mãos pela água e umedeceu os cabelos, colocando alguns fios no lugar. Ela completou o visual com sua bolsa de couro de mão.

Ela estava prestes à sair correndo, quando notou a pilha de roupas e tênis velhos. Ela hesitou, discutindo a questão. Ela realmente não queria carregar aquelas roupas pelo resto da noite. Na verdade, ela nem sequer queria usar aquelas roupas novamente.

Ela juntou todas em uma bola e, com grande satisfação, as enfiou em uma lata de lixo no canto do banheiro. Agora, ela estava usando a única roupa que tinha no mundo.

Ela se sentiu bem caminhando em direção da sua nova vida vestida assim.

Jonah esperava por ela do lado de fora do café, batendo o pé, olhando para o seu relógio. Quando ela abriu a porta, ele se virou, e quando ele a viu, toda arrumada, ficou imóvel. Ele olhou para ela, sem palavras.

Caitlin nunca havia visto um rapaz olhar para ela daquela maneira antes. Ela nunca havia realmente pensado em si mesma como atraente. A maneira que Jonah olhava para ela a fazia se sentir... especial. Ela se sentia, pela primeira vez, como uma mulher.

“Você... está linda,” ele disse, suavemente.

“Obrigado,” ela disse. *Você também*, é o que ela queria dizer, mas se conteve.

Com a sua nova autoconfiança, ela caminhou até ele, colocou a mão em seu braço, e gentilmente conduziu o caminho para o Carnegie Hall. Ele caminhava com ela, acelerando o passo, colocando sua mão livre por cima da dela.

Era ótimo estar nos braços de um garoto. Apesar de tudo o que havia acontecido naquele dia, e no dia anterior, Caitlin agora sentia como se estivesse caminhando no ar.

Capítulo Seis

O Carnegie Hall estava totalmente lotado. Jonah mostrou o caminho enquanto eles lutavam para atravessar a multidão, na direção de Will Call. Não era fácil chegar lá. Aquela era uma multidão rica e exigente, e todos pareciam estar correndo para chegar ao concerto. Ela nunca havia visto tantas pessoas tão bem vestidas em um só lugar. A maioria dos homens estava de smoking, e as mulheres usavam longos vestidos de noite. Joias brilhavam em todo o lugar. Era excitante.

Jonah pegou os ingressos e ambos subiram as escadas. Ele os entregou ao porteiro, que os rasgou e devolveu os recibos.

“Posso ficar com um?” Caitlin perguntou, quando Jonah colocava os dois recibos em seu bolso.

“Claro,” ele disse, dando um a ela.

Ela passou o dedão pelo recibo.

“Eu gosto de guardar coisas como essa,” ela adicionou, ruborizada. Sentimental, eu acho.”

Jonah sorriu enquanto ela colocava o recibo em seu bolso da frente.

Eles foram dirigidos pelo porteiro até um salão luxuoso com carpetes grossos e vermelhos. Fotos emolduradas de artistas e cantores cobriam as paredes.

“Então, como você ganhou os ingressos?” Caitlin perguntou.

“Meu professor de viola,” ele respondeu. “Ele tem ingressos para toda a temporada. Ele não poderia vir hoje, então me deu os ingressos. Eu espero que o fato de eu não ter pago por eles não desvalorize a ocasião,” ele adicionou.

Ela olhou para ele, confusa.

“Nosso encontro,” ele respondeu.

“É claro que não,” ela disse. “Você me trouxe aqui. É só isso que importa. Isto é incrível.”

Caitlin e Jonah foram dirigidos por outro porteiro até uma pequena porta, que dava diretamente para o salão de concertos. Eles estavam no alto, talvez 15 metros, e em sua pequena área existiam apenas 10 ou 15 lugares. Seus lugares estavam na ponta do balcão, rente à grade.

Jonah abriu o assento grosso e macio para ela, e ela olhou para o grande público e todos os artistas. Era o lugar mais chique em que ela já havia estado. Ela olhou para aquele mar de cabelos grisalhos e se sentiu jovem demais para estar ali. Mas feliz de qualquer jeito.

Jonah sentou, seus cotovelos se tocaram e ela sentiu um arrepio ao sentir o calor do corpo dele ao lado dela. Enquanto os dois se acomodavam e aguardavam, ela queria pegar a mão dele e segurá-la. Mas ela não queria correr o risco de parecer ousada demais. Então, ela ficou sentada lá, esperando que ele pegasse a mão dela. Ele não tentou nada. Era cedo. E talvez ele fosse tímido.

Em vez disso, ele apontou, se inclinando sobre a grade.

“Os melhores violinistas estão próximos da área dos instrumentos no palco,” ele disse, apontando. “Aquele mulher ali é uma das melhores do mundo.”

“Você já tocou aqui?”, ela perguntou.

Jonah riu. “Quem dera,” ele disse. “Esta sala fica a apenas 50 quadras de distância de nós, mas poderia ficar em outro planeta quando se trata de talento. Talvez um dia,” ele adicionou.

Ela olhou para o palco, para as centenas de músicos afinando seus instrumentos. Todos estavam em trajes de gala, e todos pareciam muito sérios, focados. Próximo ao fundo do palco estava um enorme coro.

De repente, um homem jovem, talvez 20 anos, com cabelos longos e sedosos, vestindo um smoking, desfilou orgulhoso pelo palco. Ele passou pela fila de músicos, se dirigindo ao centro. Enquanto o fazia, o público inteiro se levantou e aplaudiu.

“Quem é ele?” Caitlin perguntou.

Ele chegou ao centro e se curvou repetidamente, sorrindo. Mesmo de cima, Caitlin podia ver que ele era incrivelmente atraente.

“Sergei Rakov,” Jonah respondeu. “Ele é um dos melhores vocalistas do mundo.”

“Mas ele parece tão jovem.”

“Não se trata de idade, mas sim de talento,” Jonah respondeu. “Existe talento e existe *talento*. Para ter *este* tipo de talento, você precisa nascer com ele—e você *realmente* precisa praticar. Não por quatro horas por dia, mas por oito horas por dia. Todos os dias. Eu faria isso se pudesse, mas meu pai não deixa.”

“Por que não?”

“Ele não quer que a viola seja a única coisa na minha vida.”

Ela podia ouvir a decepção na voz dele.

Finalmente, o aplauso começou a diminuir.

“Eles irão tocar a Nona Sinfonia de Beethoven esta noite,” Jonah disse. “É provavelmente a sua peça mais famosa. Você já a ouviu antes?”

Caitlin balançou a cabeça, se sentindo burra. Ela havia tido uma aula de música clássica na nona série, mas ela mal havia ouvido uma palavra que a professora havia dito. Ela não entendia muito aquilo tudo, e eles tinham acabado de se mudar, e o seu pensamento estava em outro lugar. Agora, ela desejava ter ouvido.

“Ela exige uma orquestra enorme,” ele disse, “e um coro enorme. Ela provavelmente exige mais músicos no palco do que qualquer outra peça de música. É emocionante assistir. É por isso que este lugar está tão cheio.”

Ela examinou a sala. Havia milhares de pessoas ali. E nenhum lugar vazio sequer.

“Esta sinfonia foi a última de Beethoven. Ele estava morrendo, e sabia disso. Ele colocou aquilo na música. É o som da morte chegando.” Ele se virou para ela e sorriu. “Me desculpe por ser tão mórbido.”

“Não, não tem problema,” ela disse, e estava sendo sincera. Ela adorava ouvi-lo falar. Ela adorava o som da voz dele. Ela adorava as coisas que ele sabia. Todos os amigos dela conversavam sobre os assuntos mais frívolos, e ela queria mais. Ela sentiu que tinha sorte de estar com ele.

Havia tanto que ela queria dizer a Jonah, tantas perguntas que ela queria fazer—mas as luzes diminuíram de repente e um silêncio se apoderou do público. Aquilo teria que esperar. Ela se inclinou para trás e relaxou.

Ela olhou para baixo e, para a sua surpresa, ali estava a mão de Jonah. Ele a havia colocado no encosto entre os dois, com a palma para cima, convidando a dela. Ela estendeu a mão lentamente, para não parecer muito desesperada, e colocou a mão na dele. A sua mão era macia e quente. Ela sentiu sua mão fundir com a dele.

Quando a orquestra começou e as primeiras notas soaram—notas suaves, calmantes e melodiosas—ela sentiu uma onda de emoção dentro dela, e percebeu que nunca havia sido tão feliz. Ela esqueceu todos os eventos do dia anterior. Se este era o som da morte, ela queria ouvir mais.

*

Enquanto Caitlin sentava lá, se perdendo na música, se perguntando por que ela nunca a havia ouvido antes, se perguntando por quanto tempo ela

conseguiria fazer o seu encontro com Jonah durar, aconteceu de novo. A dor começou de repente. Ela a atingiu no estômago, como havia acontecido na rua, e ela precisou de toda a sua força para não cair de joelhos na frente de Jonah. Ela apertava os dentes em silêncio, e lutava para respirar. Ela podia sentir o suor em sua testa.

Outra pontada.

Desta vez, ela gemeu de dor, só um pouco, o suficiente para mal ser ouvida com a música, que estava chegando a um crescendo. Jonah deve ter ouvido, porque se virou e olhou para ela, preocupado. Ele colocou gentilmente uma mão em seu ombro.

“Você está bem?” ele perguntou.

Ela não estava. A dor estava tomando conta dela. E havia algo mais: fome. Ela se sentiu totalmente faminta. Ela nunca havia sido tão dominada por uma sensação em sua vida.

Ela olhou para Jonah, e seus olhos caíram diretamente em seu pescoço. Ela se fixou na pulsação de sua veia, a observou enquanto ela passou de seu ouvido até a sua garganta. Ela a assistiu palpitar. Ela contou as batidas.

“Caitlin?” ele perguntou novamente.

O desejo era esmagador. Ela sabia que, se ficasse sentada lá por um segundo mais, ela não conseguiria se controlar. Se não se reprimisse, ela certamente afundaria seus dentes no pescoço de Jonah.

Com sua última gota de força, Caitlin pulou de sua cadeira, passando por Jonah com um único salto, e correndo na direção das escadas, da porta.

Naquele mesmo momento, as luzes da sala aumentaram totalmente, enquanto a orquestra tocava a última nota. Intervalo. O público inteiro se levantou, aplaudindo ruidosamente.

Caitlin chegou até a porta de saída alguns segundos antes que a multidão pudesse sair de seus assentos.

“Caitlin!?” Jonah gritou de algum lugar atrás dela. Ele provavelmente estava levantando de seu assento e a seguindo.

Ela não podia deixá-lo vê-la daquele jeito. E o mais importante, ela não podia permitir que ele ficasse perto dela. Ela se sentia como um animal. Ela trilhou os corredores vazios do Carnegie Hall, caminhando cada vez mais rápido, até que alcançou uma velocidade de corrida.

Sem perceber, ela estava correndo a uma velocidade impossível, voando através do corredor acarpetado. Ela era um animal à caça. Ela precisava de

comida. Ela sabia o suficiente para entender que precisava ir para longe das multidões. Rápido.

Ela encontrou uma porta de saída e a empurrou com o ombro. A porta estava trancada, mas ela a empurrou com tanta força que a arrancou das dobradiças.

Ela se viu em uma escadaria privada. Ela desceu correndo pelos degraus, três por vez, até chegar em outra porta. Ela também empurrou esta com o ombro, e se viu em um novo corredor.

Este corredor era ainda mais exclusivo, e mais vazio dos que os outros. Até mesmo em seu delírio, ela podia perceber que havia chegado em algum tipo de área dos bastidores. Ela caminhou pelo corredor, curvando-se de dor devido à fome, e sabia que não aguentaria mais um segundo.

Ela levantou a palma e empurrou a primeira porta que encontrou, abrindo-a com um único empurrão. Era um camarim particular.

Sentado em frente a um espelho, admirando a si mesmo, estava Sergei. O cantor. Este deveria ser o camarim dele. De alguma forma, ela havia chegado ali.

Ele levantou, irritado.

“Sinto muito, mas nada de autógrafos agora,” ele retrucou. “Os guardas deveriam ter dito isso à você. Este é o meu momento particular. Agora, se você me der licença, eu preciso me preparar.”

Com um rugido gutural, Caitlin pulou na direção da garganta dele, afundando seus dentes profundamente.

Ele gritou. Mas já era tarde demais.

Seus dentes penetraram profundamente as veias dele. Ela bebeu. Ela sentiu o sangue dele correndo por suas veias, sentiu seu desejo começar a ser satisfeito. Aquilo era exatamente o que ela precisava. E ela não poderia ter esperado mais um segundo sequer.

Sergei caiu, inconsciente, em sua cadeira. Caitlin se inclinou para trás, o rosto coberto de sangue, e sorriu. Ela havia descoberto um novo sabor. E nada a impediria de prová-lo novamente.

Capítulo Sete

A detetive do departamento de homicídios de Nova York, Grace O'Reilly, abriu as portas do Carnegie Hall e soube imediatamente que seria ruim. Ela havia visto a imprensa fora de controle antes, mas nada como aquilo. Havia mais de 10 repórteres lá, e estavam estranhamente agressivos.

“Detetive!”

Eles a chamaram aos gritos quando ela entrou, a sala se encheu de flashes.

Quando Grace e seus detetives cruzaram o lobby, os repórteres mal se moveram. Aos 40 anos, musculosa e endurecida, com cabelos curtos pretos e olhos da mesma cor, Grace era durona, e estava acostumada em ter que disputar por seu espaço. Mas desta vez, não foi fácil. Os repórteres sabiam que aquela era uma grande história, e não iriam ceder. Isso tornaria a vida dela bem mais difícil.

Uma estrela jovem e internacional assassinada no auge de sua fama e poder. Bem no meio do Carnegie Hall e bem no meio de sua estreia americana. A imprensa já estava presente, pronta para cobrir a estreia. Sem o menor soluço, as notícias de sua apresentação já iriam estar nos jornais de todo o mundo. Se ele houvesse simplesmente tropeçado ou caído, ou torcido seu tornozelo, a história teria ido para a primeira página.

E agora isso. Assassinado. No meio da sua maldita apresentação. No mesmo salão onde ele havia cantado minutos antes. Era demais. A imprensa agarrou o caso pela garganta e não iria soltar.

Vários repórteres enfiaram microfones no rosto dela.

“Detetive Grant! Existem relatos de que Sergei foi morto por um animal selvagem. Isso é verdade?”

Ela os ignorou e passou por eles aos empurrões.

“Por que não havia uma segurança melhor dentro do Carnegie Hall, detetive?” outro repórter perguntou.

Outro repórter gritou, “Existem relatos de que um *serial killer* fez isso. Eles o estão chamando de ‘Açougueiro de Beethoven.’ Você tem algum comentário?”

Quando ela chegou ao fundo da sala, virou e os encarou.

A multidão ficou em silêncio.

“Açougueiro de Beethoven?” ela repetiu. “Eles não podem fazer melhor do que isso?”

Antes que eles pudessem fazer outra pergunta, ela saiu da sala abruptamente.

Grace subiu as escadas do Carnegie Hall, acompanhada por seus detectives, que continuavam passando informações a ela enquanto eles caminhavam. A verdade é que ela mal estava ouvindo. Ela estava cansada. Ela havia completado 40 anos na semana passada, e sabia que não deveria estar tão cansada. Mas as longas noites de março a haviam afetado, e ela precisava de descanso. Este era o terceiro assassinato neste mês, sem contar com os suicídios. Ela queria um clima quente, plantas e árvores, areia macia sob seus pés. Ela queria um lugar onde ninguém matasse ninguém, onde as pessoas nem sequer pensassem em suicídio. Ela queria uma vida diferente.

Ela olhou para o seu relógio quando entrou no corredor que levava aos bastidores. Uma hora da manhã. Sem precisar olhar, ela conseguia perceber que a cena do crime havia sido contaminada. Por que eles não a tinham chamado antes?

Ela deveria ter se casado, como a sua mãe mandou, aos 30 anos. Ela tinha alguém. Ele não era perfeito, mas teria sido suficiente. Mas ela tinha se prendido à sua carreira, como seu pai. Era o que ela pensou que seu pai queria. Agora, seu pai estava morto e ela nunca havia realmente descoberto o que ele queria. E ela estava cansada. E sozinha.

“Nenhuma testemunha,” resmungou um dos detetives caminhando ao lado dela. “A equipe forense diz que aconteceu entre 22h15 e 22h28. Não há muitos sinais de luta.”

Grace não gostou desta cena de crime. Já haviam pessoas demais envolvidas, e pessoas demais haviam estado ali antes dela. Cada movimento que ela fizesse estaria visível. E não importava o quão maravilhoso seria o trabalho investigativo que ela faria, o crédito acabaria sendo roubado por outra pessoa. Existiam departamentos demais envolvidos, o que significava política demais.

Ela finalmente passou pelo resto dos repórteres, e entrou na área isolada, reservada apenas para oficiais de elite. Enquanto ela se encaminhava para o próximo corredor, as coisas finalmente se acalmaram. Ela podia pensar novamente.

A porta do camarim dele estava levemente aberta. Ela esticou a mão, pegou uma luva de látex e abriu a porta devagar.

Ela havia visto de tudo em seus 20 anos como policial. Ela havia visto pessoas assassinadas de praticamente todas as formas possíveis, de formas que ela não poderia imaginar em seus piores pesadelos. Mas ela nunca havia visto nada como isto.

Não por ser particularmente sangrento. Não por que alguma terrível violência estivesse presente. Era outra coisa. Algo surreal. Era quieto demais. Tudo estava em seu lugar. Com exceção, claro, do corpo. Ele havia caído para trás em sua cadeira, o pescoço exposto. E lá, sob as luzes, existiam dois buracos perfeitos, exatamente em sua veia jugular.

Nenhum sangue. Nenhum sinal de luta. Nenhuma roupa rasgada. Nada fora do lugar. Era como se um morcego houvesse descido, sugado o sangue dele até o fim, e ido embora voando, sem tocar em nada mais. Era estranho. E totalmente apavorante. Se a pele dele não tivesse ficado completamente branca, ela poderia pensar que ele ainda estava vivo, apenas tirando uma soneca. Ela até ficou tentada a ir até ele e sentir seu pulso. Mas ela sabia que aquilo seria estupidez.

Sergei Rakov. Ele era jovem. E pelo o que ela havia ouvido, ele tinha sido um cretino arrogante. Ele já poderia ter feito inimigos?

O que diabos poderia ter feito isso? Ela se perguntou. Um animal? Uma pessoa? Um novo tipo de arma? Ou ele teria feito aquilo a si mesmo?

“O ângulo do ataque elimina o suicídio,” o detetive Ramos disse, parado ao lado dela com seu bloco de anotações e, como sempre, lendo a mente dela.

“Eu quero tudo o que você sabe dele,” ela disse. “Eu quero saber para quem ele devia dinheiro. Eu quero saber quem os seus inimigos eram—eu quero conhecer as suas namoradas, suas futuras esposas. Eu quero tudo. Ele pode ter provocado as pessoas erradas.”

“Sim, senhora” ele disse, e saiu rapidamente da sala.

Por que eles escolheriam esta hora exata para matá-lo? Por que durante o intervalo? Eles estariam mandando algum tipo de mensagem?

Ela caminhou lentamente pelo camarim totalmente acarpetado, circulando, olhando para ele de todos os ângulos possíveis. Ele tinha cabelos ondulados e pretos, e era incrivelmente atraente, até depois da morte. Que desperdício.

Naquele momento, um barulho repentino encheu o lugar. Todos os oficiais se viraram ao mesmo tempo. Eles olharam para cima e viram que a pequena TV no canto havia ligado. Ela exibia imagens da apresentação daquela noite. A Nona de Beethoven enchia o quarto.

Um dos detetives se aproximou da TV para desligá-la.

“Não,” ela disse.

O detetive parou no meio do caminho.

“Eu quero ouvir.”

Ela ficou parada ali, observando Sergei, enquanto sua voz enchia a sala. A voz que havia estado viva apenas algumas horas antes. Era estranho.

Grace circulou a sala mais uma vez. Desta vez, ela se ajoelhou.

“Nós já examinamos esta sala, detetive,” o agente do FBI disse, impaciente.

Ela enxergou algo pelo canto do olho. Ela esticou o braço, embaixo de uma das poltronas. Ela esticou o pescoço e torceu o braço, conseguindo alcançar algo bem no fundo.

Ela finalmente encontrou o que estava procurando. Ela se levantou, com o rosto vermelho, segurando um pequeno pedaço de papel.

Todos os outros detetives olharam na direção dela.

“Um recibo de ingresso,” ela disse, examinando-o com a mão que vestia a luva. “Mezanino direito, assento 3. Do concerto desta noite.”

Ela encarou todos os seus detetives, que a encaravam com o olhar perdido.

“Você acha que isso pertencia ao assassino?” um deles perguntou.

“Bem, de uma coisa eu sei,” ela disse, olhando para a estrela russa da ópera uma última vez. “Não pertencia a ele.”

*

Kyle caminhava pelos corredores com carpete vermelho, desfilando pela espessa multidão. Ele estava irritado, como sempre. Ele odiava multidões, e odiava o Carnegie Hall. Ele havia ido a um concerto aqui uma vez, na década de 1890, e as coisas não tinham ido bem. Ele não esquecia um ressentimento facilmente.

Quando ele caminhava pelo corredor, a gola alta de sua túnica negra cobrindo seu pescoço e emoldurando seu rosto, as pessoas abriam caminho. Oficiais, guardas de segurança, membros da imprensa – a multidão inteira se abriu.

Humanos são fáceis demais de controlar, ele pensou. Com a menor manipulação mental, eles começam a sair do caminho como ovelhas.

Um vampiro do Clã Blacktide, Kyle já havia visto de tudo em seus mais de 3 mil anos. Ele havia estado lá quando Cristo foi morto. Ele havia testemunhado a Revolução Francesa. Ele havia visto a varíola se espalhar pela Europa—e até havia ajudado a espalhá-la. Não havia mais nada que pudesse surpreendê-lo.

Mas esta noite o surpreendeu. E ele não gostava de ser surpreendido.

Normalmente, ele deixaria a sua presença imponente falar por si mesma, e atravessar a multidão aos empurrões. Apesar de sua idade, ele parecia jovem e atraente, e as pessoas geralmente o deixavam passar. Mas ele não estava com paciência para isso esta noite, especialmente devido às circunstâncias. Ele tinha perguntas prementes a serem respondidas.

Que tipo de vampiro solitário seria tão audacioso para matar um humano abertamente? Quem escolheria fazê-lo de forma tão pública, deixando como única possibilidade que o corpo fosse encontrado? Aquilo ia contra todas as regras de sua raça. Estando do lado bom ou mal daquela corrida, essa era uma linha que não podia ser cruzada. Ninguém queria aquele tipo de atenção na corrida. Era uma quebra do seu credo que garantia uma única punição: a morte. Uma longa e tortuosa morte.

Quem seria tão atrevido para tentar algo assim? Para chamar tanta atenção indesejada da imprensa, dos políticos, da polícia? E o que era pior, fazer isso no território do clã dele? Aquilo denegria a imagem do seu clã—pior do que denegrir. Aquilo fazia o seu clã parecer indefeso. A raça de vampiros inteira iria se reunir e os responsabilizar. E se ele não encontrasse esse vampiro solitário, aquilo poderia significar uma guerra. Guerra em uma época em que eles não podiam ter uma, exatamente no momento em que eles estavam prestes a executar seu plano grandioso.

Kyle passou por uma detetive de polícia, e ela esbarrou nele com força. Para piorar, ela virou e o encarou. Ele estava surpreso. Nenhum outro humano nesta multidão tinha a força de vontade para sequer notá-lo. Ela deve ser mais forte do que os outros. Era isso, ou ele estava ficando descuidado.

Ele dobrou a força de sua mente, dirigindo-a diretamente para ela. Ela finalmente balançou a cabeça, virou-se e continuou caminhando. Ele teria que lembrar dela. Ele olhou para baixo e viu o seu crachá. Detetive Grace Grant. Ela pode acabar se tornando um problema.

Kyle continuou caminhando, passando por mais repórteres, passando pela fita de isolamento e, finalmente, passando por um novo rebanho de agentes do FBI. Ele foi até a porta aberta e olhou para dentro. A sala estava cheia com vários outros agentes do FBI. Havia um homem em um terno caro. Olhando para os seus olhos inquietos e ambiciosos, Kyle deduziu que ele era um político.

“A Embaixada russa não está feliz,” ele resmungou para o agente do FBI responsável. “Você compreende que isto não é um assunto apenas para a polícia de Nova York, ou apenas para o governo americano. Sergei era uma estrela entre os nossos vocalistas nacionais. O assassinato dele deve ser interpretado como uma ofensa ao nosso país –”

Kyle levantou sua palma e, usando sua força de vontade, fechou a boca do político. Ele odiava ouvir políticos falando, e ele já havia ouvido o bastante deste aqui. Ele também odiava russos. Ele odiava a maioria das coisas, na verdade. Mas esta noite, o seu ódio alcançou um novo nível. Sua impaciência estava levando a melhor.

Ninguém na sala parecia perceber que Kyle havia fechado a boca do político, nem mesmo o próprio político. Ou talvez eles estivessem gratos. De qualquer forma, Kyle deu um passo para o lado e usou seu poder mental para sugerir que todos saíssem da sala.

“Eu acho que nós todos podíamos fazer uma pausa por cinco minutos,” o agente do FBI responsável disse de repente. “Esfriar um pouco as nossas cabeças.”

O grupo assentiu com a cabeça e saiu rapidamente da sala como se aquilo fosse a coisa mais natural a fazer. Como um último passo, Kyle os fez fechar a porta. Ele odiava o som de vozes humanas e especialmente não queria ouvi-las agora.

Kyle respirou profundamente. Finalmente sozinho, ele pôde deixar seus pensamentos focarem totalmente neste humano. Ele chegou perto e puxou a gola de Sergei, revelando as marcas de mordida. Kyle colocou dois dedos pálidos e frios nelas. Ele os levantou e notou a distância entre as marcas.

Um tamanho de mordida menor do que ele esperava. É uma mulher. A vampira solitária é fêmea. E jovem. Os dentes não eram muito profundos.

Ele colocou seus dedos em cima da mordida novamente e fechou seus olhos. Ele tentou sentir a natureza do sangue, a natureza do vampiro que havia dado aquela mordida. Finalmente, ele arregalou seus olhos, em choque. Retirou seus dedos da mordida rapidamente. Ele não gostou do que

sentiu. Ele não conseguia reconhecer aquilo. Com certeza, era uma vampira solitária. Não fazia parte do clã dele ou de qualquer clã que ele conhecia. E o mais preocupante, ele não conseguia detectar a que raça de vampiros ela pertencia. Em seus 3 mil anos, isto nunca havia acontecido com ele.

Ele levantou seus dedos e os provou. O cheiro dela o dominou. Normalmente, aquilo era suficiente—ele sabia exatamente onde encontrá-la. No entanto, ele estava perdido. Algo estava obstruindo a sua visão.

Ele franziu o rosto. Eles não teriam escolha nesse caso. Eles teriam que confiar na polícia humana para encontrá-la. Os seus superiores não ficariam satisfeitos.

Kyle estava ainda mais irritado do que antes, se é que isto fosse possível. Ele olhou para Sergei e se perguntou o que fazer com ele. Dentro de algumas horas, ele acordaria, mais um vampiro sem clã solto por aí. Ele poderia matá-lo agora mesmo, para sempre, e acabar com aquilo. Ele gostaria muito disso. A raça dos vampiros certamente não precisava de uma nova adição.

Mas isso seria dar um grande presente à Sergei. Ele não teria que sofrer com a imortalidade, sofrer com milhares de anos de sobrevivência e desespero. Com noites sem fim. Não, aquilo seria muita gentileza. Em vez disso, por que não fazer Sergei sofrer com ele?

Ele pensou sobre aquilo. Um cantor de ópera. Sim. O clã dele iria gostar muito disso. Este pequeno garoto russo poderia entretê-los quando eles quisessem. Ele o traria de volta. O converteria. E teria mais um criado à sua disposição.

Além disso, Sergei poderia ajudar a encontrá-la. O cheiro dela agora corria em seu sangue. Ele podia levá-los até ela. E então, eles a fariam sofrer.

Capítulo Oito

Caitlin acordou com uma dor ardente. Sua pele parecia estar queimando e, quando ela tentou abrir os olhos, uma pontada a forçou a fechá-los. A dor explodia em seu crânio.

Ele manteve os olhos fechados, e usou as mãos para tatear. Ela estava deitada sobre alguma coisa. Parecia macio, mas firme. Irregular. Não podia ser um colchão. Ela passou seus dedos pela superfície. Parecia plástico.

Caitlin abriu seus olhos, mais lentamente desta vez, e espiou por entre as mãos. Plástico. Plástico preto. E aquele cheiro. O que era? Ela virou um pouco a cabeça, abriu os olhos um pouco mais e então entendeu. Ela estava deitada sobre uma pilha de sacos de lixo. Ela esticou o pescoço. Ela estava dentro de uma lixeira.

Ela sentou rapidamente. A dor explodiu, seu pescoço e cabeça tomados pela dor. O fedor era insuportável. Ela olhou ao seu redor, os olhos bem abertos agora, e ficou horrorizada. Como diabos ela foi parar aqui?

Ela esfregou a testa, tentando juntar os eventos que a trouxeram aqui. Ela teve um branco. Ela tentou lembrar da noite passada. Ela usou toda a sua força de vontade para que as lembranças voltassem. Lentamente, elas chegaram ...

A briga com sua mãe. O metrô. Encontrar Jonah. O Carnegie Hall. O concerto. Então... então...

A fome. O desejo. Sim, o desejo. Deixar Jonah. Sair correndo. Percorrer os corredores. Então... Branco. Nada.

Para onde ela havia ido? O que ela tinha feito? E como ela foi parar ali? Será que Jonah a tinha drogado? Feito o que queria com ela e a depositado ali?

Ela não acreditava nisso. Ela não podia imaginar que ele fosse desse tipo. Em sua última memória, caminhando pelos corredores, ela estava sozinha, Ela o havia deixado para trás. Não. Não podia ter sido ele.

Então, o quê?

Caitlin se ajoelhou lentamente sobre o lixo, um de seus pés escorregando entre dois sacos, enquanto ela afundava cada vez mais para dentro do poço. Ela puxou o pé para fora rapidamente e encontrou algo sólido para pisar, garrafas de plástico barulhentas.

Ela olhou para cima e viu que a tampa de metal da lixeira estava aberta. Ela tinha aberto a tampa na noite passada e entrado ali? Por que ela teria feito isso? Ela esticou a mão e mal conseguiu segurar a barra de metal no topo. Ela não sabia se teria força suficiente para sair dali.

Mas ela tentou, e ficou surpresa em descobrir que conseguiu sair facilmente: um movimento gracioso, e ela jogou as pernas para o outro lado, caiu alguns metros e pousou no cimento. Para sua surpresa, ela caiu com muita agilidade, o choque quase não a machucou. O que estava acontecendo com ela?

Justamente quando Caitlin pousou na calçada da cidade de Nova York, um casal bem vestido estava passando. Ela os assustou. Eles se viraram e a encararam, mortificados, sem conseguir entender por que uma garota adolescente pularia de repente de dentro de uma enorme lixeira. Eles a deram um olhar estranho e dobraram o passo, se apressando para ficar o mais longe dela quanto possível.

Caitlin não os culpava. Ela provavelmente teria feito o mesmo. Ela olhou para si mesma, ainda vestida com o traje da noite anterior, suas roupas totalmente sujas e cobertas de lixo. Ela fedia. Ela tentou limpar suas roupas o máximo que pôde.

Enquanto o fazia, ela passou as mãos rapidamente sobre seu corpo e bolsos. Sem telefone. Sua mente voou, enquanto ela tentava lembrar se o havia levado do apartamento.

Não. Ela o deixou no apartamento, em seu quarto, no canto de sua mesa. Ela pretendia pegá-lo, mas estava tão perturbada por sua mãe que deixou o telefone para trás. Merda. Ela também havia deixado o seu diário. Ela precisava dos dois. E precisava de um banho e de uma troca de roupas.

Caitlin olhou para o pulso, mas seu relógio não estava lá. Ela devia tê-lo perdido em algum lugar durante a noite. Ela saiu do beco e caminhou pela calçada cheia, com a luz do sol diretamente em seu rosto. A dor irradiou pela sua testa.

Ela voltou rapidamente para a sombra. Ela não conseguia entender o que estava acontecendo. Felizmente, já era quase noite. Ela esperava que esta ressaca, ou o que quer que fosse aquilo, passasse logo.

Ela tentou pensar. Para onde ela poderia ir? Ela queria ligar para Jonah. Era loucura, por que ela mal o conhecia. E depois da noite passada, seja lá o que ela tenha feito, ela tinha certeza de que ele não iria querer vê-la nunca mais. Mas, mesmo assim, ele foi a primeira pessoa que veio à mente dela.

Ela queria ouvir a sua voz novamente, estar com ele. Pelo menos, ela precisava dele para entender o que havia acontecido. Ela queria desesperadamente falar com ele. Ela precisava do seu telefone.

Ela iria para casa uma última vez, pegar seu telefone e seu diário e sair. Ela rezava para que sua mãe não estivesse em casa. Talvez, pelo menos desta vez, a sorte estaria do seu lado.

*

Caitlin parou do lado de fora de seu prédio e olhou para cima, apreensiva. O sol estava se pondo e a luz não a incomodava tanto. Na verdade, conforme a noite se aproximava, ela se sentia mais forte com cada hora que passava.

Ela subiu os cinco andares de escadas com a velocidade de um raio, surpreendendo a si mesma. Ela subiu três degraus por vez e suas pernas não estavam nem um pouco cansadas. Ela não conseguia imaginar o que estava acontecendo com seu corpo. Seja lá o que fosse, ela estava adorando.

Seu bom humor diminuiu quando ela se aproximou da porta do apartamento. Seu coração começou a bater forte quando ela se perguntou se sua mãe estava em casa. Como ela reagiria?

Mas quando ela tocou na maçaneta, ficou surpresa de ver que a porta já estava destrancada, entreaberta. Sua preocupação aumentou. Por que a porta estaria aberta?

Caitlin caminhou hesitante para dentro do apartamento, a madeira rangendo sob seus pés. Ela caminhou lentamente até a sala de estar.

Quando entrou, ela virou a cabeça—e de repente, levou as mãos até a boca, em choque. Uma terrível onda de náusea a atingiu. Ela virou e vomitou.

Era a sua mãe. Deitada lá, caída no chão, com os olhos abertos. Morta. Sua mãe. Morta. Mas como?

Sangue escorria de seu pescoço e caía em uma pequena poça no chão. Ela não teria como ter feito aquilo a si mesma. Ela tinha sido morta. Assassinada. Mas como? Por quem? Mesmo que odiasse a sua mãe, ela nunca teria desejado que ela terminasse assim.

O sangue ainda estava fresco, e Caitlin percebeu de repente que aquilo deveria ter acabado de acontecer. A porta entreaberta. Alguém havia arrombado o apartamento?

De repente, ela se virou, olhando ao seu redor, sentindo os pelos em sua nuca ficarem em pé. Havia alguém mais no apartamento?

Como se para responder a sua pergunta silenciosa, naquele momento, três pessoas vestidas de preto da cabeça aos pés surgiram vindas do outro quarto. Elas entraram calmamente na sala de estar, indo na direção de Caitlin. Três homens. Era difícil dizer a idade deles—eles pareciam eternos—talvez quase 30. Todos tinham corpos definidos. Musculosos. Nem uma grama de gordura neles. Bem arrumados. E muito, muito pálidos.

Um deles deu um passo à frente.

Caitlin deu um passo para trás, com medo. Uma nova sensação estava dominando-a, uma sensação de pavor. Ela não entendia como, mas ela podia sentir a energia daquela pessoa. E era muito, muito ruim.

“Então,” o líder disse em uma voz sombria e sinistra. “A galinha volta ao poleiro.”

“Quem é você?” Caitlin perguntou, recuando. Ela examinou a sala, procurando por uma arma de algum tipo. Talvez um cano, ou um bastão. Ela começou a pensar em pontos de saída. A janela atrás dela. Ela levava à uma saída de incêndio?

“Exatamente a pergunta que queríamos fazer a você,” o líder disse. “A sua amiga humana não tinha respostas,” ele disse, apontando para o corpo de sua mãe. “Eu espero que você tenha.”

Humana? Do que esta pessoa estava falando?

Caitlin recuou vários passos. Ela não tinha mais muito espaço. Ela estava quase rente à parede. Ela lembrou agora: a janela atrás dela *levava* à uma saída de incêndio. Ela lembrou de ficar sentada nela, em seu primeiro dia no apartamento. Ela estava enferrujada. E era instável. Mas parecia funcionar.

“Aquele foi um banquete e tanto no Carnegie Hall,” ele disse. Os três se aproximaram dela lentamente, cada um dando um passo à frente. “Bem dramático.”

Caitlin examinou suas memórias desesperadamente.

Banquete? Por mais que tentasse, ela não tinha absolutamente nenhuma ideia do que eles estavam falando.

“Por que o intervalo?” ele perguntou. “Que mensagem você estava tentando mandar?”

Ela estava contra a parede e não tinha mais para onde ir. Eles deram mais um passo à frente. Ela tinha certeza de que eles a matariam se ela não lhes dissesse o que eles queriam ouvir.

Ela pensou o máximo que pôde. *Mensagem? Intervalo?* Ela se lembrava de caminhar pelos corredores, os salões acarpetados, indo de sala à sala.

Procurando. Sim, as memórias estavam voltando. Havia uma porta aberta. Um camarim. Um homem dentro dele. Ele havia olhado para ela. Havia medo nos olhos dele. E então...

“Você estava no *nosso* território,” ele disse, “e você conhece as regras. Você vai ter que responder por isso.”

Eles deram mais um passo.

Barulho.

Naquele momento, a porta do apartamento foi quebrada e vários policiais uniformizados correram para dentro, armas em punho.

“Pare, desgraçado!” um policial gritou.

Os três se viraram e encararam os policiais.

Então, eles caminharam lentamente na direção dos policiais, sem nenhum medo.

“Eu disse para PARAR!”

O líder continuou caminhando e o policial atirou. O barulho era ensurdecedor.

Mas, incrivelmente, o líder nem sequer parou. Ele deu um sorriso ainda mais largo, simplesmente esticou a sua mão e pegou a bala no ar. Caitlin ficou chocada em ver que ele havia parado a bala com sua palma. Ele levantou a mão, fechou o pulso lentamente e a destruiu. Ele abriu a mão e o pé caiu lentamente no chão.

Os policiais também observaram, chocados, com bocas abertas.

O líder sorriu ainda mais, esticou a mão e pegou a espingarda do policial. Ele a puxou, tensionou o corpo e atingiu o policial no rosto. Ele voou para trás, derrubando vários de seus homens.

Caitlin havia visto o suficiente.

Sem hesitar, ela se virou, abriu a janela e saiu por ela. Ela pulou na saída de incêndio e correu pelos degraus instáveis e enferrujados.

Ela correu o máximo que pôde, por todas as curvas. A velha saída de incêndio provavelmente não havia sido usada em anos, e quando ela fez uma curva, um dos degraus cedeu. Ela escorregou e gritou, mas conseguiu manter o equilíbrio. A escada inteira balançou, mas não cedeu completamente.

Ela havia descido três andares quando ouviu o barulho. Ela olhou para cima e viu os três pularem na saída de incêndio. Eles começaram a descer, incrivelmente rápido. Muito mais rápido do que ela. Ela acelerou o passo.

Ela chegou ao primeiro andar e viu que não havia para onde ir: era um pulo de cinco metros até a calçada. Ela levantou o pescoço e viu que eles estavam se aproximando. Ela olhou para baixo novamente. Não havia escolha. Ela pulou.

Caitlin se preparou para o impacto e esperava que ele fosse forte. Mas, para a sua surpresa, ela caiu graciosamente com os dois pés no chão, como um gato, sem praticamente nenhuma dor. Ela fugiu correndo, se sentindo confiante de que conseguiria deixar seus perseguidores, seja lá quem fossem, para trás.

Quando ela chegou ao fim da quadra, surpresa por sua incrível velocidade, ela olhou para trás, esperando vê-los distantes no horizonte.

Mas ela ficou chocada em ver que eles estavam a apenas alguns metros de distância dela. Como era possível?

Antes que ela pudesse concluir o pensamento, ela sentiu corpos em cima dela. Eles já estavam jogando-a no chão.

Caitlin usou toda a sua nova força para lutar contra os seus agressores. Ela empurrou um deles e ficou feliz em ver que ele voou por vários metros. Encorajada, ela se virou e empurrou outro, e novamente ficou feliz e surpresa por vê-lo voar em outra direção.

O líder pulou em cima dela e começou a estrangulá-la. Ele era mais forte do que os outros. Ela olhou em seus olhos negros como carvão, e era como olhar nos olhos de um tubarão. Sem alma. Era o olhar da morte.

Caitlin usou toda a sua força, cada gota dela, e conseguiu rolar e tirá-lo de cima dela. Ela se levantou com um pulo, e voltou a correr.

Mas ela não havia ido muito longe e já foi jogada ao chão novamente, pelo líder. Como ele podia ser tão rápido? Ela havia acabado de jogá-lo longe.

Desta vez, antes que ela pudesse lutar, ela sentiu nós de dedos em sua bochecha e percebeu que ele havia acabado de lhe dar um tapa. Com força. O mundo girou. Ela recuperou a consciência rapidamente e se preparou para lutar, quando de repente, ela viu os outros dois ajoelhados ao lado dela, a segurando no chão. O líder extraiu um pedaço de pano de seu bolso. Antes que ela pudesse reagir, o pano estava sobre o seu nariz e boca.

Quando ela respirou profundamente pela última vez, o mundo girou e se tornou nebuloso.

Antes que o mundo se tornasse escuridão total, ela poderia ter jurado que ouviu uma voz sombria sussurrar em seu ouvido: “Você é nossa agora.”

Capítulo Nove

Caitlin se acordou em completa escuridão. Ela sentiu uma dor fria e metal em seus pulsos e tornozelos, e seus membros estavam doloridos. Ela percebeu que estava acorrentada. Em pé. Seus braços estavam esticados, ao seu lado, e ela tentou movê-los, mas eles não se mexeram. Seus pés também não. Ela ouviu um barulho ao tentar, e sentiu o metal frio e duro penetrar ainda mais em seus pulsos e tornozelos. Onde diabos ela estava?

Caitlin abriu mais seus olhos, o coração batendo forte, tentando perceber onde ela estava. Estava frio. Ela ainda estava vestida, mas descalça, e podia sentir a pedra fria sob seus pés. Ela também sentiu pedras em suas costas. Ela estava contra uma parede. Acorrentada à uma parede.

Ela observou o lugar atentamente e tentou identificar alguma coisa. Mas a escuridão era absoluta. Ela estava com frio. E com sede. Ela engoliu, e sua garganta estava seca.

Ela puxou com toda a sua força, mas mesmo com a sua nova força, as correntes não se moviam. Ela estava completamente presa.

Caitlin abriu a boca para gritar por socorro. A primeira tentativa não funcionou. A sua boca estava seca demais. Ela engoliu novamente.

“Socorro!” ela gritou, sua voz soando rouca. “SOCORRO!” ela gritou novamente, e desta vez, ganhou um volume real.

Nada. Ela ouviu atentamente. Ouviu um barulho fraco e rápido vindo de algum lugar distante. Mas de onde?

Ela tentou se lembrar. Onde havia estado por último?

Ela se lembrou de ter ido para casa. Seu apartamento. Ela franziu o rosto, lembrando da mãe. Morta. Ela lamentou profundamente, como se, de alguma forma, aquilo fosse sua culpa. E ela sentiu remorso. Ela desejou ter sido uma filha melhor, mesmo se a sua mãe não tivesse sido muito boa para ela. Mesmo que, como a sua mãe havia dito no dia anterior, ela não fosse realmente sua filha. Será que ela realmente falava sério? Ou era algo que ela havia dito em um momento de raiva?

E então... aquelas três pessoas. Vestidas de preto. Tão pálidas. Se aproximando dela. Então... A polícia. A bala. Como eles haviam parado a bala? O que eram aqueles homens? Por que eles haviam usado a palavra

“humano”? Ela podia ter pensado que eles estavam delirando, se ela não tivesse os visto parar a bala em pleno ar.

Então... o beco. A perseguição.

E então...Escuridão.

Caitlin ouviu de repente o ranger de uma porta de metal. Ela apertou os olhos, quando uma luz apareceu à distância. Era uma tocha. Alguém estava vindo na direção dela, carregando uma tocha.

Quando ele chegou mais perto, o local se acendeu. Ela estava em um grande quarto cacofônico, totalmente entalhado na pedra. Parecia muito antigo.

Quando o homem se aproximou, Caitlin pôde ver seu rosto. Ele segurou a tocha na altura do rosto. Ele a encarou como se ela fosse um inseto.

Este homem era grotesco. Seu rosto era distorcido, fazendo-o parecer um bruxo velho e enrugado. Ele riu, e revelou fileiras de dentes pequenos e amarelos. O seu hálito fedia. Ele ficou à alguns centímetros de distância dela e observou. Ele levantou uma mão até o rosto dela, e ela pôde sentir suas unhas curvadas e longas. Como garras. Ele as passou lentamente pelo rosto dela, não o suficiente para machucá-la, mas o suficiente para deixá-la enjoada. Ele riu ainda mais.

“Quem é você?” Caitlin perguntou, apavorada. “Onde eu estou?”

Ele apenas aumentou o seu sorriso, como se examinasse sua presa. Ele olhou para a garganta dela e lambeu os lábios.

Naquele momento, Caitlin ouviu o som de outra porta de metal se abrindo, e viu várias tochas se aproximando.

“Deixe-a!” gritou uma voz à distância. O homem parado na frente de Caitlin se afastou rapidamente, dando vários passos para trás. Ele abaixou a cabeça, advertido.

Um grupo inteiro de tochas se aproximou e, quando chegaram mais perto, ela pôde ver o seu líder. O homem que a havia perseguido no beco.

Ela olhou para ele, oferecendo um sorriso com o calor do gelo. Este homem era lindo, eterno, mas aterrorizante. Maligno. Seus grandes olhos de carvão olhavam para ela.

Ele estava acompanhado por outros cinco homens, todos vestidos de preto como ele, mas nenhum tão grande ou belo como ele. Também existiam mulheres no grupo, que olhavam para ela com a mesma frieza.

“Por favor, perdoe o nosso assistente,” o homem disse, sua voz forte, fria e objetiva.

“Quem é você?” Caitlin perguntou. “Por que eu estou aqui?”

“Perdoe estas acomodações desagradáveis,” o homem disse, percorrendo a grossa corrente de metal que a prendia à parede com a mão. “Nós ficaremos perfeitamente felizes em deixar você ir,” ele disse, “mas apenas se você responder algumas perguntas.”

Ela olhou para baixo, sem saber o que dizer.

“Eu começarei. Meu nome é Kyle. Eu sou o Vice-Líder do Clã Blacktide,” ele pausou. “Sua vez.”

“Eu não sei o que você quer de mim,” Caitlin respondeu.

“Para começar, o seu clã. A quem você pertence?”

Caitlin forçou seu cérebro, tentando descobrir se ela havia ficado louca. Ela estava imaginando tudo isso? Ela imaginou que deveria estar presa em algum tipo de sonho terrível. Mas ela sentiu o aço verdadeiramente frio em seus pulsos e tornozelos, e soube que não estava sonhando. Ela não tinha ideia do que dizer para aquele homem. Do que ele estava falando? Clã? De... vampiros?

“Eu não pertenço a ninguém,” ela disse.

Ele a observou por um longo tempo, então balançou a cabeça lentamente.

“Como quiser. Nós já lidamos com vampiros solitários antes. É sempre a mesma coisa: eles vêm para nos testar. Para ver o quão seguro o nosso território é. Depois disso, outros chegam. É assim que as trocas de território começam.

“Mas o caso é que eles nunca conseguem o que querem. O nosso clã é o mais antigo e forte desta terra. Ninguém mata aqui e não é punido.

“Por isso, eu lhe pergunto mais uma vez: quem enviou você? Quando eles planejam invadir?”

Território? Invasões? Caitlin não conseguia entender como ela poderia estar acordada. Talvez alguém a tivesse drogado. Talvez Jonah tivesse colocado algo em sua bebida. Mas ela não bebia. E ela nunca havia usado drogas. Ela não estava sonhando. Aquilo era real. Horivelmente, incrivelmente real.

Ela podia simplesmente tê-los ignorado como um grupo de pessoas completamente loucas, como algum tipo de culto ou sociedade estranha que estivesse totalmente delirante. Mas depois de tudo o que aconteceu nas últimas 48 horas, ela precisou pensar duas vezes. Sua própria força. Seu próprio comportamento. Como ela sentiu seu corpo mudar. Seria possível

que os vampiros existissem? E ela era um deles? Ela teria caído no meio de algum tipo de guerra de vampiros? Com a sorte que ela tinha, era possível.

Caitlin olhou para cima, pensando. Ela havia matado alguém? Ela não conseguia lembrar, mas tinha uma sensação horrível de que o que ele havia dito era verdade. Que ela *havia* matado alguém. Aquilo, mais do que qualquer coisa, a fez se sentir horrível. Ela sentiu um terrível sentimento de pena e arrependimento a inundar. Se aquilo era verdade, ela era uma assassina. Ela nunca conseguiria superar aquilo.

Ela olhou para ele novamente.

“Eu não fui enviada por ninguém,” ela disse, finalmente. “Eu não me lembro exatamente do que fiz. Mas seja lá o que for, eu fiz sozinha. Eu não sei por que eu fiz aquilo. Estou muito arrependida do que quer que eu tenha feito,” ela disse. “Eu não tinha a intenção de fazê-lo.”

Kyle se virou e olhou para os outros. Eles olharam para ele. Ele balançou a cabeça e se virou para ela novamente. O olhar dele se tornou frio e duro.

“Então, você pensa que eu sou um tolo. Isso não é sensato.”

Kyle gesticulou para seus subordinados e eles foram rapidamente até ela e removeram as correntes de seus pulsos. Ela sentiu seus braços caírem, e estava aliviada por sentir o sangue voltar aos seus pulsos. Depois, eles retiraram as correntes de seus tornozelos. Quatro deles, dois de cada lado, a seguravam firmemente pelos braços e ombros.

“Se você não vai responder a mim,” Kyle disse, “você vai responder para a Assembleia. E lembre-se, você escolheu isso. Eles não irão ter piedade, como eu poderia ter.”

Enquanto eles a levavam, Kyle adicionou, “Não se engane, você será morta de qualquer jeito. Mas o meu jeito teria sido rápido e sem dor. Agora, você verá o que é sofrer.”

Caitlin tentou resistir enquanto eles a arrastavam para frente. Mas era inútil. Eles a estavam levando para algum lugar, e não havia nada que ela pudesse fazer, a não ser aceitar o seu destino.

E rezar.

*

Quando eles abriram a porta de carvalho, Caitlin não pôde acreditar em seus próprios olhos. O salão era enorme. Na forma de um grande círculo, ele era contornado por colunas de pedra de 30 metros, elaboradamente decoradas. Ele era bem iluminado, com tochas colocadas a cada 1,5 metro, por todo o salão. Parecia o Panteão. Parecia muito antigo.

Quando ela entrou, a próxima coisa que percebeu foi o barulho. Ela olhou em sua volta e viu centenas, se não milhares, de homens e mulheres vestidos de preto, se movendo rapidamente pelo salão. Havia algo de estranho na maneira como eles se moviam: era tão rápida, tão aleatória, tão... monstruosa.

Ela ouviu um som rápido e olhou para cima. Dúzias destas pessoas pulavam, ou voavam, pelo salão, indo do chão ao teto, do teto para as sacadas, das colunas para o parapeito. Aquele era o barulho sibilante que ela havia ouvido. Era como se ela tivesse entrado em uma caverna cheia de morcegos.

Ela absorveu tudo aquilo e ficou completamente, totalmente chocada. Vampiros existiam. Ela era um deles?

Eles a levaram para o centro do salão, correntes batendo, seus pés descalços na pedra fria. Eles a levaram à um ponto no centro do salão, identificado por um grande círculo de ladrilhos.

Quando ela chegou ao centro, o barulho gradualmente diminuiu. O movimento ficou mais lento. Centenas de vampiros se posicionaram em um enorme anfiteatro de pedra na frente dela. Aquilo parecia uma assembleia política, como nas fotos que ela havia visto do discurso do estado da união —porém, ao invés de centenas de políticos, eles eram centenas de vampiros, todos olhando para ela. A sua ordem e disciplina era impressionante. Dentro de segundos, eles estavam todos sentados, completamente quietos. O salão ficou silencioso.

Quando ela parou no centro do salão, mantida no lugar pelos assistentes, Kyle deu um passo para o lado, cruzou as mãos e baixou a cabeça em reverência.

Em frente à assembleia, estava uma enorme cadeira de pedra. Ela parecia com um trono. Caitlin olhou para cima e viu que, sentado nela, estava um vampiro que parecia ser mais velho do que os outros. Ela conseguia perceber que ele era extremamente antigo. Havia algo em seus olhos frios e azuis. Eles olhavam para ela como se houvessem visto 10 mil anos. Ela odiou a sensação dos olhos dele nela. Eles eram o próprio mal.

“Então,” ele disse, sua voz soando como um ronco baixo. “Esta é aquela que violou o nosso território,” ele disse. Sua voz era rouca e não tinha nenhum calor. Ela ecoava na enorme câmara.

“Quem é o líder do seu clã?” ele perguntou.

Caitlin olhou para ele, se perguntando como responder. Ela não tinha ideia do que dizer.

“Eu não tenho um líder,” ela disse. “E eu não pertencço à nenhum clã. Estou aqui sozinha.”

“Você sabe qual é a punição por invasão,” ele declarou, um sorriso crescendo no canto de sua boca. “Se existe algo pior do que a imortalidade,” ele continuou, “é a imortalidade com dor.”

Ele olhou para ela.

“Esta é a sua última chance,” ele disse.

Ela olhou para ele, sem nenhuma ideia do que dizer. Pelo canto do seu olho, ela examinou o salão procurando por uma saída, se perguntando se havia alguma. Ela não viu nenhuma.

“Como quiser,” ele disse, e acenou levemente com a cabeça.

Uma porta lateral se abriu, e dela saiu um vampiro acorrentado, arrastado por dois assistentes. Ele foi arrastado para o centro do salão, apenas alguns centímetros de onde Caitlin estava. Ela observava aterrorizada, sem saber o que estava acontecendo.

“Este vampiro quebrou a regra de acasalamento,” o líder disse. “Uma violação não tão severa quanto a sua. Mesmo assim, uma violação que precisa ser punida.”

O líder acenou novamente, e um assistente deu um passo à frente com um pequeno frasco contendo um líquido. Ele esticou o braço e jogou o líquido no vampiro acorrentado.

O vampiro acorrentado começou a gritar. Caitlin viu a pele dele se encher de bolhas por todo o seu braço, como se tivesse sido queimado. Seus gritos eram terríveis.

“Isto não é apenas água benta,” o líder disse, olhando para Caitlin, “é água especialmente carregada. Do vaticano. Eu lhe garanto que ela irá queimar toda a pele, e que a dor será terrível. Pior do que ácido.”

Ele encarou Caitlin por um longo tempo. O salão estava completamente silencioso.

“Diga-nos de onde você é e você será poupada de uma morte horrível.”

Caitlin engoliu em seco, sem querer sentir aquela água em sua pele. Parecia terrível. No entanto, se ela não fosse realmente uma vampira, a água não a machucaria. Mas essa não era uma experiência que ela queria fazer.

Ela puxou suas correntes novamente, mas elas não cederam.

Ela podia sentir seu coração batendo forte, e o suor aumentando em sua testa. O que ela poderia dizer a ele?

Ele a observou, julgando-a.

“Você é corajosa. Eu admiro a sua lealdade ao seu clã. Mas o seu tempo acabou.”

Ele acenou com a cabeça, e ela ouviu o som de correntes. Ela viu dois assistentes içarem um enorme caldeirão. Com cada puxada, eles o levantavam muitos metros. Quando ele estava no alto, a cerca de 5 metros do chão, eles o moveram, para que ficasse diretamente sobre a cabeça dela.

“Apenas alguns mililitros de água benta foram jogados naquele vampiro,” o líder disse. “Em cima de você, estão *litros*. Quando ela cair sobre o seu corpo, você sentirá a dor mais terrível que pode imaginar. Você sentirá essa dor para sempre. Mas você ainda estará viva, imóvel, indefesa. Lembre-se, você escolheu isso.”

O homem acenou, e Caitlin sentiu seu coração bater dez vezes mais rápido do que o normal. Os assistentes ao seu lado engancharam as correntes na pedra e correram, se apressando para ficar o mais longe possível dela.

Quando Caitlin olhou para cima, ela viu o caldeirão balançar e o líquido começar a cair. Ela olhou novamente para baixo e fechou os olhos.

Por favor, Deus. Me ajude!

“Não!” ela gritou, seu grito ecoando por toda a câmara.

E então, ela estava imersa.

Capítulo Dez

A água cobriu seu corpo inteiro, tornando difícil respirar ou abrir os olhos. Porém, depois de dez segundos, depois que seu cabelo e corpo inteiro ficaram completamente encharcados, Caitlin piscou os olhos. Ela se preparou para a dor.

Mas a dor não veio.

Ela piscou, e olhou para o caldeirão, se perguntando se ele estava completamente vazio. Ele estava. Ela olhou para si mesma e viu que estava encharcada. Mas estava totalmente bem. Nem uma gota de dor.

O líder, percebendo de repente, levantou de sua cadeira com o queixo caído. Ele estava completamente chocado. Kyle também virou e olhou, sua boca aberta. A assembleia inteira, centenas de vampiros, se levantaram e um arquejo se espalhou pelo salão.

Caitlin percebeu que esta não era a reação que eles esperavam. Todos eles estavam pasmos.

Por alguma razão, a água não a tinha afetado. Talvez ela não fosse uma vampira, afinal.

Caitlin viu a sua chance.

Enquanto todos estavam ali parados, chocados demais para reagir, ela utilizou sua força e, em um único movimento, quebrou as correntes. Ela fugiu correndo da assembleia, na direção daquela porta lateral. Ela rezou para que a porta levasse à algum lugar.

Ela chegou à metade do caminho antes que qualquer um pudesse superar seu choque e reagir.

“Peguem-na!” ela finalmente ouviu o líder gritar.

E então, o som de centenas de corpos se movendo na direção dela. O barulho ecoava nas paredes, vinha de todo o lugar, e ela percebeu que eles não estavam apenas correndo atrás dela, eles estavam pulando do teto, das sacadas, com as asas abertas, perseguindo-a rapidamente. Eles desceram sobre ela, como um abutre atrás da presa, e ela dobrou sua velocidade, correndo com todas as suas forças.

Ela tateava no escuro, guiada apenas pelas tochas, e quando ela fez uma curva, finalmente, à distância, ela viu a porta. Ela estava aberta. E a luz

vinha detrás dela. Era realmente uma saída, e teria sido perfeita. Com exceção daquele último vampiro.

Parado em frente à porta, bloqueando seu caminho, estava um vampiro grande e esculpido, vestido de negro. Ele parecia mais jovem do que os outros, talvez 20 anos, e as suas feições eram mais delineadas. Até mesmo correndo, mesmo com sua vida em tanto perigo, Caitlin não pôde deixar de notar que este vampiro era incrivelmente atraente. Mesmo assim, ele estava bloqueando a única saída dela.

Ela podia correr mais do que os outros, mas não conseguiria passar daquele homem sem atravessá-lo. Ele abriu ainda mais a porta, como se desce passagem para ela. Será que ele estava tentando enganá-la? Ela olhou para baixo e viu que ele segurava uma longa lança na mão.

Quando ela chegou mais perto, ele levantou a lança e a apontou para ela. Ela estava a apenas alguns centímetros da porta agora, e não podia parar. Eles estavam se aproximando, e se ela diminuísse a velocidade, seria o seu fim. Então, ela correu diretamente na direção dele, fechando seus olhos e se preparando para o impacto inevitável de sua lança perfurando seu corpo. Pelo menos, seria rápido.

Quando ela abriu seus olhos, viu o vampiro jogar sua lança, e ela se abaixou por reflexo.

Mas ele havia apontado alto demais. Excessivamente alto. Ela esticou seu pescoço para trás e viu que ele não estava apontando para ela, mas para um dos vampiros que a estavam perseguindo. A lança com ponta de prata perfurou a garganta do vampiro, e um grito terrível encheu o salão, e a criatura caiu ao chão.

Caitlin olhou para aquele novo vampiro com surpresa. Ele havia acabado de salvá-la. Por quê?

“Vá!” ele gritou.

Ela acelerou o passo e correu pela porta aberta.

Quando ela saiu, ele saiu com ela e puxou a porta com toda sua força, fechando-a firmemente. Ele esticou o braço, pegou uma enorme haste de metal e a colocou contra a porta, barrando-a. Ele deu vários passos para trás, parando ao lado dela, observando a porta.

Ela não podia deixar de olhar para ele, estudando a linha do seu maxilar, seu cabelo e olhos castanhos. Ela a havia salvo. Por quê?

Mas ele não estava olhando para ela. Ele ainda estava observando a porta, com medo nos olhos. Por uma boa razão. Um segundo depois de ele

ter barrado a porta, um corpo se jogou contra ela. A porta tinha dois metros de espessura, era de aço puro, e as barras eram ainda mais espessas. Mas elas não eram o suficiente. Os corpos colidiam contra ela do outro lado, e a porta havia cedido quase que completamente. Seriam apenas segundos até que ela quebrasse totalmente.

“Mexa-se!” ele gritou e, antes que ela pudesse reagir, ele a pegou pelo braço e a levou para longe. Ele a puxou, fazendo-a correr mais rápido do que jamais havia corrido, mais rápido que ela imaginava ser possível, e dentro de segundos, eles haviam percorrido um salão, depois outro, e depois outro, girando e virando de todas as formas. A única coisa que eles tinham para enxergar eram as tochas ocasionais. Ela nunca teria conseguido sair de lá sozinha.

“O que está acontecendo?” Caitlin tentou perguntar enquanto corria, sem fôlego. “Onde estamos –”

“Por aqui!” ele gritou, puxando-a repentinamente em outra direção.

Atrás deles, Caitlin ouviu uma batida, seguida do som de uma multidão, se aproximando deles.

Eles alcançaram uma escadaria circular, feita de pedra, subindo por uma parede. Ele correu a toda velocidade na direção dos degraus, puxando-a com ele, e antes que ela percebesse, eles estavam correndo pela escada, girando em círculos, subindo três degraus por vez. Eles estavam subindo rapidamente.

Quando chegaram no topo, a escada parecia terminar em uma parede intacta. Um teto de pedra estava acima deles e ela não conseguia ver nenhuma saída. Não havia nenhuma. Para onde ele a havia levado?

Ele também estava confuso. E furioso. Mas parecia determinado. Ele deu alguns passos para trás e, com um impulso, avançou para o teto. Era incrível. Com a sua força sobre-humana, ele fez um buraco no teto. A pedra desmoronou e luz começou a entrar. Luz elétrica de verdade. Onde eles estavam?

“Vamos!” ele gritou.

Ele esticou o braço e segurou o dela, puxando-a para cima e para fora, pelo teto e para dentro de uma sala bem iluminada.

Ela olhou em sua volta. Parecia que eles estavam em um tribunal. Ou um museu. Era uma grande e linda estrutura. O piso era de mármore, a sala era toda de pedra, colunas. Era redonda. Parecia um prédio do governo.

“Onde estamos?” ela perguntou.

Ele segurou a sua mão e saiu correndo, puxando-a pela sala com a velocidade de um raio. Ele correu até um par de portas enormes de aço. Ele soltou o seu pulso e correu diretamente até elas, inclinando seu ombro. Elas se abriram com um estrondo.

Ela o seguiu de perto, desta vez sem esperar. Ela ouviu o som de pedra se movendo atrás dela, e sabia que a multidão estava próxima.

Eles estavam na rua, finalmente, e o ar frio da noite bateu no rosto dela. Ela estava tão feliz por ter saído do subterrâneo.

Ela tentou situar-se. Eles definitivamente estavam em Nova York. Mas onde? As redondezas pareciam vagamente familiares para ela. Ela viu uma rua da cidade, um táxi passando. Ela se virou para olhar para trás e viu o prédio de onde eles haviam acabado de sair. A prefeitura. O clã estava embaixo da prefeitura.

Eles desceram os degraus e correram pelo jardim, na direção da rua. Eles não haviam ido longe quando ouviram o barulho de portas abrindo atrás deles, e uma multidão de vampiros.

Eles foram na direção de um enorme portão de ferro. Quando chegaram perto, dois oficiais de segurança. Eles se viraram e os viram correndo para o portão. Seus olhos se arregalaram, em choque, e eles pegaram suas armas.

“Não se movam!” eles gritaram.

Antes que eles pudessem reagir, ele a segurou firmemente, deu três pulos longos e saltou com todas as suas forças. Ela sentiu os dois voando pelo ar, três metros, seis, por cima do portão de metal e caindo do outro lado graciosamente.

Eles caíram e correram. Ela olhou para o seu protetor em choque, se perguntando qual seria a extensão do poder dele. Se perguntando porque ele se importava com ela. E se perguntando porque ela se sentia tão bem ao seu lado.

Antes que ela pudesse pensar mais, eles ouviram um estrondo metálico vindo de trás, seguido por tiros. Os outros vampiros haviam derrubado o portão, levando os policiais com eles. Eles já estavam próximos.

Eles corriam e corriam, mas aquilo não estava funcionando. A multidão estava se aproximando rapidamente.

Ele agarrou a mão dela repentinamente e virou na esquina, levando-os para uma rua lateral. Ela terminava em uma parede.

“É uma rua sem saída!” ela gritou. Mas ele continuou correndo, arrastando-a com ele.

Ele chegou ao fim do beco, colocou um joelho no chão e, com um único dedo, puxou a tampa de um enorme bueiro.

Ela se virou e viu o enorme grupo de vampiros vindo na direção deles, a menos de seis metros de distância.

“Vá!” ele gritou, e antes que ela pudesse reagir, ele a agarrou e a enfiou no buraco.

Ela segurou a escada, e quando olhou para cima, ela o viu se ajoelhar, se preparando. Ele levantou a tampa do bueiro como um escudo.

A multidão de vampiros caiu sobre ele. Ele se debatia freneticamente, e ela ouviu o impacto enquanto ele derrubava vampiro após vampiro com o ferro pesado. Ele estava tentando se juntar a ela, entrar no buraco também, mas ele não conseguiu fazê-lo. Ele estava cercado.

Ela estava prestes a subir e ajudá-lo, quando de repente, um dos vampiros se separou da multidão e desceu pelo buraco. Ele viu Caitlin, chiou, e foi atrás dela.

Ela desceu pelas escadas, dois degraus por vez, mas não era rápido o suficiente. Ele caiu sobre ela, e os dois começaram a cair.

Enquanto ela caía, se preparava para o impacto. Por sorte, ele caíram na água.

Quando ela se levantou, viu que estava com aquela água imunda de esgoto até a cintura.

Ela mal teve tempo para pensar quando o vampiro caiu ao seu lado, espalhando água. Com um único movimento, ele se levantou e a esbofeteou, jogando-a para longe.

Ela caiu de costas na água e abriu os olhos para vê-lo atacar novamente, para estrangulá-la. Ela rolou para o lado na hora exata, levantando novamente. Ele era rápido, mas ela também era.

Ele caiu com a cara no chão. Levantou-se, girou e se preparou para lutar, furioso. Ele moveu sua mão direita com garras na direção do rosto dela. Ela desviou, e a mão dele não a atingiu por muito pouco, o vento passando por sua bochecha. A mão dele bateu na parede com tanta força que ficou presa na pedra.

Caitlin estava furiosa agora. Ela sentiu a raiva viva pulsar em suas veias. Ela caminhou na direção do vampiro preso, dobrou a perna e plantou um chute em seu estômago. Ele tombou para frente.

Então, ela o agarrou por trás e o jogou na parede, de cabeça. Sua cabeça bateu com força na pedra. Ela estava orgulhosa de si mesma, acreditando

que o havia matado.

Mas ela foi surpreendida por uma dor repentina no rosto, e percebeu que havia levado outro tapa. Este vampiro se recuperava rapidamente—muito mais rápido do que ela pensou ser possível. Ele caiu sobre ela com um estrondo e a derrubou. Ela o havia subestimado.

A mão dele estava em sua garganta, com força. Ela era forte, mas ele era mais. Ele tinha uma força antiga que corria pelo seu corpo. Sua mão estava fria e pegajosa. Ela tentou resistir, mas a força era demais. Ela caiu sobre um joelho, e ele continuou apertando. Antes que ela percebesse, ele estava empurrando sua cabeça para baixo, na direção da água. No último segundo, ela conseguiu gritar: “Socorro!”

Um segundo depois, sua cabeça estava submersa.

*

Caitlin sentiu a perturbação na água, as ondas batendo, e sabia que alguém mais havia caído na água. Ela estava ficando sem oxigênio rapidamente, sem conseguir lutar.

Caitlin sentiu braços fortes embaixo dela, e sentiu que estava sendo içada para cima e para fora da água.

Ela pulou e tentou recuperar o fôlego, sugando-o mais profundamente do que nunca. Ela respirava sem parar, hiperventilando.

“Você está bem?” ele perguntou, segurando seus ombros.

Ela acenou com a cabeça. Era tudo que podia fazer. Ela olhou em sua volta e viu seu agressor caído lá, flutuando na água, de costas. O sangue estava escorrendo de seu pescoço. Ele estava morto.

Ela olhou para ele, seus olhos castanhos olhando para ela. Ele a havia salvo. Novamente.

“Nós temos que ir,” ele disse, agarrando seu braço e a levando, encharcada, pela água. “Aquele bueiro não irá aguentar muito mais.”

Naquela mesma hora, a tampa do bueiro acima deles foi arrancada de repente.

Eles correram. Eles cruzaram túnel após túnel, e ouviram o som de água espirrando atrás deles.

Ele fez uma curva acentuada e o nível de água baixou até os seus tornozelos. Eles conseguiram alcançar uma velocidade boa.

Eles entraram em mais um túnel, e se encontraram no meio de uma grande infraestrutura de Nova York. Havia enormes canos de vapor aqui, soltando nuvens gigantes de vapor. O calor era insuportável.

Ele a levou por mais um túnel, e de repente, a levantou e a colocou em suas costas, colocando seus braços ao redor do peito dele, e subiu uma escada, três degraus por vez. Eles estavam subindo, e quando ele chegou ao topo, empurrou a tampa de um bueiro e o fez voar.

Eles estavam de volta ao solo, nas ruas de Nova York. Onde, ela não tinha ideia.

“Segure-se firme,” ele disse, e ela o segurou mais forte, juntando suas mãos. Ele correu e correu, até alcançar uma velocidade que ela nunca havia experimentado. Ela se lembrava de ter andado na garupa de uma motocicleta uma vez, a anos atrás, e da sensação do vento batendo em seu cabelo a quase 100 quilômetros por hora. Aquilo era parecido. Mas ainda mais rápido.

Eles pareciam estar se movendo a 130 quilômetros por hora, depois a 160, a 190... a velocidade continuava aumentando. Os prédios, as pessoas, os carros—tudo se tornou um borrão. E antes que ela percebesse, eles haviam decolado.

Eles estavam no ar, voando. Ele abriu suas enormes asas negras, batendo-as lentamente ao lado dela. Eles estavam acima dos carros, acima das pessoas. Ela olhou para baixo e viu que eles havia voado sobre a Rua 14. Então, alguns segundos mais tarde, sobre a Rua 34. Mais alguns segundos e eles estavam sobre o Central Park. Aquilo a deixou sem fôlego.

Ele olhou sobre seus ombros, e ela fez o mesmo. Ela mal conseguia ver, com o vento batendo em seus olhos, mas ela podia ver que ninguém, nenhuma criatura, estava seguindo-os.

Ele diminuiu um pouco a velocidade e mergulhou, baixando sua altitude. Agora, eles voavam um pouco acima da linha de árvores. Era lindo. Ela nunca havia visto o Central Park desta forma, com suas passarelas iluminadas, o topo das árvores bem embaixo dela. Ela sentiu como se pudesse esticar o braço e tocá-las. Ela sentiu que o lugar nunca seria tão lindo quanto era naquele momento.

Ela juntou ainda mais as mãos em torno dele, sentindo seu calor. Ela se sentia segura. Por mais surreal que tudo aquilo fosse, as coisas pareciam ter voltado ao normal nos braços dele. Ela queria voar assim para sempre. Ao fechar os olhos e sentir a brisa refrescante acariciar seu rosto, ela rezou para que aquela noite nunca acabasse.

Capítulo Onze

Caitlin sentiu a diminuição na velocidade e a descida. Ela abriu seus olhos. Ela não reconhecia nenhum dos prédios abaixo deles. Parecia que eles estavam do outro lado da cidade. Provavelmente, em algum lugar do Bronx.

Durante a descida, eles voaram sobre um pequeno parque e, na distância, ela pensou ter visto um castelo. Quando chegaram mais perto, ela percebeu que era realmente um castelo. O que um castelo estava fazendo ali, em Nova York?

Ela tentou se lembrar e percebeu que já havia visto aquele castelo antes. Em um cartão postal qualquer... Sim. Era um museu de algum tipo. Quando eles subiram um pequeno monte, voando sobre seus baluartes e suas pequenas muralhas medievais, ela lembrou de repente o que era. Os Claustros. O pequeno museu. Ele havia sido trazido da Europa, pedaço por pedaço. Tinha centenas de anos. Por que ele a estava trazendo aqui?

Eles desceram tranquilamente por cima da muralha externa e para dentro de um grande terraço de pedra, com vista para o rio Hudson. Eles pousaram na escuridão, mas os pés dele tocaram a pedra graciosamente, e ele a soltou gentilmente.

Ela ficou parada ali, olhando para ele. Ela o observou atentamente, esperando que ele ainda fosse real, que não fosse embora voando. E esperando que ele fosse tão lindo quanto da primeira vez que ela o viu.

Ele era. Talvez, até mais. Ele olhou para ela com seus grandes olhos castanhos, e naquele momento, ela se sentiu perdida.

Existiam tantas perguntas que ela queria fazer, ela nem sequer sabia onde começar. Quem era ele? Como ele podia voar? Ele era um vampiro? Por que ele havia arriscado sua vida pela dela? Por que trazê-la aqui? E o mais importante, tudo o que ela havia visto tinha sido apenas uma alucinação maluca? Ou vampiros realmente existiam, aqui mesmo em Nova York? E seria ela um deles?

Ela abriu sua boca para falar, mas tudo o que conseguiu dizer foi: “Por que estamos aqui?”

Ela sabia que aquela era uma pergunta estúpida no momento que a fez, e se odiou por não perguntar algo mais importante. Mas, parada ali naquela

noite fria de março, com o rosto um pouco dormente, aquilo era o melhor que ela podia fazer.

Ele apenas olhou para ela. O olhar dele parecia penetrar a sua alma, como se ele estivesse vendo através dela. Parecia que ele estava se perguntando o quanto ele podia contar a ela.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, ele abriu sua boca para falar.

“Caleb!” gritou uma voz, e os dois se viraram.

Um grupo de homens – vampiros? – vestidos de preto marchavam na direção dele. Caleb se virou e olhou para eles. *Caleb. Ela gostou daquele nome.*

“Nós não temos autorização para a sua chegada,” o homem no meio disse, extremamente sério.

“Ela não foi anunciada,” Caleb respondeu categoricamente.

“Então, nós teremos que levá-lo sob custódia,” ele disse, acenando para seus homens, que rodearam Caleb e Caitlin. “As regras.”

Caleb acenou, sem reação. O homem no meio olhou diretamente para Caitlin. Ela pôde ver a reprovação nos olhos dele.

“Você sabe que nós não podemos deixá-la entrar,” o homem disse à Caleb.

“Mas vocês vão,” Caleb respondeu categoricamente. Ele encarou o homem, com a mesma determinação. Era um encontro de forças.

O homem ficou ali parado, e ela pôde ver que ele não tinha certeza do que fazer. Um longo e tenso silêncio seguiu.

“Muito bem,” ele disse, virando de costas abruptamente e indo na frente. “É o seu funeral.”

Caleb seguiu, e Caitlin caminhou ao lado dele, sem saber o que fazer.

O homem abriu uma enorme porta medieval, puxando-a pelo seu grande anel de bronze. Ele então deu um passo para o lado, acenando para que Caleb entrasse. Outros dois homens, de preto, estavam parados do lado de dentro em posição de sentido.

Caleb pegou a mão de Caitlin e a guiou pelo caminho. Quando ela passou pelo enorme arco de pedra, se sentiu como se estivesse entrando em um outro século.

“Acho que nós não precisamos pagar o ingresso,” Caitlin disse à Caleb, sorrindo.

Ele olhou para ela, piscando. Ele levou um segundo para perceber que aquilo era uma piada. Finalmente, ele sorriu.

Ele tinha um lindo sorriso.

Ele a fez pensar em Jonah. Ela se sentiu confusa. Era estranho para ela ter sentimentos fortes por qualquer garoto—muito menos por dois deles no mesmo dia. Ela ainda tinha sentimentos por Jonah. Mas Caleb era diferente. Jonah era um garoto. Caleb, apesar de parecer jovem, era um homem. Ou era... alguma outra coisa? Havia algo nele que ela não podia explicar, algo que a fazia olhar para ele. Algo que a fazia não querer sair do lado dele. Ela gostava de Jonah. Mas ela *precisava* de Caleb. Estar perto dele era essencial.

O sorriso de Caleb sumiu tão rapidamente quanto apareceu. Ele estava claramente perturbado.

“Receio que haverá um preço muito maior pela entrada,” ele disse, “se esta reunião não correr como eu gostaria.”

Ele a guiou através de outro arco de pedra, e para um pequeno pátio medieval. Perfeitamente simétrico, cercado em quatro lados por colunas e arcos, este pátio iluminado pela lua era lindo. Ela não conseguia entender como eles ainda estavam em Nova York. Eles poderiam estar no campo europeu.

Eles caminharam pelo pátio e por um longo corredor de pedra, o som de seus passos ecoando. Eles estavam sendo seguidos por vários outros guardas. Vampiros? Ela se perguntou. Se fossem, por que eram tão civilizados? Por que não atacavam Caleb, ou ela?

Eles passaram por outro corredor de pedra e através de outra porta medieval. E então, pararam repentinamente.

Parado ali estava outro homem, vestido de preto, que era incrivelmente parecido com Caleb. Ele usava uma grande capa vermelha sobre os ombros, e estava cercado por vários assistentes. Ele parecia ter uma posição de autoridade.

“Caleb,” ele disse suavemente. Ele parecia surpreso ao vê-lo.

Caleb ficou parado, calmamente, encarando-o.

“Samuel,” Caleb respondeu, categoricamente.

O homem ficou parado ali, observando, balançando um pouco a cabeça.

“Nem sequer um abraço para o seu irmão perdido?” Caleb perguntou.

“Você sabe que isto é muito sério,” Samuel respondeu. “Você violou muitas leis ao vir aqui esta noite. Especialmente ao trazê-la.”

O homem nem sequer olhou para Caitlin. Ela se sentiu insultada.

“Mas eu não tinha escolha,” Caleb disse. “O dia chegou. A guerra está aqui.”

Um murmuro cresceu entre os vampiros parados ao lado de Samuel, e entre o crescente grupo de vampiros se formando atrás deles. Ela se virou e viu que haviam mais de uma dúzia deles ao redor dela. Ela estava começando a se sentir claustrofóbica. Eles estavam em um número extremamente menor, e não havia saída. Ela não tinha ideia do que Caleb havia feito, mas seja o que fosse, ela esperava que ele pudesse resolver tudo com uma conversa.

Samuel levantou suas mãos, e murmúrio parou.

“Além disso,” Caleb continuou, “esta mulher aqui,” ele disse, apontando para Caitlin, “ela é A Escolhida.”

Mulher. Caitlin nunca havia sido chamada de mulher antes. Ela gostou. Mas não entendeu. *A Escolhida?* Ele havia colocado um ênfase engraçado naquela frase, como se estivesse falando do Messias ou algo assim. Ela se perguntou se eles eram todos loucos.

Outro murmúrio surgiu, e todas as cabeças se viraram para ela.

“Eu preciso ver o Conselho,” Caleb disse, “E eu preciso levá-la comigo.”

Samuel balançou a cabeça.

“Você sabe que eu não irei pará-lo. Eu só posso aconselhar. E eu lhe aconselho a ir embora agora, voltar para o seu posto e aguardar a convocação do Conselho.”

Caleb olhou para ele. “Eu receio que isso não seja possível,” ele disse.

“Você sempre fez o que quis,” Samuel disse.

Samuel se afastou, e ele sinalizou com a mão, mostrando que Caleb podia passar.

“A sua esposa não ficará feliz,” Samuel disse.

Esposa? Caitlin pensou, e sentiu um calafrio subir pela sua coluna. Por que ela se sentia tão loucamente ciumenta de repente? Como os sentimentos dela por Caleb haviam se desenvolvido tão rápido? Que direito ela tinha de sentir tamanho sentimento de possessividade por ele?

Ela sentiu suas bochechas ficarem vermelhas. Ela se *importava*. Não fazia sentido algum, mas ela se importava completamente. *Por que ele não me disse—*

“Não a chame assim,” Caleb respondeu, suas bochechas ficando vermelhas também. “Você sabe que —”

“Sabe o quê!?” o grito de uma mulher foi ouvido.

Todos se viraram para ver uma mulher caminhando na direção deles pelo corredor. Ela também estava vestida de preto, com cabelos longos vermelhos e esvoaçantes que passavam dos seus ombros, e grandes olhos verdes brilhantes. Ela era alta, eterna, e extremamente bela.

Caitlin se sentiu humilhada pela presença dela, como se tivesse encolhido. *Esta* era uma mulher. Ou era uma... vampira? O que quer que fosse, ela era uma criatura com a qual Caitlin nunca poderia competir. Ela se sentiu esvaziada, preparada para abrir mão de Caleb para quem quer que ela fosse.

“Sabe o *quê!*?” a mulher repetiu, olhando duramente para Caleb ao se aproximar dele, a apenas alguns metros de distância. Ele olhou para Caitlin, e a boca da mulher se curvou com um rosnado. Caitlin nunca havia visto ninguém olhar para ela com tanto ódio antes.

“Sera,” Caleb disse suavemente, “nós nos separamos à 700 anos.”

“Para você, talvez,” ela retrucou.

Ela começou a caminhar, circundando Caitlin e Caleb. Ela a olhou de cima a baixo, como se fosse um inseto.

“Como você se atreve a *trazê-la* aqui,” ela disse, irritada. “Realmente. Você é muito mais inteligente do que isso.”

“Ela é a *Escolhida*,” Caleb disse categoricamente.

Diferente dos outros, esta mulher não pareceu surpresa. Em vez disso, ela soltou uma curta risada de zombaria.

“Isso é ridículo,” ela respondeu. “Você trouxe a guerra até nós,” ela continuou, “e tudo por uma humana. Uma simples paixonzinha,” ela disse, sua raiva crescendo. Com cada frase, a multidão atrás dela parecia se agitar, a crescer com uma raiva similar. Eles estavam se tornando uma multidão enfurecida.

“Na verdade,” Sera continuou, “nós temos o direito de destruí-la.”

A multidão atrás dela começou a murmurar, aprovando a ideia.

A raiva cruzou o rosto de Caleb.

“Então você terá que passar por mim,” Caleb respondeu, olhando para Sera com a mesma determinação.

Caitlin sentiu um calor percorrer seu corpo. Ele estava colocando a sua vida em risco por ela. Novamente. Talvez ele *realmente* se importasse.

Samuel deu um passo à frente, entre os dois, e estendeu as mãos. A multidão silenciou.

“Caleb solicitou uma audiência com o Conselho,” ele disse. “Nós devemos ao menos isso a ele. Deixá-lo expor o seu caso. Deixar que o Conselho decida.”

“Por que deveríamos?” Sera retrucou.

“Por que é isso que eu disse,” Samuel respondeu, uma determinação de aço em sua voz. “E eu dou as ordens aqui, Sera, não você.” Samuel a encarou por um longo tempo. Finalmente, ela recuou.

Samuel deu um passo para o lado e apontou para a escada de pedra.

Caleb pegou a mão de Caitlin e a guiou para frente. Eles pisaram nos largos degraus de pedra e desceram para a escuridão.

Atrás dela, Caitlin ouviu uma risada aguda cortar a noite.

“Boa viagem.”

Capítulo Doze

Os passos deles ecoaram pela escadaria larga de pedra enquanto desciam. A iluminação era pouca. Caitlin esticou o braço e colocou a mão no braço de Caleb. Ela esperava que ele a deixasse ali. Ele a deixou. Na verdade, ele apertou seu braço em torno do dela. Mais uma vez, tudo parecia estar bem. Ela sentia que poderia descer até as profundezas da escuridão, desde que eles estivessem juntos.

Muitos pensamentos cruzaram sua mente. O que era este Conselho? Por que ele havia insistido em levá-la? E por que ela se sentiu tão insistente em estar ao lado dele? Ela poderia ter se oposto facilmente, dito a ele que não queria ir, que preferia esperar até que ele voltasse. Mas ela não queria esperar. Ela queria estar com ele. Ela não conseguia imaginar a si mesma em qualquer outro lugar.

Nada daquilo fazia nenhum sentido. A cada novo acontecimento, ao invés de obter respostas, tudo o que ela tinha eram novas perguntas. Quem eram aquelas pessoas no andar de cima? Eles eram mesmo vampiros? O que eles estavam fazendo lá? Nos Claustros?

Eles fizeram uma curva e entraram em uma grande sala, e ela ficou impressionada com a sua beleza. Era incrível, como descer para um verdadeiro castelo medieval. Tetos altos cobrindo salas esculpidas em pedra medieval. À sua direita, haviam vários sarcófagos, suspensos do chão. Figuras medievais intrincadas foram esculpidas em suas tampas. Alguns deles estavam abertos. Era ali que eles dormiam?

Ela tentou lembrar de todas as lendas sobre vampiros que havia ouvido. Dormiam em caixões. Acordados à noite. Força e velocidade sobre-humana. Dor ao se expor à luz solar. Tudo parecia fazer sentido. Até mesmo ela sentiu alguma dor no sol. Mas não era insuportável. E ela era imune à água benta. Além disso, este lugar, os Claustros, estava coberto de cruces: haviam cruces em todo o lugar. Mesmo assim, elas não pareciam afetar estes vampiros. Na verdade, aquela parecia ser a casa deles.

Ela queria perguntar a Caleb sobre tudo isso, e mais, mas não sabia como começar. Ela se contentou com a última pergunta.

“As cruces,” ela disse, apontando enquanto eles passavam por baixo de outra. “Elas não incomodam você?”

Ele olhou para ela, sem entender. Ele parecia estar perdido em seus pensamentos.

“As cruzes não machucam os vampiros?” ela perguntou.

Reconhecimento cruzou o seu rosto.

“Nem todos nós,” ele respondeu. “A nossa raça é muito fragmentada. Assim como a raça humana. Existem muitas raças dentro da nossa raça, e muitos territórios—ou clãs—dentro de cada raça. É muito complexo. Elas não afetam vampiros bons.”

“Bons?” ela perguntou.

“Assim como na sua raça humana, existem forças para o bem e forças do mal. Nós não somos todos iguais.”

Ele não se aprofundou no assunto. Como sempre, as respostas apenas geravam mais perguntas. Mas ela segurou sua língua. Ela não queria se intrometer. Não agora.

Apesar dos tetos altos, as portas eram pequenas. As portas de madeira arqueadas estavam abertas, e eles passaram por ela, se abaixando. Quando entraram na nova sala, a altura surgiu novamente e aquela era outra sala magnífica. Ela olhou para cima e viu vitrais por todo o lado. À sua direita, havia algum tipo de púlpito, e na frente dele, dúzias de pequenas cadeiras de madeira. Era austero, e lindo. Realmente parecia um tipo de claustro medieval.

Ela não viu nenhum sinal de vida, e não ouviu nenhum movimento. Ela não ouviu absolutamente nada. Ela se perguntou onde todos estavam.

Eles entraram em outra sala, o chão levemente inclinado para baixo, e ela perdeu o fôlego. Esta pequena sala estava cheia de tesouros. Era um museu em funcionamento, e tudo estava guardado com cuidado em redomas de vidro. Bem ali na sua frente, sob luzes fortes de halogênio, estavam o que pareciam ser milhões de dólares em tesouros antigos inestimáveis. Cruzes de ouro. Cálices de prata enormes. Manuscritos medievais...

Ele seguiu Caleb enquanto ele caminhou pela sala e parou em frente de uma longa redoma de vidro vertical. Dentro dela, estava um magnífico cajado de marfim, com vários metros de altura. Ele olhou para o objeto através do vidro.

Ele ficou quieto por vários segundos.

“O que é?” ela finalmente perguntou.

Ele continuou olhando, em silêncio. Finalmente, ele disse, “Um velho amigo.”

E era tudo. Ele não disse mais nada. Ela se perguntou que tipo de história ele tinha com o objeto, e que tipo de poder ele tinha. Ela leu a placa: início dos anos 1300.

“Ele é conhecido como um básculo. O cajado de um bispo. É uma vara e um cajado ao mesmo tempo. Uma vara para punição e um cajado para guiar os fiéis. O símbolo da nossa igreja. Ele tem o poder de abençoar ou amaldiçoar. É o que guardamos. É o que nos mantém seguros.”

Sua igreja? O que eles guardam?

Antes que ela pudesse fazer mais perguntas, ele segurou sua mão e a levou através de outra porta.

Eles chegaram até uma corda de veludo. Ele esticou a mão, soltou a corda e a puxou para que ela entrasse. Ele seguiu atrás dela, recolocou a corda e a levou até uma pequena escada de madeira circular. A escada descia, e parecia levar para dentro do solo. Ela olhou para a escada, confusa.

Caleb se ajoelhou e abriu uma trava secreta no chão. Uma pequena porta no chão foi aberta e ela pôde ver que a escada continuava para baixo, até as profundezas.

Caleb olhou dentro dos olhos dela, “Você está pronta?”

Ela queria dizer não. Mas, ao invés disso, ela segurou a mão dele.

*

Esta escada era estreita e íngreme, e levava até uma escuridão completa. Depois de girar e girar, cada vez mais profundamente, ela finalmente viu uma luz à distância, e começou a ouvir movimentos. Quando eles fizeram a curva, entraram em outra sala.

Esta sala era enorme e muito iluminada, tochas em todo o lugar. Ela era idêntica à sala no andar de cima, com altos tetos de pedra medievais, arqueados, cobertos com detalhes intrincados. Havia grandes tapeçarias nas paredes, e o enorme espaço estava cheio de mobília medieval.

Também estava cheio de pessoas. Vampiros. Todos estavam vestidos de preto e se moviam casualmente pela sala. Muitos deles estavam sentados em várias cadeiras, alguns estavam conversando um com o outro. No outro clã, embaixo da prefeitura, ela havia sentido o mal, a escuridão, havia se sentido em perigo constante. Aqui, ela se sentia estranhamente relaxada.

Caleb a conduziu pela longa sala, até o centro. Enquanto caminhavam, o movimento diminuiu e um sussurro iniciou. Ele podia sentir todos os olhos neles.

Quando eles chegaram ao outro lado da sala, Caleb se aproximou de um vampiro grande, mais alto do que ele, e com ombros muito mais largos. O homem olhou para baixo, sem nenhuma expressão.

“Eu preciso de uma audiência,” Caleb disse simplesmente.

O vampiro se virou lentamente e caminhou até a entrada, fechando a porta firmemente.

Caleb e Caitlin ficaram parados ali, esperando. Ela se virou e examinou a sala. Todos eles – centenas de vampiros – estavam olhando para eles. Mas ninguém tentou se aproximar.

A porta abriu e o vampiro grande gesticulou. Eles entraram.

Esta pequena sala era mais escura, iluminada apenas por duas tochas do outro lado da sala. Ela também estava completamente vazia, com exceção da longa mesa do lado oposto. Atrás dela, haviam sete vampiros, todos com olhares sombrios. Aquilo parecia um painel de juízes.

Havia algo nestes vampiros que os fazia parecer muito mais velhos. Havia uma dureza em suas expressões. Definitivamente um painel de juízes.

“O Conselho está em sessão!” o vampiro grande gritou, batendo seu cajado no chão, e saindo rapidamente da sala. Ele fechou a porta firmemente atrás dele. Agora, eram apenas os dois, na frente dos sete vampiros.

Ela ficou parada timidamente ao lado de Caleb, sem saber o que fazer ou dizer.

Um silêncio desconfortável seguiu, enquanto os juízes os estudavam. Era como se eles estivessem olhando através de suas almas.

“Caleb,” uma voz grave surgiu do vampiro no centro do painel. “Você abandonou o seu posto.”

“Eu não o abandonei, senhor,” ele respondeu. “Eu permaneci em meu posto por 200 anos. Fui forçado a agir esta noite.”

“Você não faz nada que não tenha sido comandado por nós,” ele respondeu. “Você comprometeu a todos nós.”

“O meu trabalho era nos alertar da chegada da guerra,” Caleb respondeu. “Eu acredito que essa hora chegou.”

Um suspiro veio do Conselho. Houve um longo silêncio.

“E o que faz você concluir isto?”

“Eles a encharcaram com água benta, e a pele dela não queimou. A doutrina nos diz que o dia chegará quando a Escolhida chegará e será imune

às nossas armas. E que ela trará a guerra.”

Um sussurro surpreso correu pela sala. Todos olharam para Caitlin, examinando-a. Vários dos juízes começaram a conversar entre si, até que, finalmente, o juiz no meio bateu na mesa com a palma da mão.

“Silêncio!” Ele gritou.

Gradualmente, o murmuro parou.

“Então. Você arriscou a todos nós para salvar uma humana?” ele perguntou.

“Eu a salvei para nos salvar,” Caleb respondeu. “Se ela é a Escolhida, nós não somos nada sem ela.”

A cabeça de Caitlin girava. Ela não sabia o que pensar. *A Escolhida? Doutrina? Do que ele estava falando?* Ela se perguntou se ele achava que ela era outra pessoa, que ela era alguém mais importante do que ela é.

Desânimo se abateu sobre ela, não por causa da maneira que o Conselho olhava para ela, mas por que ela começou a se preocupar com a possibilidade de Caleb ter salvado a vida dela apenas para o seu próprio benefício. E que ele não se importasse realmente com ela. E que aquela afeição por ela fosse desaparecer quando ele soubesse da verdade. Ele descobriria que ela era apenas uma garota comum, sem se importar com o que havia acontecido nos últimos dias, e ele a abandonaria. Assim como todos os outros homens na vida dela.

Como se para confirmar seus pensamentos, o juiz no meio balançou sua cabeça lentamente, olhando para Caleb com condescendência.

“Você cometeu um grande erro,” ele disse. “O que você não consegue ver é que é você quem começou esta guerra. A sua partida é o que os alertou de nossa presença.

“Além disso, ela não é quem você pensa que é.”

Caleb começou, “Mas como você explica—”

Outro membro do conselho falou desta vez, “Muitos séculos atrás, houve um caso como esse. Um vampiro era imune à armas. As pessoas também pensaram que ele era o Messias naquela época. Ele não era. Ele era apenas um mestiço.”

“Mestiço?” Caleb perguntou. Ele parecia inseguro de repente.

“O vampiro por nascimento,” ele continuou, “que nunca foi transformado. Eles são imunes à algumas armas, mas não à outras. Mas isso não os faz um de nós. Nem os torna imortais. Eu lhe mostrarei,” ele continuou, e se virou para Caitlin de repente.

Ela ficou nervosa com os olhos dele olhando através dela. “Conte-me jovem, quem transformou você?”

Caitlin não tinha ideia do que ele estava falando. Ela nem sequer sabia o que a pergunta dele significava. Mais uma vez naquela noite, ela se perguntou qual seria a melhor resposta a dar. Ela hesitou, sentindo que qualquer coisa que dissesse teria um grande impacto, não apenas na sua segurança, mas na de Caleb também. Ela queria dar a resposta certa para ele, mas simplesmente não sabia o que dizer.

“Eu sinto muito,” ela disse, “Eu não sei do que você está falando. Eu nunca fui transformada. Eu nem sei o que isso significa.”

Outro membro do conselho se inclinou para frente. “Então, quem é o seu pai?” ele perguntou.

De todas as perguntas, por que ele tinha que fazer aquela? Aquela era a pergunta que ela sempre havia feito a si mesma, por toda a vida. Quem era ele? Por que ela nunca havia o conhecido? Por que ele a deixou? Era uma resposta que ela queria mais do que tudo no mundo. E agora, sob demanda, ela certamente não podia dá-la.

“Eu não sei,” ela disse, finalmente.

O membro do conselho se inclinou para trás, com um ar de vitória. “Você vê?” ele disse. “Mestiços não são transformados. E eles nunca conhecem seus pais. Você está enganado, Caleb. Você cometeu um erro grave.”

“A doutrina diz que um mestiço será o Messias, e que ela irá nos guiar até a espada perdida,” Caleb retrucou, em tom desafiador.

“A doutrina diz que um mestiço irá *trazer* o Messias,” o membro do conselho corrigiu. “Não *ser* o Messias.”

“Você está analisando palavras,” Caleb respondeu. “Eu estou lhe dizendo que a guerra começou, e que ela nos levará até a espada. O tempo é curto. Nós precisamos que ela nos leve até a espada. É a única esperança que temos.”

“Contos infantis,” respondeu outro membro do conselho. “A espada da qual você está falando não existe. E se existisse, não seria uma mestiça que nos levaria até ela.”

“Se nós não o fizermos, outros o farão. Eles irão capturá-la, e encontrar a espada, e usá-la contra nós.”

“Você cometeu uma grande violação ao trazê-la aqui,” outro juiz disse, da extremidade do painel.

“Mas eu—” Caleb começou.

“CHEGA!” o membro líder do conselho gritou.

A sala ficou em silêncio.

“Caleb. Você violou várias leis de nosso clã conscientemente. Você abandonou o seu posto. Você desgraçou a sua missão. Você iniciou uma guerra. E você colocou todos nós em risco por uma humana. Nem sequer uma humana, uma mestiça. E o que é pior, você a trouxe aqui, em nosso meio, colocando todos nós em perigo.

“Nós sentenciamos você a 50 anos de confinamento. Você não sairá deste local. E você expulsará esta mestiça de nosso território imediatamente.

“Agora, deixe-nos.”

Capítulo Treze

Caitlin e Caleb ficaram parados juntos no grande terraço aberto do lado de fora dos Claustros, observando a noite. À distância, ela podia ver o rio Hudson, espreitando entre as árvores sem folhas de março. À distância, ela podia ver até as pequenas luzes dos carros entrando na ponte. A noite estava completamente silenciosa.

“Eu preciso que você responda algumas perguntas para mim, Caleb,” ela disse suavemente, depois de vários segundos de silêncio.

“Eu sei,” Caleb respondeu.

“O que eu estou fazendo aqui? Quem você pensa que eu sou?” Caitlin perguntou. Ela precisou de mais alguns segundos para tomar coragem e fazer a pergunta final, “E por que você me salvou?”

Caleb olhou para o horizonte por vários segundos. Ela não conseguia adivinhar o que ele estava pensando, ou se ele a responderia.

Finalmente, ele se virou para ela. Ele olhou dentro dos olhos dela, e o poder do seu olhar era irresistível. Ela não conseguiria olhar para longe se tentasse.

“Eu sou um vampiro,” ele disse, categoricamente. “Do clã White. Eu tenho vivido por 3 mil anos, e faço parte deste clã por 800 desses anos.”

“Por que eu estou aqui?”

“Os clãs e as raças de vampiros estão sempre em guerra. Eles são muito territoriais. Infelizmente, você acabou caindo no meio disso tudo.”

“O que você quer dizer?” ela perguntou. “Como?”

Ele olhou para ela, confuso. “Você não se lembra?”

Ela olhou para ele, sem reação.

“Você matou. O assassinato desencadeou tudo isso.”

“Assassinato?”

Ele balançou a cabeça lentamente. “Então, você não se lembra. Típico. O primeiro assassinato é sempre assim.” Ele a olhou nos olhos. “Você matou alguém ontem à noite. Um humano. Você se alimentou dele. No Carnegie Hall.”

Caitlin sentiu seu mundo girar. Ela mal podia acreditar que era capaz de machucar qualquer pessoa, no entanto, bem no fundo, ela sabia que era

verdade. Ela estava com medo de perguntar quem ela havia matado. Poderia ter sido Jonah?

Como se lesse a mente dela, Caleb adicionou, “O vocalista.”

Caitlin mal podia absorver tudo aquilo. Parecia surreal demais. Ela sentiu como se tivesse acabado se ser rotulada com uma marca negra que ela nunca poderia desfazer. Ela se sentia horrível. E fora de controle.

“Por que eu fiz isso?” ela perguntou.

“Você precisava se alimentar,” ele respondeu. “Por que você o fez lá, e naquele momento, ninguém sabe. Foi isso que começou esta guerra. Você estava no território de outro clã. Um clã muito poderoso.”

“Então, eu estava no lugar errado na hora errada?”

Ele suspirou, “Eu não sei. Pode haver mais do que isso.”

Ela olhou para ele. “O que você quer dizer?”

“Talvez você *precisasse* estar lá. Talvez, esse fosse o seu destino.”

Ela pensou. Ela pensou muito, com medo de fazer a próxima pergunta. Finalmente, ela reuniu a coragem. “Então, isso significa que... eu sou uma vampira?”

Ele se virou. Depois de vários segundos, ele finalmente disse, “Eu não sei.”

Ele olhou para ela.

“Você não é uma vampira *verdadeira*. Mas você também não é uma humana verdadeira. Você está em algum lugar no meio.”

“Uma mestiça?” ela perguntou.

“É assim que eles a chamariam. Eu não tenho tanta certeza.”

“O que é isso, exatamente?”

“É um vampiro por nascimento. É contra a nossa lei, nossa doutrina, que um vampiro tenha filhos com um humano. No entanto, às vezes, um vampiro solitário faz isso. Se o humano der à luz, o resultado será um mestiço. Nem totalmente humano, nem totalmente vampiro. Eles são bastante desprezados por nossa raça. A penalidade pela miscigenação com um humano é a morte. Sem exceções. E a criança é considerada uma excluída.”

“Mas eu pensei que você tinha dito que o seu Messias seria um mestiço? Como eles podem desprezar um mestiço se ele será o seu salvador?”

“Tal é o paradoxo da nossa religião,” ele respondeu.

“Me conte mais,” ela incitou. “Como um mestiço é diferente, exatamente?”

“Vampiros verdadeiros se alimentam desde o momento em que são transformados. Mestiços geralmente não começam a se alimentar até que se tornem adultos.”

Ela estava com medo de fazer a próxima pergunta.

“Quando isso acontece?”

“Aos 18 anos.”

Caitlin pensou bem. Tudo estava começando a fazer sentido. Ela havia acabado de completar 18 anos. E os seus desejos haviam só começado.

“Mestiços também são mortais,” Caleb continuou. “Eles podem morrer, como os humanos normais. Nós não podemos.”

“Para se tornar um vampiro verdadeiro, uma pessoa precisa ser transformada por um vampiro de verdade, que tenha se alimentado com essa intenção. Os vampiros não têm permissão de transformar qualquer um —isso teria inflado demais a nossa raça. Eles precisam receber permissão antecipada do Conselho Mestre.”

Caitlin franziu a testa, tentando absorver tudo aquilo.

“Você tem algumas das nossas qualidades, mas não todas. E já que não é uma vampira verdadeira, a raça dos vampiros não irá aceitá-la. Todos os vampiros pertencem à um clã. É perigoso não pertencer à um. Normalmente, eu poderia pedir que você fosse aceita em nosso grupo. Mas já que você é mestiça... eles nunca permitiriam. Nenhum clã permitiria.”

Caitlin ponderou tudo. Se havia algo pior do que descobrir que ela não era totalmente humana, era descobrir que ela não era *totalmente* nada. Descobrir que ela não poderia pertencer a lugar nenhum. Ela não estava nem aqui, nem ali, presa entre dois mundos.

“Então, o que era aquela conversa sobre o Messias? Sobre eu ser... *A Escolhida?*”

“A nossa doutrina, nossa lei milenar, nos diz que um dia, um mensageiro, um Messias, irá chegar e nos guiar até a espada perdida. Ela nos diz que, nesse dia, a guerra irá começar, uma guerra final e geral entre as raças de vampiros, uma guerra que envolverá até a raça humana. É a nossa versão do Apocalipse. A única coisa que pode pará-lo, que pode salvar a todos nós, é a espada perdida. E a única pessoa que pode nos levar à ela é o Messias.”

“Quando eu vi o que aconteceu com você esta noite, eu tive certeza de que era você. Eu nunca havia visto nenhum outro vampiro imune àquela água benta.”

Ela olhou para ele.

“E agora?” ela perguntou.

Ele olhou para o horizonte.

“Eu não tenho tanta certeza.”

Caitlin olhou para ele. Ela sentiu um desespero crescendo.

“Então,” ela perguntou, com medo da resposta, “foi essa a única razão para você ter me salvado? Porque achava que eu iria guiá-lo até uma espada perdida?”

Caleb olhou para ela, e ele pôde ver a confusão em seu rosto.

“Que outra razão poderia haver?” ele respondeu.

Ela ficou sem fôlego, como se tivesse sido atingida por um bastão. Todo o amor que ela havia sentido por ele, a conexão que ela achou que eles tinham, sumiu em um único suspiro. Ela queria chorar. Ela queria sair correndo, mas não sabia para onde ir. Ela se sentia envergonhada.

“Bem,” ela disse, lutando contra as lágrimas, “pelo menos a sua *esposa* ficará feliz em saber que você estava apenas fazendo o seu trabalho. Que não tinha nenhum sentimento por outra pessoa. Ou por outra coisa, a não ser por aquela espada idiota.”

Ela se virou e saiu caminhando. Ela não sabia para onde estava indo, mas ela precisava sair de perto dele. Os seus sentimentos eram simplesmente fortes demais. Ela não sabia como entendê-los.

Ela havia andado apenas alguns metros quando sentiu uma mão em seu braço. Ele a virou. Ele ficou ali parado, olhando em seus olhos.

“Ela não é minha esposa,” ele disse suavemente. “Nós fomos casados uma vez, mas foi à 700 anos atrás. Na raça vampiresca, infelizmente, não esquecemos as coisas facilmente. Não existem anulações.”

Caitlin tirou a mão dele do seu braço, “Bem, seja lá quem ela for, ela ficará feliz em ter você de volta.”

Caitlin continuou caminhando, na direção da escada.

Novamente, ele a parou, dessa vez ficando diretamente em seu caminho.

“Eu não sei como eu a ofendi,” ele disse, “mas seja lá o que eu tenha feito, eu sinto muito.”

É o que você *não* fez, Caitlin queria dizer. É que você não se importava, você não me amava realmente. Eu era apenas um objeto, um meio para atingir um fim. Exatamente como todos os homens que ela já havia conhecido. Eu pensei que desta vez, talvez, as coisas seriam diferentes.

Mas ela não disse isso, apenas baixou a cabeça e fez o seu melhor para esconder uma lágrima. Ela não conseguiu. Ela sentiu as lágrimas quentes descendo pelo seu rosto. Havia uma mão em seu queixo, e ele o levantou, forçando-a a olhar para ele.

“Me desculpe,” ele disse finalmente, parecendo sincero. “Você estava certa. A espada não era a única razão para que eu salvasse você.” Ele respirou fundo. “Eu sinto algo por você.”

Caitlin sentiu seu coração se encher.

“Mas você precisa entender, é proibido. As leis são muito rígidas sobre isso. Um vampiro nunca, *jamais*, pode ficar com um humano ou um mestiço, ou qualquer um que não seja um vampiro verdadeiro. A punição seria a morte. Não há como contornar isso.”

Caleb olhou para baixo.

“Então, entenda,” ele finalmente continuou, “se eu sentisse algo por você, se eu agisse por qualquer outro motivo que não o bem geral, isso significaria a minha morte.”

“Então, o que vai acontecer comigo?” ela perguntou. Ela olhou à sua volta, “Está claro que eu não sou bem-vinda aqui. Para onde eu devo ir?”

Caleb olhou para baixo, balançando a cabeça.

“Eu não posso ir para casa,” ela adicionou. “Eu não tenho mais casa. Os policiais estão procurando por mim. E aqueles vampiros maus também estão. O que eu devo fazer? Voltar para lá sozinha? Eu nem sei mais o que eu sou.”

“Eu gostaria de ter essa resposta. Eu tentei. Eu realmente tentei. Mas não há nada mais que eu possa fazer. Ninguém pode desafiar o Conselho. Isso significaria a morte para nós dois. Eu estou sentenciado à 50 anos de confinamento. Não posso sair deste lugar. Se eu saísse, seria banido do clã para sempre. Você precisa entender.”

Caitlin se virou para ir, mas ele a virou novamente.

“Você *precisa* entender! Você é apenas humana. A sua vida irá terminar em 80 anos. Mas, para mim, são *milhares* de anos. O seu sofrimento é curto. O meu é eterno. Eu *não posso* ser banido pela eternidade. Meu clã é tudo o que eu tenho. Eu amo você. Eu sinto algo por você. Algo que até *eu mesmo* não entendo. Algo que eu nunca senti por ninguém em 3 mil anos. Mas eu não posso arriscar sair daqui.”

“Então,” ela disse, “Eu vou lhe perguntar novamente. O que vai acontecer comigo?”

Ele apenas olhou para baixo.

“Eu entendo,” ela respondeu. “Eu não sou mais problema seu.”

Caleb abriu sua boca para falar, mas desta vez, ela havia partido.

Realmente partido.

Ela saiu rapidamente do terraço, e desceu a escada de pedra. Desta vez, ela havia realmente partido, em direção ao Bronx naquela escura noite de Nova York. Ela nunca havia se sentido tão sozinha.

Capítulo Quatorze

Kyle desceu o corredor de pedra, acompanhado de um pequeno grupo de vampiros. Eles caminhavam rapidamente, seus passos ecoando, um dos seus assistentes carregando uma tocha na frente do grupo.

Eles estavam entrando no corredor de comando, uma câmara subterrânea na qual nenhum vampiro jamais entrou sem permissão. Kyle nunca havia descido tanto antes. Mas, naquele dia, ele havia sido chamado pelo próprio líder supremo. Deveria ser algo sério. Em 4 mil anos, Kyle nunca havia sido chamado. Mas ele ouviu sobre outros que haviam sido chamados. Eles haviam descido lá e nunca haviam voltado.

Kyle engoliu em seco e caminhou mais rápido. Ele sempre havia acreditado que era melhor receber notícias ruins rapidamente, e acabar de vez com o assunto.

Eles chegaram à uma grande porta aberta, guardada por vários vampiros, que os observavam friamente. Finalmente, eles deram um passo para o lado e abriram a porta. Mas depois que Kyle passou, eles levantaram seus cajados, impedindo que o resto do grupo o seguisse. Kyle sentiu a porta bater atrás dele.

Kyle viu dúzias de vampiros enfileirados, em posição de sentinela, parados silenciosamente em ambos os lados da sala. No centro da sala, sentado em uma enorme poltrona de metal, estava Rexus, seu líder supremo.

Kyle deu vários passos para frente e abaixou a cabeça, esperando ser chamado.

Rexus olhou para ele com seus frios e duros olhos azuis.

“Diga-me tudo o que você sabe sobre esta humana, ou mestiça, ou seja lá o que ela for,” ele começou. “E sobre este espião. Como ele infiltrou o nosso grupo?”

Kyle respirou fundo e começou.

“Nós não sabemos muito sobre a garota,” ele disse. “Não temos a mínima ideia de porque a água benta não a afetou. Mas nós sabemos que foi ela quem atacou o cantor. Nós o temos sob custódia agora, e assim que ele se recuperar, nós esperamos que ele nos leve até ela. Ele foi transformado por ela. Ele tem o cheiro dela em seu sangue.”

“À qual clã ela pertence?” Rexus perguntou.

Kyle arrastou os pés na escuridão, escolhendo suas palavras com cuidado.

“Nós achamos que ela é uma vampira solitária.”

“*Acham!?* Vocês *sabem* de alguma coisa?”

Kyle, repreendido, sentiu suas bochechas corarem.

“Então, você a trouxe até nós sem saber nada sobre ela,” Rexus disse. “Você colocou todo o seu clã em perigo.”

“Eu a trouxe para interrogá-la. Eu não tinha ideia de que ela seria imune—”

“E o espião?” Rexus perguntou, interrompendo-o.

Kyle engoliu.

“Caleb. Nós o trouxemos aqui 200 anos atrás. Ele havia provado a sua lealdade muitas vezes. Nós nunca tivemos nenhuma razão para suspeitar dele.”

“Quem o recrutou?” Rexus perguntou.

Kyle pausou. Ele engoliu em seco.

“Fui eu.”

“Então,” Rexus disse. “Mais uma vez, você permitiu que uma ameaça chegasse ao nosso grupo.”

Rexus olhou para ele. Aquela não era uma pergunta. Era uma afirmação. E cheia de condenação.

“Eu sinto muito, mestre,” Kyle disse, baixando a cabeça. “Mas, em minha defesa, ninguém aqui, nenhum único vampiro, jamais suspeitou de Caleb. Em muitas ocasiões —”

Rexus levantou sua mão.

Kyle parou.

“Você me forçou a iniciar a guerra. Agora, eu terei que redirecionar todos os nossos recursos. O nosso plano principal terá que ser suspenso.”

“Eu sinto muito, mestre. Eu farei tudo o que puder para encontrá-los, e fazê-los pagar.”

“Eu receio que é tarde demais para isso.”

Kyle engoliu em seco, se preparando para o que viria. Se fosse a morte, ele estava preparado.

“Você não precisa mais responder a mim. Eu também fui convocado. Pelo Conselho Supremo.”

Kyle arregalou os olhos. Ele havia ouvido rumores por toda a sua vida sobre o Conselho Supremo, o órgão dirigente dos vampiros a qual até mesmo o líder supremo precisava prestar contas. E agora, ele sabia que ele era real, e que eles o haviam convocado. Ele engoliu em seco.

“Eles estão muito insatisfeitos com o que aconteceu aqui hoje. Eles querem respostas. Você irá explicar o erro que cometeu, por que ela escapou, por que havia um espião infiltrado em nosso grupo e os nossos planos para remover outros espiões. Então, você aceitará o julgamento deles em sentença.”

Kyle acenou com a cabeça lentamente, apavorado pelo o que viria. Nada daquilo parecia bom.

“Nós nos encontraremos na próxima lua nova. Isso lhe dará tempo. Até lá, eu sugiro que você encontre esta mestiça. Se você conseguir, poderá estar salvando a sua vida.”

“Eu prometo, meu mestre. Irei convocar cada um de nossos vampiros. E eu mesmo irei liderá-los. Nós a encontraremos. E eu a farei pagar.”

Capítulo Quinze

Jonah estava sentado na delegacia de polícia, com muito medo. Ao seu lado direito, estava seu pai, parecendo mais nervoso do que Jonah já o havia visto, e do lado esquerdo, estava seu novo advogado. Na frente deles, na pequena e bem iluminada sala de interrogação, estavam cinco policiais. Atrás deles, haviam outros cinco, caminhando e agitados.

Aquela era a maior notícia do dia. Não só um vocalista de fama internacional havia sido morto durante a sua apresentação de estreia no Carnegie Hall—não só ele havia sido assassinado de uma forma suspeita, as coisas ficaram ainda piores. Quando a polícia seguiu a única pista que tinha, quando visitaram o apartamento dela, quatro policiais foram mortos. Dizer que as coisas haviam piorado era dizer o mínimo.

Agora, eles não estavam apenas atrás da “Açougueira de Beethoven” (ou “Assassina do Carnegie Hall,” como alguns jornais a estavam chamando) mas eles também estavam atrás de uma assassina de policiais. De quatro policiais. Todos os policiais da cidade estavam trabalhando no caso, e ninguém iria descansar até que ele fosse resolvido.

E a única pista que eles tinham estava sentada na frente deles. Jonah. O acompanhante dela naquela noite.

Jonah estava sentado com os olhos arregalados, sentindo as gotas de suor se formando novamente em sua testa. Esta foi a sua sétima hora na sala. Durante as primeiras três horas, ele havia limpado constantemente o suor de sua testa. Agora, ele apenas o deixava escorrer pelo seu rosto. Ele se recostou na cadeira, derrotado.

Ele não sabia o que mais dizer. Policial após policial havia entrado na sala. Todos fazendo as mesmas perguntas. Todas variações de um tema. Ele não tinha respostas. Ele não podia entender por que eles continuavam fazendo as mesmas perguntas, o tempo todo. *A quanto tempo você a conhece? Por que você a trouxe a este evento? Por que ela saiu durante o intervalo? Por que você não a seguiu?*

Como tudo terminou assim? Ela estava tão linda. Ela era tão doce. Ele adorava estar com ela e falar com ela. Ele tinha certeza de que aquele seria um encontro dos sonhos.

Então, ela havia começado a agir estranhamente. Logo depois da música começar, ele havia sentido uma inquietação crescendo nela. Ela parecia... doente não é a palavra. Ela parecia... nervosa. Mais do que isso: parecia que ela iria pular de sua própria pele. Como se precisasse chegar a algum lugar, e rápido.

A princípio, ele havia pensado que era apenas por que ela não estava gostando do concerto. Ele havia se perguntado se levá-la lá tinha sido uma má ideia. Então, ele se perguntou se talvez ela simplesmente não gostasse dele. Mas aquilo pareceu ficar mais intenso, e ele quase podia sentir o calor irradiando da pele dela. Ele havia começado a se perguntar se, talvez, aquilo fosse algum tipo de mal-estar, talvez intoxicação alimentar.

Quando ela finalmente se levantou, ele se perguntou se ela estaria correndo para o banheiro. Ele ficou confuso, mas esperou pacientemente em frente às portas, acreditando que ela voltaria depois do intervalo. Mas depois de quinze minutos, depois que o último sinal soou, ele havia voltado para o seu lugar sozinho, confuso.

Depois que outros 15 minutos tinham se passado, as luzes no salão inteiro subiram. Um homem havia entrado no palco e anunciado que o concerto não iria continuar. Que devoluções seriam feitas. Ele não disse por quê. O público inteiro se agitou, irritado, mas principalmente confuso. Jonah havia ido à concertos por toda a sua vida, e nunca havia visto um parar durante o intervalo. O vocalista teria ficado doente?

“Jonah?” A detetive resmungou.

Jonah olhou para ela, assustado.

A detetive olhou para ele, irritada. Grace era o nome dela. Ela era a policial mais durona que ele havia conhecido. E ela era incansável.

“Você não ouviu o que eu acabei de perguntar a você?”

Jonas balançou a cabeça.

“Eu quero que você me conte tudo o que você sabe sobre ela novamente,” ela disse. “Me conte de novo como vocês se conheceram.”

“Eu já respondi essa pergunta um milhão de vezes,” Jonah respondeu, frustrado.

“Eu quero ouvir novamente.”

“Eu a conheci na escola. Ela era nova. Eu dei a minha cadeira para ela.”

“E depois?”

“Nós começamos a conversar, nos vimos na cantina. Eu a convidei para sair. Ela disse sim.”

“Foi só isso?” A detetive perguntou. “Não há nenhum outro detalhe, nada mais para adicionar?”

Jonah se perguntou sobre o quanto contar a eles. Claro que havia mais. Havia a surra que ele levou daqueles garotos. Havia o diário dela, caído misteriosamente ao lado dele. A suspeita dele era de que ela havia estado lá. Que ela o havia ajudado. Que ela havia até batido naqueles caras de alguma forma. Como, ele não tinha ideia.

Mas o que ele podia dizer à estes policiais? Que ele havia apanhado? Que ele achava que a tinha visto lá? Que ele achava que a tinha visto bater em quatro caras com o dobro do seu tamanho? Nada daquilo fazia sentido, nem mesmo para ele. Com certeza, não faria sentido para eles. Eles achariam que ele estava mentindo, inventando histórias. Eles estavam atrás dela. E ele não iria ajudá-los.

Apesar de tudo, ele sentia que precisava protegê-la. Ele não conseguia entender o que havia acontecido. Uma parte dele não acreditava naquilo, não queria acreditar naquilo. Ela havia realmente matado o vocalista? Por quê? Haviam mesmo dois buracos no pescoço dele, como os jornais estavam dizendo? Ela teria o mordido? Ela era algum tipo de...

“Jonah,” Grace resmungou. “Eu disse, aconteceu mais alguma coisa?”

A detetive o observou.

“Não,” ele disse, finalmente. Ele esperou que ela não percebesse que ele estava mentindo.

Um novo detetive deu um passo à frente. Ele se inclinou, olhou nos olhos de Jonah. “Alguma coisa que ela lhe disse deu a entender que ela estava mentalmente instável?”

Jonah franziu a testa.

“Você quer dizer, louca? Por que eu pensaria isso? Ela era uma ótima companhia. Eu gosto muito dela. Ela é inteligente, e legal. Eu gosto de conversar com ela.”

“Exatamente, sobre o que vocês conversaram?” Era a detetive novamente.

“Beethoven,” Jonah respondeu.

Os detetives trocaram olhares. Pela expressão confusa e insatisfeita em seus rostos, alguém poderia imaginar que ele havia dito “pornografia.”

“Beethoven?” um detetive musculoso com 50 e poucos anos perguntou, em tom de zombaria.

Jonah estava exausto, e quis zombar dele também.

“Ele é um compositor,” Jonah disse.

“Eu sei quem Beethoven é, seu moleque,” o detetive retrucou.

Outro detetive, um homem musculoso em torno dos 60 anos com grandes bochechas vermelhas, deu três passos à frente, colocou suas mãos carnudas na mesa e se aproximou tanto que Jonah pôde sentir o cheiro do café em seu hálito. “Rapaz, isto não é um jogo. Quatro policiais estão mortos por causa da sua namoradina,” ele disse. “Agora, nós sabemos que *você* sabe onde ela está se escondendo,” ele disse. “É melhor você começar a falar e —”

O advogado de Jonah levantou a mão. “Isto é uma suposição, detetive. Você não pode acusar o meu cliente de—”

“Eu não dou a mínima para o seu cliente!” o detetive gritou.

Um silêncio tenso caiu sobre a sala.

De repente, a porta se abriu e outro detetive entrou, usando luvas de látex. Ele segurava o telefone de Jonah em uma mão e o colocou na mesa ao lado dele. Jonah estava feliz em vê-lo novamente.

“Alguma coisa?” um dos policiais perguntou.

O policial com as luvas as tirou e as jogou no lixo. Ele balançou a cabeça.

“Nada. O telefone do garoto está limpo. Ele tem algumas mensagens de texto enviadas por ela antes do concerto, mas é só isso. Nós tentamos o número dela. Desligado. Nós estamos verificando os registros telefônicos dela agora. De qualquer forma, ele está dizendo a verdade. Antes de ontem, ela nunca havia ligado ou enviado mensagens para ele.”

“Foi o que eu disse,” Jonah retrucou para os policiais.

“Detetives, já acabamos aqui?” O advogado de Jonah perguntou.

Os detetives se viraram e trocaram olhares.

“Meu cliente não cometeu nenhum crime, e não fez nada de errado. Ele tem cooperado totalmente com esta investigação, respondendo a todas as suas perguntas. Ele não tem nenhuma intenção de sair do estado, ou até da cidade. Ele está disponível para interrogação a qualquer momento. Eu peço agora que ele seja liberado. Ele é um estudante e tem aula pela manhã.” O advogado olhou para o seu relógio. “É quase 1h da manhã, senhores.”

Naquele momento, um toque alto soou na sala, acompanhado por uma forte vibração. Todos os olhos se focaram no telefone de Jonah, sobre a mesa de metal. Ele vibrou novamente e se iluminou. Antes que Jonah pudesse pegá-lo, ele viu quem estava ligando. Assim como todos na sala.

Era Caitlin.
Ela queria saber onde ele estava.

Capítulo Dezesseis

Caitlin olhou para o seu telefone novamente. Era 1h da manhã, e ela havia acabado de enviar uma mensagem para Jonah. Nenhuma resposta. Ele deveria estar dormindo. Ou, se estivesse acordado, ele provavelmente não queria saber dela. Mas aquilo era a única coisa que ela conseguia pensar em fazer.

Quando ela saiu dos Claustros e sentiu o ar fresco da noite, sua cabeça começou a clarear. Quanto mais longe ela ficava daquele lugar, melhor ela se sentia. A presença de Caleb, sua energia, a deixou lentamente, e ela começou a perceber que podia pensar claramente de novo.

Quando ela estava com ele, por alguma razão, ela não parecia ser capaz de pensar claramente sozinha. A presença dele era absoluta. Ela percebeu que era impossível pensar em qualquer coisa, ou em qualquer outra pessoa.

Agora que ela estava sozinha novamente, e longe dele, pensamentos sobre Jonah voltaram como uma onda. Ela se sentiu culpada por gostar de Caleb—sentiu que, de alguma forma, ela havia traído Jonah. Jonah tinha sido tão gentil com ela na escola, tão bom para ela durante o encontro. Ela se perguntou como ele estaria se sentindo em relação a ela agora, depois de fugir daquela forma. Ele provavelmente a odiava.

Ela caminhou pelo parque Fort Tryon e verificou o seu telefone novamente. Por sorte, ele era pequeno e ela o havia escondido bem no pequeno bolso interno da sua saia justa. De alguma forma, ele havia sobrevivido à tudo aquilo.

Mas a bateria não tinha. Faziam quase dois dias desde a última vez que ele havia sido carregado, e quando ela olhou para ele, viu que ele estava quase morrendo. Haviam apenas alguns minutos antes que ele desligasse completamente. Ela esperava que Jonah pudesse responder antes disso. Se não respondesse, ela não teria nenhuma forma de entrar em contato com ele.

Ele estava dormindo? Estava a ignorando? Ela não podia culpá-lo. Ela também havia o ignorado.

Caitlin andou e andou pelo parque. Ela não tinha ideia de onde estava indo. Tudo o que ela sabia era que precisava se afastar daquele lugar. De Caleb. Dos vampiros. De tudo aquilo. Ela só queria a sua vida normal de

volta. No fundo de sua mente, ela pensou que, se ela caminhasse para longe o suficiente, e por tempo suficiente, talvez tudo aquilo fosse desaparecer. Talvez o sol nascente trouxesse um novo dia, e tudo aquilo sumisse como um sonho muito, muito ruim.

Ela olhou para o telefone. Ele estava piscando agora, quase completamente sem bateria. Ela sabia por experiência que tinha cerca de 30 segundos antes que ele desligasse. Ela olhou para o telefone por todo aquele tempo, esperando, rezando que Jonah respondesse. Que ele ligasse de repente e dissesse, *Onde você está? Eu irei já para aí.* Que ele a salvasse de tudo aquilo.

Mas, enquanto ela observava, o telefone apagou. Morto. Completamente morto.

Ela colocou o telefone de volta no bolso, conformada. Conformada com sua nova vida. Conformada com não ter mais ninguém. Ela teria que depender apenas de si mesma. Como ela sempre havia feito.

Ela saiu do parque Fort Tryon e estava no Bronx, de volta à cidade. Aquilo lhe deu uma sensação de normalidade. De direção. Ela não sabia exatamente para onde ir, mas ela gostava de estar indo na direção de Midtown.

Sim. Era para lá que ela iria. Penn Station. Ela pegaria um trem, iria para longe daquilo. Talvez, voltasse para a sua última cidade. Talvez, o irmão dela ainda estivesse lá. Ela poderia começar de novo. Agir como se nada daquilo tivesse acontecido.

Ela olhou ao redor: pichações em todo lugar, traficantes em cada esquina. Mas, por alguma razão, desta vez, eles a deixaram em paz. Talvez eles percebessem que ela havia chegado ao seu limite. Que não havia nada mais para tirar dela.

Ela viu uma placa. Rua 186. Seria uma longa caminhada. Cento e cinquenta quadras até a Penn Station. Levaria a noite inteira. Mas era isso que ela queria. Limpar a sua mente. De Caleb, de Jonah. Dos eventos das últimas duas noites.

Ela via um outro futuro à sua frente, e ela estava pronta para caminhar a noite inteira.

Capítulo Dezessete

Quando Caitlin acordou, era de manhã. Ela podia sentir a luz do sol batendo nela, e ela, sonolenta, levantou a cabeça para se situar. Ele sentiu pedra fria tocando a pele dos seus braços e testa. Onde ela estava?

Quando ela levantou a cabeça e olhou ao seu redor, ela percebeu que estava no Central Park. Ela se lembrou que havia parado ali em algum momento durante a noite, para descansar. Ela estava tão cansada, tão esgotada. Ela deve ter caído no sono sentada, se recostando e descansando os braços e cabeça no corrimão de mármore.

Já era o meio da manhã, e as pessoas estavam chegando ao parque. Uma senhora, com sua filha pequena, passou por ela e a lançou um olhar estranho. Ela puxou sua filha para perto dela enquanto passavam.

Caitlin se sentou direito e olhou à sua volta. Algumas pessoas olharam para ela, e ela se perguntou o que eles deveriam estar pensando. Ela olhou para as suas roupas sujas. Elas estavam cobertas de sujeira. Àquela altura, ela não se importava realmente. Ela só queria sair daquela cidade, este lugar com o qual ela havia associado tudo o que havia dado de errado.

Então, ela sentiu. A fome. Ela sentiu uma pontada e se sentiu mais faminta do que nunca. Mas não era uma fome normal. Era um desejo insano e primitivo. Como ela havia sentido no Carnegie Hall.

Um pequeno menino brincando com uma bola de futebol, sem ter mais do que seis anos, a chutou, por acidente, para perto dela. Ele veio correndo na direção dela. Os pais dele estavam longe, a pelo menos 15 metros.

Esta era a sua chance. Cada osso de seu corpo gritava pedindo por alimento. Ela olhou para o pescoço do menino, focou em seu sangue pulsando. Ela podia senti-lo. Quase cheirá-lo. Ela queria atacar.

Mas em algum lugar, alguma parte dela a fez parar. Ela sabia que passaria fome se não se alimentasse, e que morreria logo depois. Mas ela preferia morrer do que machucá-lo. Ela o deixou ir.

A luz do sol era ruim, mas suportável. Seria por que ela era uma mestiça? Como o sol afetaria outros vampiros? Talvez, isso desse a ela algum tipo de vantagem.

Ela olhou em sua volta, piscando com a forte luz do sol, e se sentiu atordoada e confusa. Havia tanta gente. Tanta comoção. Por que ela havia

parado ali? Para onde ela estava indo? Sim... Penn Station.

Ela sentiu a dor em seus pés cansados, doloridos de tanto caminhar. Mas ela não estava longe agora. Não mais do que 30 quadras. Ela andaria o resto do caminho, pegaria um trem e sairia dali. Ela se obrigaria, com pura força de vontade, a ser normal novamente. Se ela se distanciasse o suficiente da cidade, talvez, talvez aquilo acontecesse.

Caitlin se levantou lentamente, se preparando para caminhar.

“Parada!” uma voz gritou.

“Não se mexa!” gritou outra voz.

Caitlin se virou lentamente.

Na sua frente, estavam pelo menos uma dúzia de policiais uniformizados de Nova York, todos com suas armas apontadas. Eles mantinham distância, cerca de sete metros, como se tivessem medo de se aproximar. Como se ela fosse algum tipo de animal selvagem.

Ela olhou para eles e, estranhamente, não estava com medo. Em vez disso, ela sentiu um estranho tipo de paz crescer dentro dela. Ela estava começando a se sentir mais forte do que os humanos. E com cada momento que passava, ela se sentia menos e menos parte da raça deles. Ela sentiu um estranho tipo de invencibilidade, sentiu que, independentemente de quantos deles houvessem, ou de quantas armas tivessem, ela podia fugir deles, ou vencê-los.

Por outro lado, ela se sentia cansada. Conformada. Uma parte dela não queria mais fugir. De policiais. De vampiros. Ela não sabia para onde estava fugindo, ou do que estava fugindo. De alguma forma estranha, ela gostaria de ser levada pela polícia. Ser presa seria pelo menos algo normal, racional. Talvez, eles pudessem afetá-la e fazê-la entender que era apenas humana, no fim das contas.

Os policiais se aproximaram dela lenta e cuidadosamente, com as armas apontadas, se movendo com cuidado.

Ela os observou se aproximando, mais interessada do que com medo. Os sentidos dela haviam se aguçado. Ela notava cada pequeno detalhe. O formato detalhado de suas armas, o contorno dos gatilhos, até quão longas as suas unhas estavam.

“Coloque as suas mãos onde possamos vê-las!” um policial gritou.

Os policiais mais próximos estavam a apenas alguns centímetros.

Ela se perguntou como a sua vida teria sido. Se o seu pai nunca tivesse ido embora. Se eles nunca tivessem se mudado. Se ela tivesse uma mãe

diferente. Se eles tivessem ficado em uma das cidades. Se ela tivesse tido um namorado. Ela teria sido normal? A vida teria sido normal?

O policial mais próximo estava à 30 centímetros de distância.

“Vire-se e coloque as mãos para trás,” disse o policial. “Devagar.”

Ela levantou os braços lentamente, se virou e colocou os braços para trás. Ela pôde sentir o policial segurar um de seus pulsos com força, e depois o outro, puxando seus braços para trás bruscamente, alto demais, usando força desnecessária. Que mesquinho. Ela sentiu o aperto frio das algemas, e podia sentir o metal cortando sua pele.

O policial a agarrou pela nuca, segurou seu cabelo, com muita força, e se inclinou, colocando sua boca ao lado do ouvido dela. Ele sussurrou, “Você vai fritar.”

E então, aconteceu.

Antes que ela soubesse o que estava acontecendo, houve um barulho repugnante de ossos sendo quebrados, seguido pelo respingo de sangue—e a sensação e o cheiro de sangue quente em seu rosto.

Ela ouviu gritos e berros, e tiros foram dados, tudo em uma fração de segundo. Não foi até que ela instintivamente caísse de joelhos no chão, se virasse e olhasse para cima, que ela entendeu o que estava acontecendo.

O policial que havia a algemado estava morto, decapitado, com a cabeça cortada ao meio. Os outros policiais estavam disparando loucamente, mas estavam em menor número. Um grupo de vampiros – os mesmos da prefeitura – haviam chegado. Eles estavam despedaçando os policiais.

Os policiais conseguiram acertar alguns deles, mas não adiantou nada. Eles continuaram atacando. Era um banho de sangue.

Dentro de alguns segundos, os policiais estavam em pedaços.

Caitlin sentiu de repente o calor familiar em seu sangue, sentiu o poder a preenchendo, subindo dos seus pés até seus braços e ombros. Ela esticou os braços e arrebentou as algemas. Ela trouxe as mãos para frente e olhou, chocada com sua própria força. O metal pendia de cada pulso, mas as suas mãos estavam livres.

Ela ficou em pé com um pulso, assistindo fascinada à cena medonha a sua frente. O grupo inteiro de vampiros estava debruçado sobre os corpos dos policiais. Eles pareciam distraídos demais para notá-la. Ela percebeu que precisava escapar. Rápido.

Mas antes que pudesse concluir o pensamento, ela sentiu uma mão gelada e muito forte em sua nuca. Ela olhou e reconheceu o rosto. Era Kyle.

E ele tinha um olhar de morte.

Ele riu para ela, quase um rosnado.

“Nós não estamos salvando você,” ele disse. “Estamos apenas pegando o que é nosso.”

Ela tentou resistir. Ela balançou o braço, mas ele o bloqueou facilmente e a agarrou pela garganta. Ela estava ficando sem ar. Ela simplesmente não era páreo para ele.

“Você pode ser imune a muitas coisas,” ele disse, “mas você não é, nem de perto, tão forte quanto eu. E nunca será.”

Naquele momento, houve outra confusão de movimentos, e Caitlin pôde respirar novamente. Ela estava chocada em ver Kyle caindo para trás de repente. Ele foi lançado para trás com tanta força que atingiu o corrimão de mármore, quebrando-o, e voou para o outro lado.

Ela olhou e viu o que havia feito aquilo.

Caleb.

Ele estava aqui.

Antes que ela pudesse processar o que estava acontecendo, Caitlin sentiu a sua mão familiar em torno da sua cintura, seu braço e torso musculosos, e se sentiu ser agarrada por ele enquanto eles corriam e corriam, cada vez mais rápido, assim como eles haviam feito na noite anterior. Eles correram pelo Central Park, na direção sul, e em alguns momentos, as árvores se tornaram um borrão. Eles decolaram. Mais uma vez, eles estavam voando.

Eles estavam no ar, sobre a cidade, quando Caleb abriu suas asas e a envolveu com elas.

“Eu pensei que você não pudesse sair,” Caitlin disse finalmente.

“Eu não posso,” Caleb disse.

“Então... isso quer dizer que você será—”

“Banido. Sim.”

Ela se sentiu tomada pela emoção. Ele havia desistido de tudo por ela.

Enquanto eles voavam, cada vez mais alto, quase nas nuvens, Caitlin não tinha ideia de onde eles estavam indo. Ela olhou para baixo e pôde ver que eles estavam deixando a cidade. Ela relaxou. Ela estava tão feliz de ficar longe de tudo aquilo, totalmente pronta para um novo começo. E principalmente, ela estava feliz de estar nos braços de Caleb. O céu à frente deles tinha um brilho laranja suave, e ela desejou apenas que aquele momento nunca acabasse.

Agora disponível!

AMADA
(Livro 2 da série Memórias de um Vampiro)

[Clique aqui para baixar AMADA no Amazon agora!](#)



Caitlin e Caleb embarcam juntos em sua missão para encontrar o único objeto que pode parar a guerra iminente entre vampiros e humanos: a espada perdida. Um objeto vampírico, existem sérias dúvidas quanto à sua existência.

Se existe qualquer esperança de achá-la, eles precisam primeiro rastrear a descendência de Caitlin. Ela é realmente a Escolhida? A sua busca começa com a procura pelo pai de Caitlin. Quem era ele? Por que ele a abandonou? Quando a busca se amplia, eles ficam chocados com o que descobrem sobre quem ela realmente é.

Mas eles não são os únicos que procuram pela espada lendária. O clã Blacktide também a quer, e eles estão se aproximando de Caitlin e Caleb. E o que é pior, o irmão mais novo de Caitlin, Sam, continua obcecado em encontrar o seu pai. Mas Sam logo se vê em uma situação complicada, no meio de uma guerra de vampiros. Ele irá comprometer a busca deles?

A jornada de Caitlin e Caleb os leva para um redemoinho de locais históricos—desde o Hudson Valley até Salem, e ao coração da Boston histórica—o local exato onde bruxas foram enforcadas no

monte de Boston Common. Por que estes locais são tão importantes para a raça dos vampiros? E o que eles têm a ver com a descendência de Caitlin, e com o que ela está se tornando?

Mas eles podem nem chegar lá. O amor de Caitlin e Caleb está crescendo. E o seu romance proibido pode destruir tudo o que eles desejam conquistar...

AMADA é a sequência de TRANSFORMADA, e tem 51 mil palavras.

"AMADA, o segundo livro da série Memórias de um Vampiro, é tão bom quanto o primeiro, TRANSFORMADA, e está cheio de ação, romance, aventura e suspense. Este livro é uma ótima adição à esta série e deixará você querendo mais de Morgan Rice. Se você amou o primeiro livro, agarre este e se apaixone novamente."

--Vampirebooksite.com

"A série MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO tem um ótimo enredo, e AMADA em particular foi o tipo de livro que você não consegue largar à noite. O final criou um suspense tão espetacular que você irá querer comprar o próximo livro imediatamente, só para ver o que acontece. Como você pode ver, este livro foi um grande passo para a série e recebe um A sólido."

--The Dallas Examiner

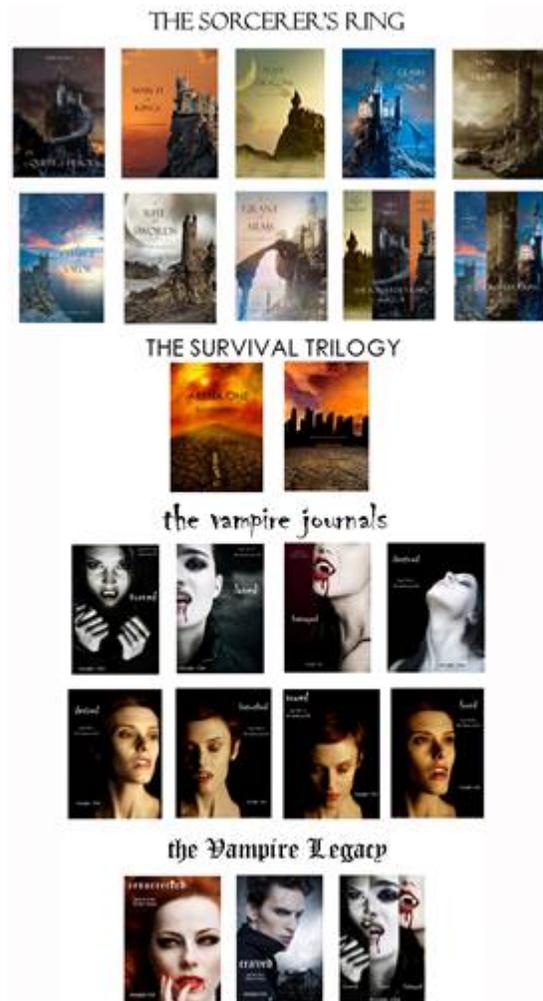
"Em AMADA, Morgan Rice demonstra novamente ser uma contadora de histórias extremamente talentosa... Cativante e divertido, eu gostei muito mais deste livro do que do primeiro e estou esperando ansiosamente pelo próximo título."

--The Romance Reviews

[Clique aqui para baixar AMADA no Amazon agora!](#)



[Clique aqui para baixar estes livros de Morgan Rice no Amazon agora!](#)





Ouçã à série MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO em áudio!

Agora disponível em:

Amazon
Audible
iTunes

Sobre Morgan Rice

Morgan é a autora da série épica de fantasia best-seller, O ANEL DO FEITICEIRO, atualmente com dez livros. O primeiro livro da série, UMA MISSÃO DE HERÓIS, está disponível como um [download GRATUITO no Amazon!](#)

Morgan Rice é a autora do best-seller MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO, uma série infanto-juvenil com dez livros que foram traduzidos em seis idiomas, e que começa com o livro TRANSFORMADA (Livro 1)!

Morgan também é a autora dos best-sellers ARENA UM e ARENA DOIS, os primeiros dois livros da TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um suspense de ação pós-apocalíptico que se passa no futuro.

Morgan adora ler os seus comentários, por isso sinta-se livre para visitar www.morganricebooks.com e entrar em contato.

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

- UMA MISSÃO DE HERÓIS (Livro 1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro 2)
- UM BANQUETE DE DRAGÕES (Livro 3)
- UM CONFLITO DE HONRA (Livro 4)
- UMA PROMESSA DE GLÓRIA (Livro 5)
- UMA TAREFA DE VALOR (Livro 6)
- UM RITUAL DE ESPADAS (Livro 7)
- UMA DOAÇÃO DE ARMAS (Livro 8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro 9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro 10)

A TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA

- ARENA UM: COMERCIANTES DE ESCRAVOS (Livro 1)
- ARENA DOIS (Livro 2)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro 1)
- AMADA (Livro 2)
- TRAÍDA (Livro 3)
- DESTINADA (Livro 4)
- DESEJADA (Livro 5)
- PROMETIDA (Livro 6)
- JURADA (Livro 7)
- ENCONTRADA (Livro 8)
- RESSUSCITADA (Livro 9)
- NECESSÁRIA (Livro 10)